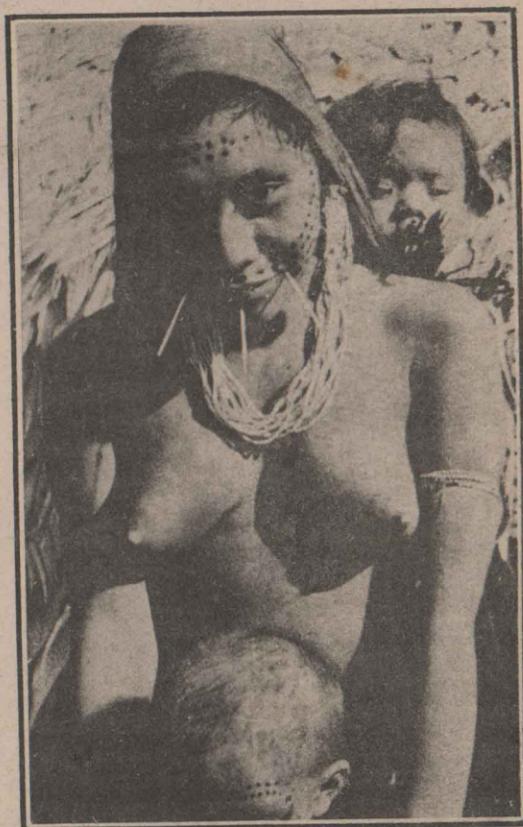




FAO VÊ FUTURO NO PROJETO DA COTRIJUI NA AMAZÔNIA

A Amazônia, misteriosa e bela, em sua exuberância selvagem, deve sair dos catálogos de turismo para os compêndios de economia. A COTRIJUI vai fazer a sua parte. Selecionada pelo INCRA, última projeto de viabilidade para colonizar área de 400 mil hectares no município de Altamira, estado do Pará.

A FAO — Fundo das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura — solicitada a opinar a respeito do grande Projeto, deu seu veredito favorável à sua realização, conforme relatamos à página 9 desta edição. Na foto, índia da região, com seu filho às costas, dando uma idéia do primitivismo da vida que persiste na maior parte do território da região.



O apocalipse existe: Aconteceu em duas ilhas do Oceano Pacífico

O Apocalipse aconteceu. Não, evidentemente, por ingerência ou determinação Divina, conforme o preceito bíblico; pois em verdade vos digo que Deus nunca teve vocação para a carnificina. Mas aconteceu pelas mãos do próprio homem, esse irado espécime bípede, que reina absoluto sobre todas as demais espécies que o sol cobre.

Neste mes de agosto, quando transcorre 31 anos desde a ocorrência dantesca, elaboramos matéria de pesquisa que lembra o fato macabro. Leia na Seção de História, à página 18.



ATENÇÃO PARA O PROBLEMA DO ÊXODO RURAL
Página 2

COTRIJORNAL CUMPRIMENTADO PELO 3º ANO
Página 21

A SOJA RENDEU 1,3 BILHÃO DE DOLARES
Página 6

FUNCIONANDO A NOVA FÁBRICA DA COTRIJUI
Página 4

FESTEJADO DIA DO COLONO EM IJUI
Última Página



Rua das Chácaras, esquina
Av. Porto Alegre,
Caixa Postal, 111
IJUI - RS.
Inscr. 065/00070
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC 90.726.506/001

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar
Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Fa-
rina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides
Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodri-
gues Borges, Nelcy Rospide Nunes,
Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Er-
win Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer,
Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bi-
zarello, Flávio Sperotto e Reinhol-
do Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Itelvino Sperotto,
Herbert Hintz, Carlos Krüger, Ama-
ry Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Kohler, Emilio Uhde e
Zeno Foletto.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Mário Euzires de Moura Guterres,
Harry Reisdorfer e Olderige Antonio
Bertol.

Capacidade em Armazenagem

IJUI (Sede)	98.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jôia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
* Breve mais 66.000 T. de capaci- dade em Ijuí.	



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao qua-
dro social, autoridades, universida-
des e técnicos do setor, no país e ex-
terior. Nossa tiragem, 12.000 exem-
plares.



Associado
da ABERJE
Associação
Brasileira
de Editores
de Revistas
e Jornais
de Empresa

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua das Chácaras, esq. Av. Porto Ale-
gre. Caixa Postal, 111
98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de pro-
priedade industrial M/C11 n. 022.775
de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n.
022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no-MTPS 1176,
matricula no SJPPA n. 550, sócio da
Associação Riograndense de Impren-
sa sob n. 1571.

Composto no JORNAL DA MANHÃ
Ijuí, e impresso em rotativa off-set
no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

EDITORIAIS

Problema persistente o êxodo rural

Ao assumir o Ministério da Agricultura no começo do Governo do general Emilio Médici, o sr. Luiz Fernando Cirne Lima manifestou, como um dos primeiros propósitos de sua gestão a frente da Pasta, o retorno de 10 mil famílias de egressos do campo que viviam nas periferias das cidades brasileiras. Dizia o então Ministro, com o aval de todos quantos conhecessem nossa realidade social suburbana, que o mal das cidades era o quantitativo humano oriundo do campo que se localizava, cada vez em maior número, em sua periferia.

Cirne Lima não chegou a iniciar a adoção dessa política. O assunto foi esquecido.

Novamente voltou a ser focalizado, com a realização em Porto Alegre, a 13 de julho, da Reunião sobre Migrações Internas, por iniciativa da Superintendência do Desenvolvimento do Extremo Sul SUDESUL, quando autoridades debateram o problema a nível Ministerial.

O secretário de Empregos e Salários do Ministério do Trabalho, sr. Carlos Roberto Soares de Melo, manifestando preocupação para a problemática, disse no plenário da Reunião que o Governo "poderá vir a estimular o retorno de trabalhadores que vivem desajustados nas cidades, para o campo, de onde saíram, por razões as mais diversas".

Por enquanto - afirmou a autoridade do Ministério do Trabalho - os técnicos estão tentando avaliar os motivos corretos que nas últimas décadas levaram milhões de trabalhadores rurais às cidades, onde, por falta de preparo profissional, se tornam desajustados e criam o fenômeno conhecido como "inchaço urbano".

Paralelamente à Reunião sobre Migrações Internas, realizou-se, também em Porto Alegre, de 12 a 16 de julho, o VII Congresso Estadual dos Trabalhadores Rurais. Neste conclave, por força da conjuntura social, o problema êxodo rural também foi analisado. E a conclusão a que chegou o plenário foi de que a reforma agrária é indispensável.

Para o presidente da Frente Agrária Gaúcha, Gentil Bonato, o êxodo rural é uma consequência da absoluta falta de opção do homem do campo, sem terra.

O problema do sem terra foi agravado mais ainda em face da mecanização da agricultura, que torna a mão-de-obra na lavoura cada vez mais ociosa.

A FAG sugeriu tres pontos que, no seu entender, resolverão a problemática do sem terra. Um dos pontos sugere o acesso à terra em regime de economia cooperativa. Esta será a maneira mais prática e exequível para a solução do problema. Considerando a alta valorização das terras para a agricultura, parece que só a compra e sua exploração em comandita, justificará os investimentos necessários.

Para nós, que entendemos ser o cooperativismo a solução, ficamos satisfeitos em constatar que o Govêrno retoma a preocupação com a grande problemática do êxodo rural.

A PESQUISA AGRÍCOLA TERÁ ESTÍMULO

"Uma vez que o item alimentação passará a ser a mercadoria mais importante do mundo de amanhã, mais até que o petróleo, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico aderiu à filosofia governamental de dar prioridade ao setor alimentar, não só pelo seu objetivo social, mas também pelo econômico".

A frase é do sr. Marcos Pereira Vianna, presidente do BNDE, e foi feita a 20 de julho último, no Rio, ao instalar o seminário sobre Indústria de Alimentação, promovido pelo próprio BNDE.

Destacou o sr. Marcos Vianna que o setor de alimentação tem importância especial para o Brasil, que reúne condições de vir a ser o celeiro do mundo. Consciente disso - enfatizou - o apoio do BNDE ao setor se evidencia no custo do dinheiro que empresta para pesquisas alimentares, que vão a somente 4% ao ano, sem correção monetária.

Sobre pesquisa agrícola, lembramos palestra feita pelo diretor-presidente da EMBRAPA, José Irineu Cabral, no I Simpósio Nacional de Café e Milho, promovido pela Confederação Nacional de Agricultura e Federação da Agricultura do Paraná, realizado em maio, em Curitiba. Na oportunidade, declarou o técnico que na próxima década o Brasil poderá competir em produtividade com qualquer outro país agrícola do mundo.

Segundo o diretor-presidente da EMBRAPA, no decorrer dos próximos 10 anos serão aplicados em pesquisas agrícolas "pelo menos 20 bilhões de cruzeiros, no setor". A afirmação é que os "recursos vão ser destinados a programas desenvolvidos conjuntamente pelos governos federal, estadual e iniciativa privada".

Já para este ano - disse o sr. José Irineu Cabral - a EMBRAPA aplicará em pesquisas um bilhão de cruzeiros e, no próximo ano, 1,7 bilhão.

É realmente salutar, constatar-se a preocupação que passa a vigorar por parte dos organismos públicos pela pesquisa a nível agrícola.

Não há de restar dúvida, porém, que se realmente somarem-se a pesquisa e a oferta de recursos financeiros para o produtor rural, nossa agricultura crescerá na medida das expectativas e das necessidades da nação.

Conforme comentamos na seção Economia, da presente edição, sob o título "A soja rendeu ao país 1,3 bilhão de dólares no semestre", a agricultura tecnicamente orientada e explorada, é a grande saída econômica para o país.

Segundo dados estatísticos divulgados pela CA-CEX, incluindo os mais destacados produtos da pauta agrícola, o montante exportado pelo país no semestre ascendeu de cinco bilhões de dólares, ultrapassando em 600 milhões o total obtido em 1975, quando nossas exportações agrícolas chegaram em 4 bilhões e 400 milhões de dólares.

Nossas potencialidades, no entanto, são ilimitadas. Nosso crescimento deverá dar-se nos sentidos vertical e horizontal. No vertical, através do fator quantitativo de produção e no horizontal, através do preenchimento dos espaços vazios, como por exemplo, o Mato Grosso, o Amazonas e o Pará.

Soja Brasileira uma Preocupação Americana

O crescimento do volume físico e a reconhecida qualidade da soja brasileira, vêm se constituindo em preocupação crescente dos Estados Unidos, país que, como primeiro produtor mundial do produto, e distanciado dos demais, reinou absoluto nos mercados da importante oleaginosa.

Recente relatório especial feito pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, admitiu que a presença brasileira tem aumentado de forma constante "desbancando, em parte, o grande produtor mundial de alguns de seus mercados tradicionais".

Segundo informe da UPI, o estudo prevê que a produção brasileira de soja alcançará 13 milhões de toneladas na safra de 1977. Despacho da agência italiana — ANSA — desde Washington, atribuiu ao vice-ministro da Agricultura dos EUA a afirmação de que os Estados Unidos estariam em condições de fornecer apenas 1,5 milhão de toneladas de soja de seus estoques à União Soviética. Como as necessidades soviéticas são de 2 milhões de toneladas — disse ele — a diferença deverá ser de origem brasileira.

A Ásia também começa a demonstrar interesse em adquirir soja brasileira. Em Seul, capital da Coreia do Sul, fontes do governo informaram há pouco que o país — um eterno comprador do produto norte-americano — projeta comprar soja ao Brasil. A medida, segundo as autoridades coreanas é "dar continuidade à sua política de diversificação das relações comerciais com os demais países".

A preocupação do governo dos Estados Unidos com a concorrência do produto brasileiro foi admitida pela primeira vez ano final de 1974. Na ocasião, em reunião com os produtores do Meio Oeste, David Hume, um alto funcionário do Ministério da Agricultura, apelou aos agricultores a plantarem mais soja para fazer frente à expansão da produção do Brasil. Mas o apelo, ao que parece, não surtiu o efeito desejado.

O relatório divulgado em julho último observa que "enquanto a produção de soja dos Estados Unidos mantém-se mais ou menos estável desde 1973, a soja brasileira cresceu mais de 100 por cento.

Com relação ao declínio da produção americana, o estudo manifestou que "o fornecimento mundial de óleo e farelo, considerados abundantes este ano, cairá em 1977, devido, principalmente, ao declínio de 11 por cento da produção de soja dos EUA. No entanto, a produção brasileira aumentará para a já citada cifra de 13 milhões de toneladas, o que dará um percentual de 12 por cento".

O Relatório afirma ainda que o aumento da produção brasileira de soja e derivados traduziu-se também na posição do Brasil como exportador mundial do produto. É pensamento do governo americano "que o Brasil, que mantém seu rápido crescimento como exportador de soja, ajudará a neutralizar a baixa (no comércio do produto, em 1977) com um aumento de 200 mil toneladas nas vendas de soja e óleo, até chegar a 1,340 milhão de toneladas no próximo ano comercial".

Parece que a preocupação maior vigente nos Estados Unidos dá-se em face da tendência da soja brasileira crescer em projeção contínua, "sem demonstrar qualquer sinal de paralisação ou inversão".

Desde que o Brasil surgiu como importante produtor e exportador de soja no começo desta década, a participação americana no mercado mundial de soja caiu de 95 por cento para 70 por cento, que é a estimativa para o próximo ano de 1977.

O relatório norte-americano também apresenta as previsões sobre a produção peruana de farinha de peixe (um concorrente do farelo de soja). Para 1977, os Estados Unidos estimam uma produção de 1,4 milhão de toneladas. Nos anos anteriores, a participação da farinha de anchoveta foi de 1,3 milhão de toneladas em 1976; um milhão de toneladas em 1975; 1,3 milhão de toneladas em 1974 e 600 mil toneladas em 1973.

Mais saúde e mais vigor físico pelo esporte



No setor esportivo mundial, o findo mês de julho foi marcado pela euforia da Olimpíada. Com exceção de um grupo de países africanos que rejeitaram a participação nas disputas por questões políticas e de Formosa, vetada pelo próprio país anfitrião, igualmente por motivo político, a maioria dos países dos cinco continentes defenderam suas respectivas bandeiras em Montreal, no Canadá.

Como já é tradicional, Alemanha, Estados Unidos e União Soviética, são as tres grandes potências do desporto mundial. Nestes jogos de Montreal não foi diferente. Eles continuaram sendo os campeões absolutos.

No caso particular da Alemanha, ou das Alemanhas (se so-

madas suas conquistas seriam imbatíveis nos jogos de Montreal) a foto acima pretende mostrar o eterno sucesso de seus atletas.

Na Alemanha, o desporto e exercícios físicos em geral, praticamente começam no berço. A natação, o ciclismo e o pedestrianismo são "contemporâneos da mamadeira".

Na fotografia, uma corrida de resistência para pessoas de 3 até 85 anos, foi realizada há pouco em Arolsen, como abertura de uma grande campanha intitulada Exercita-te! patrocinada pela Federação Alemã de Esportes e na qual tomaram parte várias centenas de pessoas. Entre os participantes, também desportistas proeminentes como Emil Zapotek, vencedor olímpico de 1952 nos 5.000 e 10.000

metros bem como na maratona (ao centro da foto) e Josy Barthel, vencedor olímpico de Luxemburgo de 1952 nos 1.500 metros (a direita) e Herbert Schede, medalha de bronze nos 5.000 metros em Helsinque, na Finlândia (a esquerda).

O participante mais jovem da corrida nos parques de Arolsen, com tres anos, foi o filho do jornalista Manfred Steffny e o mais idoso, Arthur Lambert, natural de Wuppertal, com 85 anos de idade.

A campanha incentivou na República Federal da Alemanha, desde 1970, cerca de 10 milhões de pessoas para atividades esportivas. Desse total, 1,76 milhão pratica regularmente corrida de resistência segundo informa a Federação Alemã dos Esportes.

Safra russa ameaçada

MOSCOU — A escassez de peças de reposição mantém imobilizados milhares de tratores e colheitadeiras na república soviética do Kazaquistão, uma das principais fontes de cereais da União Soviética, segundo admitiu o Pravda, órgão do Partido Comunista da União Soviética.

Embora salientando que a colheita de cereais se desenvolve a pleno vapor no sul do Kazaquistão, o jornal informou que 15 mil tratores estão parados por falta de pneumáticos para substituir os que se tornaram impres-

táveis com o uso. Em outra região, segundo o mesmo jornal, há três mil colheitadeiras imobilizadas, o que corresponde a metade do total disponível.

A república do Kazaquistão, no centro da Ásia, é responsável por 17 por cento dos cereais produzidos pela União Soviética.

Em Belgrado, o Parlamento aprovou, com vários meses de atraso, o plano quinquenal 1976 — 1980 que dá prioridade à produção de matérias — primas e desenvolvimento da infra-

estrutura sobre todos os outros setores. O plano prevê uma expansão anual média de 7 por cento, contra 6,5 por cento do plano anterior e dedica especial atenção ao turismo, que é grande fonte de divisa para o país.

Os planos econômicos da Iugoslavia diferem sensivelmente dos de outros países socialistas, equivalendo na prática a um sistema de acordos de colaboração entre as empresas e as repúblicas federativas. Conforme se constata pelo texto, a provisão alimentar do povo é o problema.

FUNCIONANDO A NOVA FÁBRICA DE ÓLEO DA COTRIJUI R. GRANDE

Está funcionando, ainda em caráter experimental, a grande fábrica de óleo de soja da COTRIJUI em Rio Grande, localizada na zona da Quarta Seção da Barra, junto ao Terminal Graneleiro da cooperativa.

A indústria inicia com uma capacidade operacional de 1.000 toneladas de soja por dia, nesta primeira fase, com previsão futura de transformar até 3.000 toneladas por dia. A indústria está erguida em terreno nos fundos do Terminal Graneleiro. Para a sua melhor operacionalidade, está interligada com os armazéns do Terminal através de correias transportadoras com capacidade de carregar grãos e farelo de soja.

No futuro, quando a fábrica estiver operando com capacidade plena, será necessário o aumento da capacidade de armazenagem e de carga. Deverá ser aumentada a capacidade de armazenagem, com a construção de mais 120 mil toneladas de armazéns e aumento do pier de embarque para a atracação e carga de dois navios, simultaneamente.

Atualmente, as 220 mil toneladas de capacidade estática já instaladas e o pier de embarque para um navio, são suficientes. Basta dizer que nesta etapa da indústria, o empreendimento está utilizando pequena parte

da capacidade ociosa do Terminal. No entanto, a tendência é para um crescimento contínuo, mediante o aumento da cadência da fábrica e consequente aumento dos volumes de exportação, notadamente de farelo e óleo.

A MOVIMENTAÇÃO DO GRÃO

O cereal pode ser descarregado no Terminal através de ferrovia, rodovia ou hidrovia, a um fluxo de 500 toneladas por hora para cada tipo de transporte. Esse cereal é armazenado mecanicamente, isto é, sem interferência da mão do homem, nos oito armazéns existentes.

O sistema instalado permite a operação simultânea de três produtos, ou sejam, por exemplo, soja, farelo e trigo. A nova fábrica possui um armazém especial, com capacidade de 30 mil toneladas de capacidade estática, para seu próprio abastecimento. Esse armazém é dividido. Num compartimento fica a soja a ser industrializada e no outro o farelo produzido — farelo peletizado, que ela produz em fluxo contínuo.

Além disso, esse armazém de nº 9 está interligado com o sistema transportador, podendo levar pellets para qualquer um dos oito armazéns

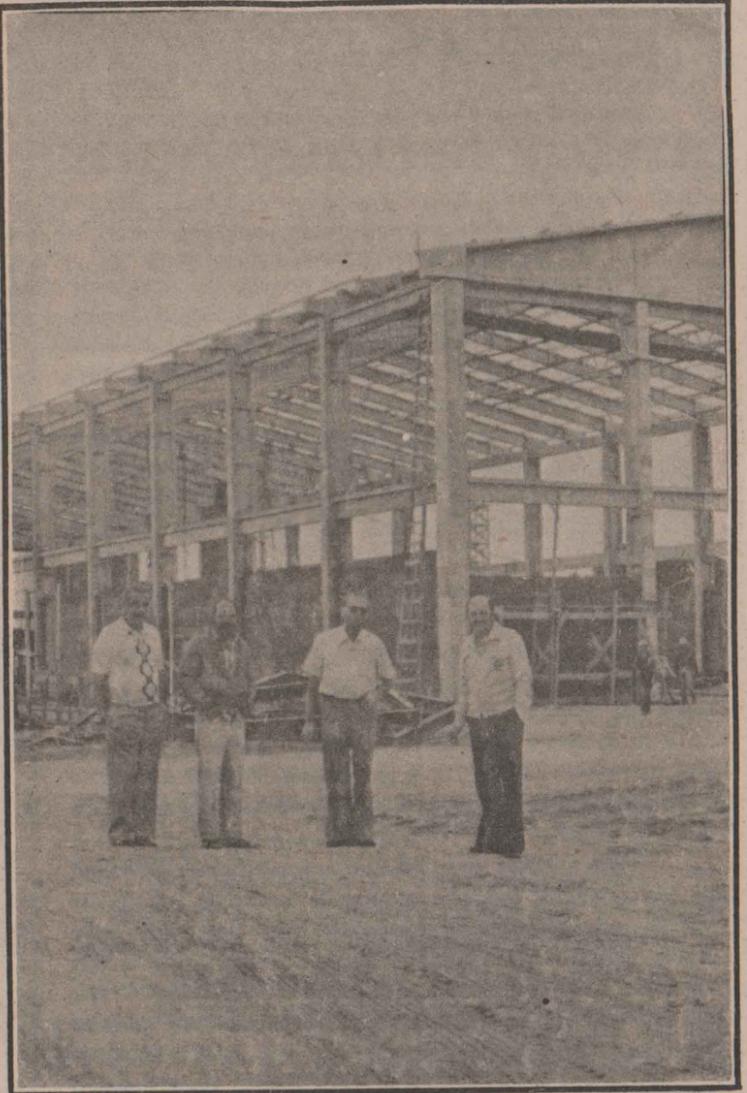
ou diretamente para o navio, vagões ou caminhões. Esta expedição tem uma cadência de carga igual a 1.000 toneladas por hora a partir do armazém nº 9. Da mesma forma, este armazém pode receber produtos de quaisquer um dos oito armazéns ou diretamente de quaisquer das descargas, a um fluxo contínuo de 500 toneladas-hora.

UMA FÁBRICA CEM POR CENTO NACIONAL

A fábrica de óleo da COTRIJUI é totalmente nacional. Aliás, a opção por equipamentos nacionais já se tornou uma constante na vida da cooperativa. Não se trata, porém, de uma idiosincrasia. Antes da direção da cooperativa decidir-se pelos equipamentos nacionais, foram feitas diversas viagens de estudos pelos Estados Unidos e Europa.

O diretor industrial, Werner Wagner — o encarregado dessas missões — chegou a conclusão tácita que produzimos hoje no Brasil equipamentos tão eficientes quanto os melhores do mundo, e com duas vantagens adicionais: custo e assistência técnica, com reposição imediata.

Em linhas gerais, a extração do



Um dos pavilhões, foto antiga, visitada por conselheiros da cooperativa.

óleo é feita por solvente em extrator contínuo com a soja floculada. A recuperação do solvente é feita por destilação da parte do farelo, e óleo por absorção na parte do escape dos gases. O farelo, é tostado (cozido em atmosfera de vapor saturado) e peletizado (granulado) em formato cilíndrico de 12 milímetros.

O grande fornecedor e instalador da fábrica foi o grupo paulista

Masiero Industrial S.A., com um fornecimento de cerca de 20 milhões de cruzeiros. Outros fornecedores paulistas, gaúchos e cariocas, compuseram o restante das necessidades da fábrica.

Em futuras edições, sempre que possível, daremos maiores detalhes dessa importante fábrica da COTRIJUI, que produzirá óleo bruto de soja destinado a exportação.

CCECAU ANALISOU EM SANTO ANGELO O PORQUE DOS NUCLEOS

A reunião do CCECAU — Centro de Comunicação e Educação Cooperativas do Alto Uruguai, referente ao mês de julho, foi realizada em Santo Ângelo, dia 16. A preocupação das representações das cooperativas representadas no encontro consistiu em definir respostas para esta pergunta: Como e para que surgiram os núcleos?

Como é sabido, as cooperativas organizam núcleos em diferentes pontos de sua área de ação, facilitando assim a comunicação entre a organização e os associados e destes últimos entre si. Na reunião do CCECAU, em Santo Ângelo, se fortaleceu a idéia de núcleo.

As opiniões manifestas, em parte, atribuem ao fato do surgimento de núcleos a espontaneidade da própria comunidade,

que se congrega para agir ante as necessidades, para debater e solucionar problemas, coletivamente.

Por outra, também de forma coordenada, planejada, como é em parte o caso da região da COTRIJUI, se procurou organizar um trabalho de nucleação, diante da necessidade de aumentar e agilizar o relacionamento existente entre cooperativa e quadro social.

O núcleo é, pois dentro do cooperativismo, um meio de formação, de integração, de troca de experiência, daí porque sua estrutura e organização preocupam a direção executiva do CCECAU. Na reunião de agosto, dia 19, em Palmeira das Missões, o tema voltará a ser relacionado com o trabalho de nucleação cooperativista.

No Paraná: LIDERES COOPERATIVISTAS TIVERAM TREINAMENTO

Presidentes, membros de conselhos fiscais e gerentes especializados de cooperativas de Dois Vizinhos, Marechal Cândido Rondon, Medianeira, Capaneira, Barracão, Toledo, Cafelândia do Oeste, Astorga e Curitiba, perfazendo um total de 17 (dezesete) dirigentes de alto nível, estiveram reunidos em Curitiba, de 12 a 24 de julho, participando do Curso de Administração Superior para Líderes Cooperativistas.

A promoção foi executada pela ASSOCEP — Associação de Orientação às Cooperativas, em colaboração com a Fundação Friedrich Naumann da Alemanha, tendo alcançado os objetivos propostos, tais como: transmitir conhecimentos básicos para a conscientização de funções administrativas, treinamento e aplicação de técnicas de trabalho

e de administração apropriadas à racionalização do processo de planejamento e tomada de decisões a nível global de empresa e promover o desenvolvimento dos processos de planejamento, de direção, comando e controle.

A sessão de encerramento contou com a presença de técnicos do INCRA, CECOOP, da FFN e da ASSOCEP, tendo sido dirigida pelo secretário executivo da ASSOCEP, eng. agr. Silvio Galdino de Carvalho Lima.

PESQUISA QUER CONHECER SITUAÇÃO DE COOPERATIVAS

A 15 de janeiro, o ministro da Agricultura Alysson Paulinelli assinou contrato com a firma PLANAVE — Escritório Técnico de Planejamento S.A., visando uma "Pesquisa Sócio-Econômica das Cooperativas de Produtores e Produção Agrícola Brasileira", incluindo as de eletrificação rural e

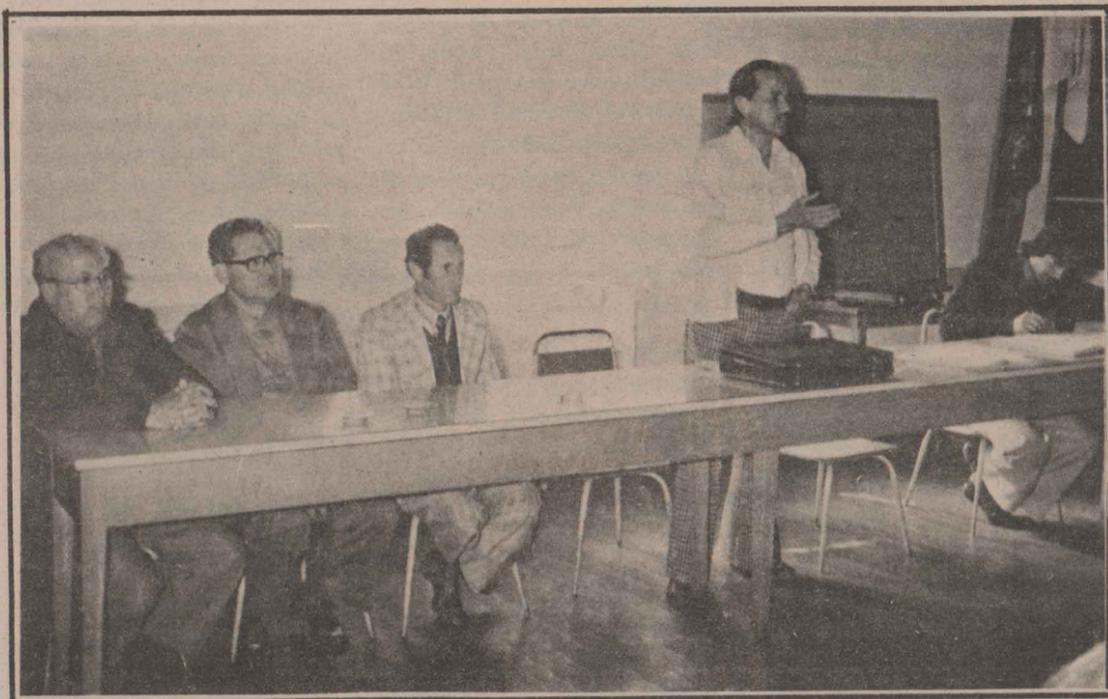
de pesca. Os trabalhos aeverão atingir os seguintes objetivos:

Fornecer, através de diagnósticos, cadastros, dados estatísticos, estudos pormenorizados, conclusões e recomendações, subsídios para a formulação de políticas para o desenvolvimento do setor; sugerir um elenco de programas e projetos prioritários para a execução das alternativas de políticas, bem como os mecanismos e instrumentos de ação para a implantação de tais políticas.

A Subsecretaria de Planejamento e Orçamento do Ministério da Agricultura está coordenando os trabalhos em desenvolvimento pela PLANAVE e conta com a colaboração técnica dos órgãos ligados ao cooperativismo, tais como OCB, BNCC, EMBRATER, INAN, INCRA e FINEP, para o acompanhamento e avaliação da pesquisa, que tem o fim previsto para abril de 1977.

Os técnicos da PLANAVE e dos órgãos ligados ao cooperativismo estão visitando as cooperativas do setor rural para obter as informações necessárias.

COOPERATIVA ADIANTOU MAIS 40 CRUZEIROS A SOJA PREÇO MÉDIO



O diretor-vice-presidente, sr. Arnaldo Oscar Drews, quando falava, aparecendo também o prefeito Israel Capellari e o sr. Orgênio Rott, vice-presidente da FETAG.



Uma vista do plenário, aparecendo no primeiro plano o diretor Euclides Casagrande e conselheiros da cooperativa, Antonio Primo, Reinoldo Luiz Kommers, Hugo Lino Costa Beber, Emilio Uhde e Amaury Marks.

Pelas decisões tomadas durante o encontro, e pela perfeita integração havida entre as lideranças cooperativistas e sindicais, a reunião dos conselheiros da COTRIJUI realizada em Tenente Portela no dia 20 de julho deixou um saldo positivo aos produtores. Para a comunidade portelense, conforme acentuou o prefeito Israel Capellari, a realização do encontro tinha um significado especial, pois naquela data a COTRIJUI completava 19 anos. A razão de se ter des-

locado uma reunião de conselho de Ijuí para outro município, era de se proporcionar aos conselheiros e líderes sindicais conhecer a unidade COTRIJUI, no caso a de Tenente Portela.

A reunião do conselho foi breve. O diretor vice-presidente da COTRIJUI, Arnaldo Drews, submeteu aos conselheiros algumas propostas de admissão de associados e outros de pedidos de desligamento do quadro social, por mudança ou falecimento. Juntamente com isso,

foi aprovada a destinação de novo adiantamento, agora de Cr\$ 40,00 cruzeiros por saca de soja, aos associados da COTRIJUI, ficando os trâmites de liquidação para o final do presente ano. Assim, os produtores associados asseguram para o produto a preço médio, antes do rateio final, Cr\$ 110,00 por saca.

Abrindo um parêntese, o vice-presidente da COTRIJUI, fez menção a performance atuante da COTRIEXPORT, em particular a maneira como aque-

la empresa conduziu os negócios no dia em que a saca de soja esteve cotada a 117 cruzeiros. Em seguida, com a leitura da ata, foi encerrada a reunião dos conselheiros.

A partir daquele instante, segundo Arnaldo Drews, todos deveriam participar do encontro, segundo sugestão anteriormente feita pelos próprios líderes sindicais. Que tanto conselheiros como presidentes de sindicatos levantassem problemas, sugerissem soluções, veiculassem informações sobre a dinâmica cooperativista e sindicalista da região COTRIJUI. A integração foi por assim dizer completa. O projeto do Irã, a assistência social, onde se estudará um meio de obter maior participação do FUNRURAL, uma série de outros assuntos mereceram abordagem tanto de parte dos conselheiros quanto dos presidentes de sindicatos.

Em seguida ao almoço, falou o vice-presidente da FETAG, Orgênio Roth, cumprimentando a todos pelo perfeito entrosamento e seriedade com que cooperativa e sindicatos se reuniam para discutir assuntos afins. A seguir o vice-presidente da COTRIJUI tributou os êxitos alcançados nos 19 anos da cooperativa, aos associados. Frizou que a dinâmica adotada por uma ad-

ministração é fruto da participação dos que a cercam, no caso os associados da COTRIJUI. Por último, se pronunciou o prefeito Israel Capellari, de Tenente Portela, manifestando sua satisfação pessoal e da comunidade por ter seu município sediado tão significativa reunião justo no dia em que a COTRIJUI completava 19 anos. Salientou que Tenente Portela iniciou a caminhar praticamente junto com a COTRIJUI, pois esta foi fundada em julho de 1957, e o município alcançava a emancipação político-administrativa um mês após, em agosto. Disse esperar que a COTRIJUI nos anos futuros, continue a trilhar os mesmos caminhos até agora percorridos, para fortalecer ainda mais as comunidades da região nos setores em que atua.

Na parte da tarde, tiveram continuidade os trabalhos, contando inclusive com a participação do diretor de operações da COTRIJUI, Alcides Casagrande, que fez esclarecimentos sobre os descontos no recebimento de produto, decorrentes de umidade e impurezas. Após o encontro foram feitas visitas ao sindicato de trabalhadores rurais de Tenente Portela, ao supermercado e a unidade armazenadora da COTRIJUI, naquele município.

Obrigatório o uso de semente selecionada

A cultura da soja a partir da safra 1976/77, terá que obrigatoriamente empregar sementes selecionadas, sendo esta uma condição indispensável para que os sogicultores obtenham crédito rural. A exemplo do que já ocorre na cultura do trigo, agora também para plantar soja o agricultor terá que fazer uso de sementes selecionadas nas lavouras financiadas.

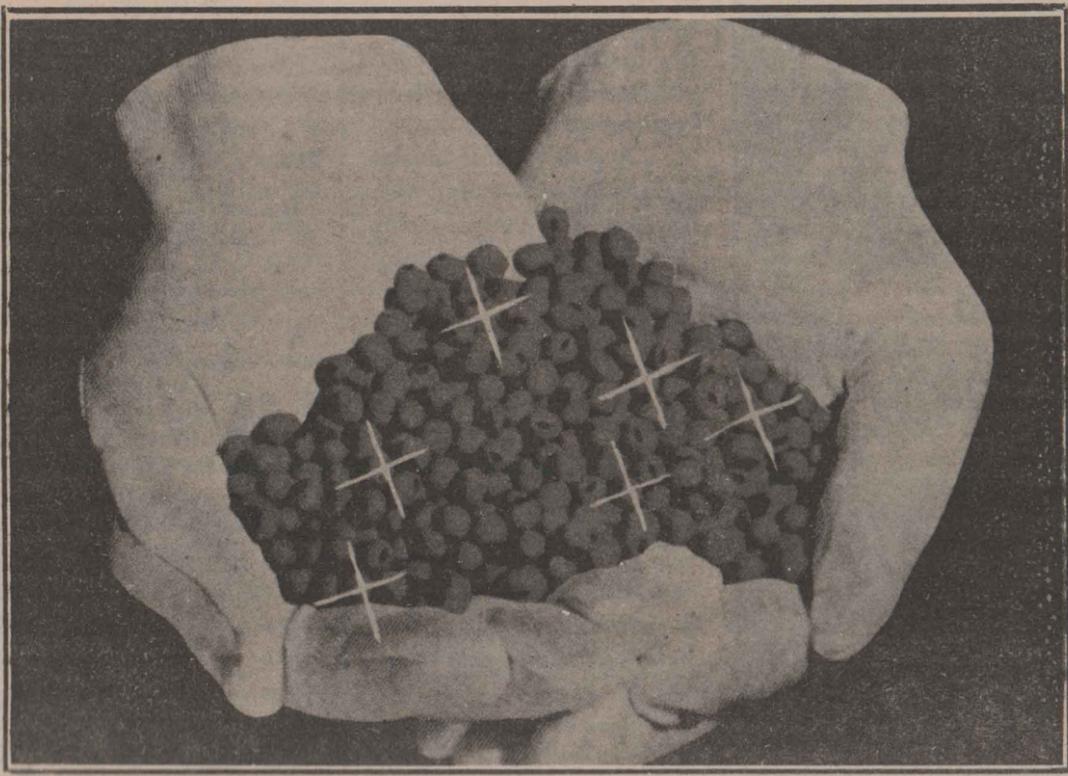
Como decorrência natural dessa medida, comunicada pelo secretário geral do Ministério da Agricultura ao presidente da Comissão Estadual de Sementes do RS, deverá aumentar significativamente a demanda de semente classificada, pois nenhum produtor de soja poderá usar suas próprias sementes nas lavouras cujo custeio seja financiado.

Assim, cresce a importância dos chamamentos que o Departamento Técnico da COTRIJUI tem feito no sentido de que os associados efetivem seus pedidos de semente de soja, proporcionando ao setor responsável fazer as reservas necessárias para o plantio da safra 76/77.

Para breve se aguarda as resoluções do Banco Central com o que os agentes financeiros poderão ministrar as instruções decorrentes da medida, para melhor esclarecer aos sogicultores.

No Semestre:

A SOJA RENDEU AO PAÍS 1,3 BILHÃO DE DÓLARES



Segundo informações divulgadas pela CACEX, no Rio, as vendas de soja em grão, farelo e óleo, no mercado internacional, ultrapassaram a soma de U\$ 1,3 bilhão durante o primeiro semestre.

Conforme previsão que havia sido divulgada pela própria CACEX, em maio, as exportações brasileiras de produtos primários (soja, café, açúcar, cacau, milho e outros, incluindo minérios de ferro), deverão atingir até o final deste ano, uma receita de cinco bilhões de dólares, o equivalente a 51 bilhões e 500 milhões de cruzeiros.

O montante previsto é de 600 milhões de dólares superior ao total obtido em 1975, quando obtemos a

soma de 4 bilhões e 400 milhões de dólares.

Até o dia 30 de junho, dos 2,6 milhões de toneladas de soja em grão registradas pela Carteira de Comércio Exterior para exportação, mais de 700 mil toneladas haviam sido negociadas com preço a fixar. Com preço já fixado haviam sido exportadas 1.824 mil toneladas, a um preço médio de 209 dólares a tonelada, também segundo a CACEX.

Somente em relação a safra de 1976, iniciada em abril, os registros de exportação da CACEX indicavam até 1º de julho, os seguintes números: soja em grão, 2,6 milhões de toneladas ao preço médio de 210 dólares por tonelada, correspondendo a um valor global

de 546 milhões de dólares. Torta e farelo, 1,9 milhão de toneladas ao preço médio de 181 dólares a tonelada e óleo de soja — bruto e refinado — 280 mil toneladas ao preço médio de 372 dólares, no valor global de 104 milhões de dólares.

Assim, apenas os registros mostram um valor superior a um bilhão de dólares, sendo que a esse total deverá ser somada uma parcela superior a 100 milhões de dólares e que corresponde a 700 mil toneladas negociadas com preços a fixar e mais 230 milhões de dólares relativos aos embarques realizados no primeiro trimestre do ano, de soja remanescente da safra de 1975.

Até 5 de Julho:

Rio Grande do Sul exportou 1,3 milhão de T. de Soja

Até o dia 5 de julho último, o Rio Grande do Sul já havia exportado para o exterior, 1.327.502 toneladas de soja em grão. Desse total, 1.066.170 toneladas eram da safra de 1976 e 261.332 toneladas remanescentes da safra de 1975.

Grande parte, cerca de 70 por cento, desse volume, foi carregado pelo Terminal Grane-

leiro da COTRIJUI, localizado na Quarta Seção da Barra (futuro Super-Porto), em Rio Grande.

O quadro abaixo mostra as empresas compradoras, as quantidades, o destino do produto e os navios que transportaram a soja. Não consta deste quadro as 261.332 toneladas da safra de 1975.

★★★★★★

Navios	Compradores	Quantidade	Destino
Straat Napier	Rayner	500 tons	Mãnila
Olimpic Dignity	Cook	8.417 tons	Rússia
Dietrich Oldendorff	Cook	9.399 tons	Rússia
Rosina Topic	Toepfer	15.880 tons	Jakarta
Samos Glory	Cook	4.184 tons	Rússia
Losfri	Cook	13.124 tons	Rússia
Gunnar Carlsson	Tradax	26.000 tons	Hamburgo
Maria Voyazides	Cook	25.000 tons	Rússia
Kavo Xifias	Cook	30.500 tons	Rússia
Fort Bridge	Tradax	38.860 tons	Itália
Costa Frangos	Conti	23.592 tons	Rotterdam
Magnus Stove	Panchaud	49.500 tons	Hamburgo
Solholt	Toepfer	30.481 tons	Rotterdam
Leon	Conasupo	23.000 tons	México
B.G. Papalios	Cook	34.709 tons	Rússia
Macarena	Rayner	23.000 tons	Jakarta
Antaios	Conasupo	26.000 tons	México
Baranja	Cook	7.391 tons	Rússia
Falconi	Cook	10.800 tons	Rússia
Berit	Cook	14.588 tons	Rússia
Garth Newyd	Cook	18.000 tons	Rússia
Akron	Conti	20.000 tons	Ravenna
Regina Oldendorff	Cook	24.000 tons	Rússia
Mare Plácido	Cook	7.500 tons	Rússia
Taurus	Conasupo	27.026 tons	México
Samudragupta	Cook	30.762 tons	Rússia
Marquise	Cook	35.138 tons	Rússia
Trinaestri July	Cook	11.500 tons	Rússia
Triton	Conasupo	26.250 tons	U.S.A.
Venthisikimi	Conasupo	26.250 tons	U.S.A.
Young Symbol	Panchaud	50.000 tons	Hamburgo
Aegis Storn	Conti	31.500 tons	Rotterdam
Oakworth	Conti	27.000 tons	Rotterdam
Labrador Current	Tradax	9.000 tons	La Coruna
Maddalena	Conti	13.522 tons	Ravenna
Frotaoeste	Bunge	20.958 tons	Sevilla
Olívia Maeisk	André	18.970 tons	Rotterdam
Golden Chase	Cook	20.732 tons	Espanha
Maya	Cotriexport	23.242 tons	México
Venetia	Bunge	18.895 tons	Hamburgo
	TOTAL	1.066.170 tons	

Soja no mundo duplicará em 4 anos

Nos próximos 4 anos a produção mundial de soja poderá duplicar. A afirmação, a termo de expectativa, foi feita pelo diretor do escritório da América Latina da American Soybean Association, sr. Gilford Harrison, em conferência pronunciada em Porto Alegre durante o Congresso da Soja que a FECOTRIGO

promoveu de 7 a 9 de julho na Capital do Estado.

Disse Harrison que a produção mundial atingirá 100 milhões de toneladas. Desse montante, os Estados Unidos produzirão 55 milhões de toneladas e o Brasil entre 20 e 30 milhões de toneladas, ficando os restantes 15 ou 20 milhões de tone-

ladas entre a China Continental e outros países da América do Sul, principalmente a Argentina, que desperta para o cultivo da oleaginosa.

Embora reconheça a extraordinária fonte de proteína que é a soja Gilford Harrison defendeu a necessidade de se aumentar cada vez mais o

consumo animal do produto, principalmente aves e suínos. Ele observou que atualmente, cerca de 98 por cento da soja produzida no mundo se destina ao consumo animal, ficando apenas dois por cento destinada ao consumo humano. Previu que até 1982 o consumo humano da soja

deverá aumentar para cerca de 5 por cento.

Para ele, a utilização em grande escala de proteína de soja deverá ser feita através de programas institucionais e provavelmente com a intervenção do Governo, devido aos elevados custos de industrialização do produto.

APAE DE IJUÍ: CUIDADOS E CARINHO A EXCEPCIONAIS

Valmir Beck da Rosa

A professora Sônia Gomes Alves, presidente da Associação dos Pais e Amigos do Excepcional de Ijuí é quem diz: "Excepcional é o ser que foge do limite real; ou ele é super-dotado, gênio, ou então é infra-dotado. Em ambos os casos necessita de cuidados especiais". Preocupados em proporcionar a seus filhos nestas condições, uma educação adequada à sua excepcionalidade, pais ijuienses e alguns amigos fundaram em agosto de 1976, a APAE-Ijuí. Hoje, passados seis anos, a entidade com 115 associados, é mantenedora de um núcleo de recuperação de crianças excepcionais, com 25 matriculados, e mais 36 aguardando vaga para ingressar. Já em 1973, segundo levantamento feito pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Ijuí, em colaboração com a APAE, esse município contava com 273 crianças excepcionais, merecedoras de cuidados especiais. Para fazer frente a esse desafio, a APAE, com a colaboração de amigos, está construindo ampla sede para o seu núcleo de recuperação, um dos assuntos dessa reportagem. Entidades como esta existem em Santa Rosa, Santo Ângelo, Tres Passos, Cruz Alta, Tupanciretã, Carazinho e tantos outros municípios. Todas precisam se fortalecer para proporcionar às nossas crianças excepcionais, uma vida mais normal junto a sociedade.

Para os familiares e instrutores, o excepcional é um ser vivo em potencial. Come, dorme, fala ou pelo menos tenta, principalmente quando quer reclamar maior atenção para si. E é assim que a criança excepcional deve ser encarada. Mercê dessa conscientização, está se partindo em Ijuí, e oxalá em outras cidades, para um trabalho sério em favor dos excepcionais. Construir um núcleo, uma escola ou simplesmente uma casa em que se sinta bem durante o dia. Em Ijuí, à rua São Francisco, num terreno doado pela municipalidade (administração Sady Strapazzon) e parte pelo Rotary Clube Ijuí, estão se alicerçando as paredes do primeiro de uma série de 5 blo-

cos que em breve se constituirão na Escola Especial da APAE. Mas os minguados mil cruzeiros mensais que a entidade arrecada com seus associados, seriam insuficientes inclusive para custear o projeto da obra. Daí porque o conselho de administração da APAE-Ijuí deu início a uma verdadeira maratona, considerado um trabalho cansativo em que não se está medindo o tempo gasto, mas cujos frondosos frutos já começam a ser esperados. Vamos dar uma idéia, a seguir, da mobilização de esforços até agora conseguida, para construir o primeiro bloco, orçado em cerca de 600 mil cruzeiros.

Entre os dirigentes e associados da APAE, já não constitui mais surpresa tomar conhecimento de doações vultosas, significativas. Mas manifestam sempre seu eterno agradecimento às pessoas que se congregam para erigir a importante obra. Foi assim que um arquiteto, o sr. Paulo Schneider, nada cobrou pelo projeto global; o engenheiro Thomas Aita gratuitamente administra a obra; firmas como Empreiteiras e Pedreira Thomé, COTRIJUI, Brendler, Pedreira Municipal e particulares, doaram pedras, tijolos, cimento e outros materiais para construção. Seus nomes são aqui divulgados por insistência do repórter do COTRIJORNAL. Existe a promessa de parte da CERILUZ, de doar todo o material elétrico para a escola, bem como a mão de obra necessária à instalação; do Governo Estadual a APAE recebeu este ano Cr\$ 25 mil, com aprovação de nova verba, de Cr\$ 100 mil. O município destinou para a APAE-Ijuí, em 1974 Cr\$ 800,00; em 1975, Cr\$. . . 3.000,00 e no corrente ano doou uma Kombi para a entidade. Há, por parte da atual administração, o comprometimento de dar sustentação financeira à APAE, especificamente para as obras de construção da escola, em caso de secarem as fontes doadoras. Independente disso, se espera que o orçamento programa do município para 1977 destine verba significativa à entidade, dado os

altos custos não só na construção, mas na manutenção do núcleo de recuperação. Atualmente, as aulas estão sendo dadas em dependências cedidas pela FIDENE. A maioria dos professores exerce atividade não-remunerada quando não apenas simbólica.

Nesse esforço comunitário para melhorar a atenção que se dispensa aos excepcionais, apenas um senão a registrar. Quando do concorrido jogo de futebol em Ijuí, reunindo Grêmio de Porto Alegre e São Luiz local, o chamamento de público foi feito no sentido de que estaria, além de assistir o jogo, contribuindo na construção da escola da APAE. No entanto, dos mais de Cr\$ 183 mil arrecadados (renda dada como oficial), foram destinados a APAE exatamente Cr\$ 4.480,00. O público assistente do espetáculo foi lesado em sua intenção de colaborar com a APAE, ou a campanha apenas usou o nome da entidade para atrair mais gente ao estádio. Os poucos mais de 4 mil cruzeiros não passaram de desculpa de quem malversou os fatos. De um montante de 183 mil convenhamos, ainda que subtraídas as quantias para a Federação de Futebol, gastos com arbitragem e eventuais, teriam que sobrar (mesmo assim seriam sobras) mais do que os minguados Cr\$ 4.480,00.

Felizmente, parece que a cada tijolo cimentado na obra, cresce junto o desejo de a comunidade ijuiense participar desta maratona, cujo significado não pode ser medido somente pelos custos ou envergadura arquitetônica, mas sim pelo que resultará na recuperação de vidas preciosas, reencaminhando seres humanos, integrando-os mais no modus-vivendi da sociedade em geral. Em breve se terá oportunidade de assistir a inauguração do primeiro bloco, com o que a atividade — aula do núcleo da APAE se transferirá para o local. E quem sabe, a partir desse arrojado primeiro passo, outros se sensibilizem e participem do esforço visando a construção dos demais prédios.

Meningite: Um perigo que pode ser evitado

A Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, num trabalho que mobiliza as unidades sanitárias do interior, está promovendo nova campanha de vacinação contra a meningite meningocócica, doença que tem este nome por atingir a meninge (espécie de capa que envolve o cérebro). A diminuição na incidência dessa doença terrível está intimamente ligada a vacinação, que agora se repetirá para que principalmente as crianças, sejam imunizadas.

Segundo a Secretaria da Saúde, "no Rio Grande do Sul os casos de meningite começaram a aumentar a partir de 1972". A nível ministerial, se procurou dar combate ao surto, o que se tornou mais fácil com o surgimento da vacina. Agora, a tendência é para a diminuição dos casos da doença. A seguir, o roteiro a ser percorrido pelas equipes vacinadoras durante este mês, devendo os interessados procurar se inteirar dos horários e locais em que ocorrerá a vacinação.

ONDE E QUEM VACINAR

Para a área de jurisdição da Nona Delegacia de Saúde, com sede em Cruz Alta, o calendário de vacinação é o seguinte: Cruz Alta — 9, 10 e 21; Ijuí — 11, 12 e 20; Augusto Pestana — 13; Ajuricaba — 14; Panambi — 16; Santa Barbara do Sul e Tapera — 17; Ibirubá, Selbach e Colorado — 18; Espumoso — 19; Campo Real e Victor Graeff — 20 e Pejuçara, 21 de agosto. Na região da Décima Segunda Delegacia de Santo Ângelo, atuarão duas equipes: São Luiz Gonzaga, dias 20 e 21; São Nicolau e Roque Gonzales — 23; Bossoroca e Santo Antônio das Missões, também dia 23 de agosto; Porto Xavier, Caibaté e Guarani das Missões, dia 24; Cerro Largo e Giruá — 25; Catuípe — 26, e finalmente Santo Ângelo, dias 26, 27 e 28 de agosto.

Quem deve ser vacinado? Segundo aconselhamento das autoridades sanitárias, principalmente as crianças cuja idade vá dos seis meses até quatro anos, porque nessa faixa etária é que tem ocorrido maior número de casos. Então, as crianças que mesmo tendo sido imunizadas contra a meningite na primeira campanha, e as demais cuja idade vá dos seis meses aos quatro anos e ainda não foram vacinadas, devem ser encaminhadas aos locais de vacina. A meningite é perigosa, mortal até, e um meio eficiente de combatê-la é através da vacina, que será gratuitamente aplicada nos municípios citados.

O CIGARRO

Raul QUEVEDO

Cada vez mais a propaganda do fumo envenena a alma da juventude brasileira. A televisão, as rádio-emissoras e os jornais, pagos a peso de ouro, estampam em seus espaços, numa verdadeira catequese maldita, a vulgarização do vício hediondo.

Aqui, um cavaleiro bem montado, cavalga nas pradarias do oeste, "rumo à terra de Malboro . . ." Ali, uma lancha veloz corta as águas de uma baía imaginária, enquanto um casal de porte atlético e beleza saudável, bafora tragadas de um determinado cigarro. E segundo a publicidade, o forte, o ágil, o valente, o romântico, fuma.

É evidente que tal enfoque encontra campo fértil na imaginação romântica da juventude. A imagem que a propaganda transmite ao pensamento da mocidade, ávida de aventuras, através das cores vibrantes da TV ou do "bem-bolado" anúncio de revista ou jornal, é de que somente através do cigarro terá chances de competição com "a turma . . ."

A partir daí, numa projeção em cadeia, desenvolve-se um processo escalonado de imprevisíveis consequências para a nossa juventude.

O primeiro cigarro, sempre pela "insistência da turma . . ." é tragado com náuseas pelo novo fumante. Os seguintes, para "não passar por fracote", ante os colegas, passam a ocorrer naturalmente. Até que o jovem não se domina mais: está viciado.

Dependendo do cigarro, o novo fumante passa a ser escravo do fumo, da fumaça. E pior, muito pior.

Por mais nefasto que seja o vício do cigarro, este pode ser apenas o começo de hábitos ainda mais hediondos. O ópio, a marijuana por exemplo, podem resultar como consequência do cigarro feito com tabaco.

Num certo dia, o fumante não tem cigarro e aceita a oferta de outro fumante. O gosto é estranho e a sensação diferente . . . Muitos toxicômanos contam assim o início de experiências que os levaram ao inferno da loucura e auge da degradação moral por consequências de "fuminhos oferecidos . . ."

Até quando o Governo permitirá essa avalanche de publicidade que massacra a Nação, que entorpece a inteligência da mocidade brasileira?

A Nação está em perigo. Urge salvá-la da calamidade do fumo. Não é justo, e mais do que injusto, é desumano, usar os recursos da tecnologia jornalística e da eletrônica da televisão, para estimulá-la a adotar um vício que simboliza a própria caracterização da morte.

TRITICALE, UM HÍBRIDO ENTRE TRIGO E CENTEIO

Resistente ao oídio e a ferrugem da folha, além de adaptar-se aos solos ácidos, o Triticale pode vir a se constituir no elemento dinamizador e mesmo na redenção da triticultura nacional.

Pesquisado pela EMBRAPA, através do seu Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, em Passo Fundo, tem demonstrado excelente regularidade, com produção estável inclusive em solos pobres.

O engenheiro-agrônomo Ottoni de Souza Rosa, diretor do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, sediado em Passo Fundo, está animado com os resultados obtidos até agora, apesar de entender que ainda é cedo para assegurar o êxito da sua cultura a nível de um suprimento maior.

O Triticale é o resultado do cruzamento do Trigo com Centeio. A opinião dos técnicos é que, a médio prazo, poderá se constituir na grande alternativa para os agricultores gaúchos, e mesmo paranaenses e paulistas. A única desvantagem do Triticale em relação ao Trigo constatada até agora é que o novo cereal apresenta qualidade panificável e peso hectolétrico inferior. Isto determina o consumo de maior quantidade de farinha de uma qualidade inferior na panificação. Segundo declarações feitas em Passo Fundo pelo agro-

nome Ottoni de Souza Rosa, experiências realizadas naquele município indicaram que a produção do Triticale foi maior do que a obtida nos melhores trigos. E essa superioridade — dizem os técnicos — aumenta quando o clima prejudica o Trigo.

No ano de 1970, as cinco linhagens cultivadas de Triticale renderam mais de três mil quilos por hectare. Isso equivale a produtividade do Trigo IAS-52, que foi a produtividade de maior rendimento naquela safra.

Outras variedades de Trigo como o Centenário, renderam 2.800 quilos por hectare; o IAS-54 produziu 2.577 quilos, o IAS-50, 1.588 e o IAS-52, o melhor, rendeu 3.344 quilos por hectare.

Os resultados obtidos com o Triticale foram os seguintes: Armadillo 4 rendeu 3.355 quilos por hectare; a variedade Armadillo 6 teve uma produção média de 3.305 quilos; o Armadillo 1 rendeu 3.188 quilos; o Armadillo 9, 3.149 quilos e o Armadillo 8, 3.110 quilos por hectare, conforme pesquisa dos agrônomos Luiz Ricardo Pereira, H. Santos e E. P. Gomes.

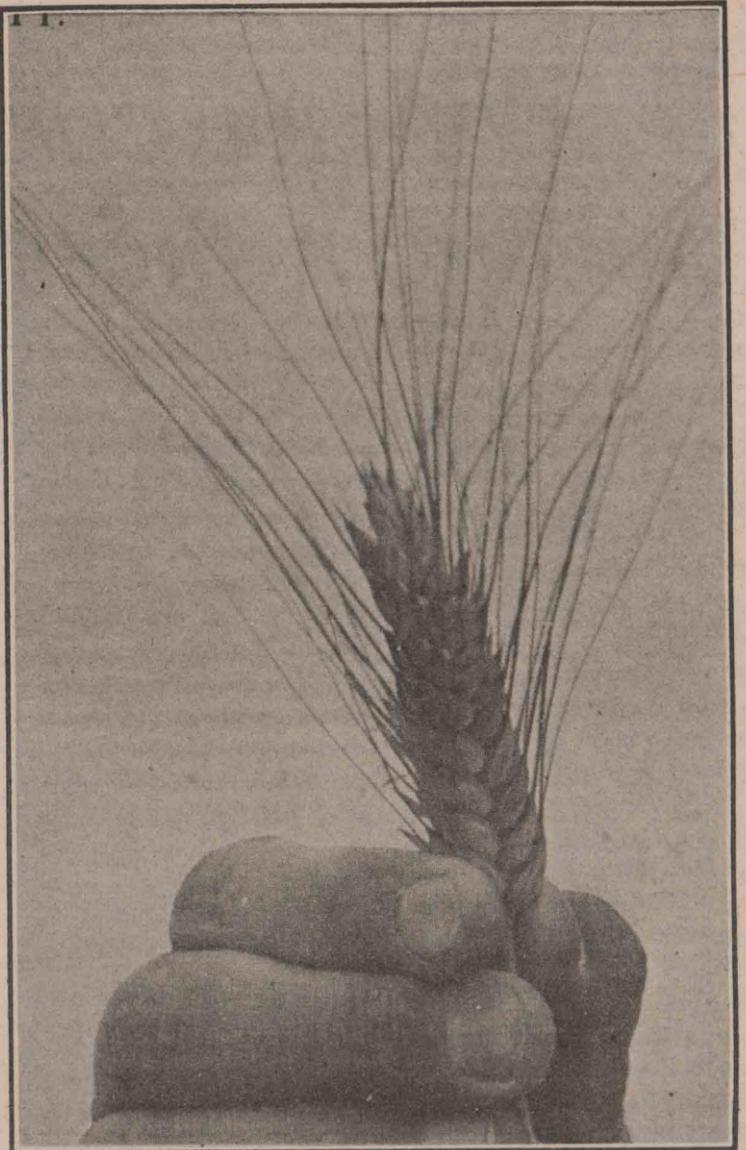
Esta equipe de técnicos do Centro Nacional de Pesquisas do trigo também constatou que os cinco triticales mais produtivos no período de 1970 a 1974 apresentaram uma produtividade mé-

dia de 2.996 quilos por hectare, o que significa 49,7 por cento a mais do que o rendimento obtido com as variedades de trigo IAS-52 e IAS-59.

Em resumo, as conclusões dos técnicos são as seguintes: 1) as linhagens de triticale ensaiadas alcançaram, em sua maioria, produções de grãos equivalentes ou superiores aos melhores trigos cultivados; 2) quando as condições climáticas são favoráveis ao trigo, ele consegue se igualar em produção aos melhores triticales, mas quando as condições climáticas são desfavoráveis ao trigo, o triticale produz mais; 3) as produções obtidas com triticale são estáveis, independente das condições climáticas, mas o peso hectolétrico e o seu enchimento de grãos ainda não são satisfatórios. A qualidade de panificação de suas farinhas ainda é a maior deficiência dos triticales testados.

TRIGO X CENTEIO

Para a safra de trigo deste ano o preço foi estabelecido com base no peso hectolétrico 78 e os triticales estudados pelo Centro Nacional de Pesquisa do Trigo tiveram peso hectolétrico médio de 66. Em 1973, o triticale "Inia Arm-S" foi o que teve melhor peso: 67,4. Para o agrônomo Luís Ricardo Pereira, essa diferença de peso hectolétrico, em



comparação com o trigo, pode ser compensada pela maior produtividade que os triticales vêm apresentando por hectare.

Obter grãos bem formados e com alto valor de panificação, maior número de variedades e maior número de flores férteis são ainda os problemas que os

técnicos que pesquisam o triticale enfrentam para tornar este cereal híbrido um sucesso nas lavouras. O agrônomo Luís Ricardo Pereira resume numa frase o que pensa sobre o triticale: "É um cereal com a resistência do centeio e com a qualidade de panificação do trigo".

OLHO NO TRITICALE

Mais de 40 países desenvolvem ensaios com o Triticale, atualmente. E em vários deles as pesquisas começam a dar resultados econômicos, como nos Estados Unidos, Canadá e alguns países europeus.

No Brasil, as pesquisas se intensificaram de maneira expressiva nos últimos cinco anos. Hoje, várias instituições mantêm programas para identificar as variedades que melhor se adaptam às nossas condições.

Além do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, em Passo Fundo, mantêm pesquisas com triticale a Secretaria da Agricultura, Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Pesquisas Agropecuárias do Cerrado (Mato Grosso), Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL) e Centro de Experimentação e Pesquisa da FECOTRIGO em Cruz Alta.

A maioria dos trabalhos que começaram a ser feitos com trigo e centeio não eram para criar um novo cereal. Os primeiros cruzamentos tinham por objetivo conseguir trigo e centeio melhores. O triticale, resultante do cruzamento dos dois cereais, surgiu na Alemanha e na Suécia, na segunda metade do século passado. A aparência de sua planta é de um tipo intermediário entre o trigo e o centeio — verde-escuro com cerosidade nas folhas e pilosidade do pedúnculo e espiga. O grão é bastante semelhante ao do trigo e a altura varia para mais, ou menos, se comparada com este cereal.

Hoje, quase todos os países que mantêm programas de melhoramento do trigo sustentam uma pesquisa paralela com o triticale. Os estudos mais desenvolvidos são feitos nos Estados Unidos, México, Canadá, Índia, Hungria, Romênia, Tcheco-Eslováquia, Rússia e Alemanha. Em 1973, na Europa, havia 250 mil hectares cultivados com triticale e cem mil nos Estados Unidos. Comparados com outras culturas esses números não são significativos mas, de qualquer forma, demonstram a importância cada vez maior que o cereal vem ganhando.

No Brasil, os estudos ainda são tímidos e a maioria dos trabalhos tem sido de seleção de melhores variedades, enquanto no ITAL e na Fecotriga pesquisa-se possíveis fontes de proteínas para utilizar o triticale na panificação. Além disso, o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo e a Fecotriga pesquisam para selecionar e multiplicar as linhagens de triticale mais adaptadas às nossas condições.

LUTA CONTRA A FOME

Quase todas as variedades de trigo e milho que se produzem hoje no mundo, são do tipo considerado convencional pelos geneticistas de plantas e grãos.

Durante mais de um século o sistema se mantém, com variáveis mínimas nesta ou naquela região, com maior ou menor resistência a doenças, rendimento, qualidade nutritiva e outras características que possibilitam o abastecimento de alimentos para a humanidade.

A opinião dos técnicos neste assunto é de que esta variedade de trigo e milho convencional permitirá aos produtores de todo mundo manter-se ainda na frente do crescimento da população mundial, pelo menos durante os próximos 20 ou 30 anos, quando se calcula que a população mundial será duplicada.

Porém existe muita apreensão de parte dos geneticistas e técnicos que procuram melhorar o rendimento da produção de alimentos quando se aproximar o ano 2.000, período em que se prevê a população mundial novamente duplicada. Por isso já se cogita em descobrir outras formas revolucionárias de produzir trigo e milho em grande escala, muito além das nossas limitações atuais. Assim é que os geneticistas já falam numa "investigação radical", para atender a demanda de alimentos cada vez mais urgente.

Hoje se estuda até mesmo o cruzamento entre plantas de diferentes gêneros de cereais, por exemplo, entre um cereal como trigo e uma leguminosa como a soja. Chamado "cruzamento interespecífico" ou entre espécies diferentes, assunto que ainda desafia a ciência e os estudiosos da evolução genética.

Enquanto isto, os estudiosos opinam que para continuar melhorando sempre mais as espécies de plantas mais indispensáveis à alimentação humana a partir de 20 ou 30 anos, é necessário que se criem novas combinações de variedades genéticas por meio de cruzamentos, buscando uma gama de variabilidade genética muito mais ampla e diversificada.

Como resultado dessas pesquisas temos um novo tipo de cereal, conhecido como triticale, que é o cruzamento de trigo com centeio.

Embora ainda em estágio de experimentação, já vem provando que pode se adaptar muito bem ao nosso clima e com bons rendimentos.

FAO VÊ A COTRIJUI NA AMAZÔNIA

O diretor da Carteira de Crédito Rural do Banco de Desenvolvimento do Estado - BADESUL - sr. José Bernardo de Medeiros Neto, fez entrega à COTRIJUI, nos primeiros dias de julho, de relatório sobre o encontro de banqueiros da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), realizado em meados de junho, em Roma. O documento, entregue no escritório da cooperativa em Porto Alegre, foi recolhido pelo diretor-presidente e coordenador do Projeto da Ama-

zônia, respectivamente, Ruben Ilgenfritz da Silva e Edgar Irio Simm.

O sr. José Bernardo de Medeiros Neto participou do encontro de banqueiros na capital italiana, onde representou o presidente do BADESUL, sr. Ary Burger. Expos, na oportunidade, os objetivos do estabelecimento, uma vez que o mesmo passou a integrar aquele Comitê bancário internacional.

Durante a reunião também foi examinado o Projeto de Crédito Fundiário da COTRIJUI

que objetiva o reagrupamento de minifúndios na área de ação da cooperativa e o programa de colonização na Amazônia, localizada nas proximidades de Altamira, no estado do Pará.

Segundo declarou o sr. Medeiros Neto, o projeto COTRIJUI-INCRA despertou grande interesse entre os participantes da reunião de Roma, onde se encontravam banqueiros de importantes estabelecimentos dos principais países, inclusive o Banco Mundial.

O representante do BADESUL em Roma, continuou o estudo de detalhes técnicos e econômicos relativos ao Projeto COTRIJUI, juntamente com os técnicos John Hancock e Paul Harrison, funcionários da FAO que estiveram em abril no Brasil, quando visitaram a área de ação da COTRIJUI no Rio Grande do Sul e o local da futura instalação do Projeto, na Amazônia.

Como resultado desses estudos resultou a necessidade da vinda ao Brasil de outros dois técnicos da FAO. Os novos ob-

servadores estiveram no Pará durante um período de 10 dias no começo de julho, acompanhados pelo professor Edgar Irio Simm, coordenador do Projeto.

O documento da FAO entregue pelo sr. José Bernardo de Medeiros Neto à direção da COTRIJUI, consta de preliminares do relatório final do organismo internacional, a ser concluído quando cotejado com os levantamentos dos outros técnicos que visitaram a área do projeto e que são especialistas em engenharia florestal.

Amazônia, Continente Desabitado

A Amazônia brasileira, com mais de 4,8 milhões de quilômetros quadrados, tem uma população de 7.133.119 habitantes - dados do IBGE, censo de 1970 - e ocupa 12 por cento de toda a região tropical úmida do globo.

Em 39 milhões de quilômetros quadrados de trópicos úmidos (área que representa um terço das terras exploráveis do planeta), existe cerca de 1,1 bilhão de habitantes. Por aí se vê a desproporção demográfica do trópico brasileiro: ocupando 12 por cento da área total, a Amazônia contribui apenas com 0,06 por cento da população dos trópicos. Esses números, em termos de densidade, revelam mais ainda o vazio amazônico: os trópicos têm uma média de 28 habitantes por quilômetro quadrado (na área correspondente ao trópico da Ásia, a densidade chega a 100

hab/km²), enquanto na Amazônia a média é de 1,4 hab/km².

Caso sejam deduzidas do total as populações das capitais (estimadas em 1.605.747) e a parte oriental servida por estradas, com 3.424.109 habitantes, chega-se a conclusão de que no interior amazônico vivem apenas 2.103.263 habitantes, o que dá uma densidade igual a 0,6 hab/km², havendo lugares com 0,18 hab/km².

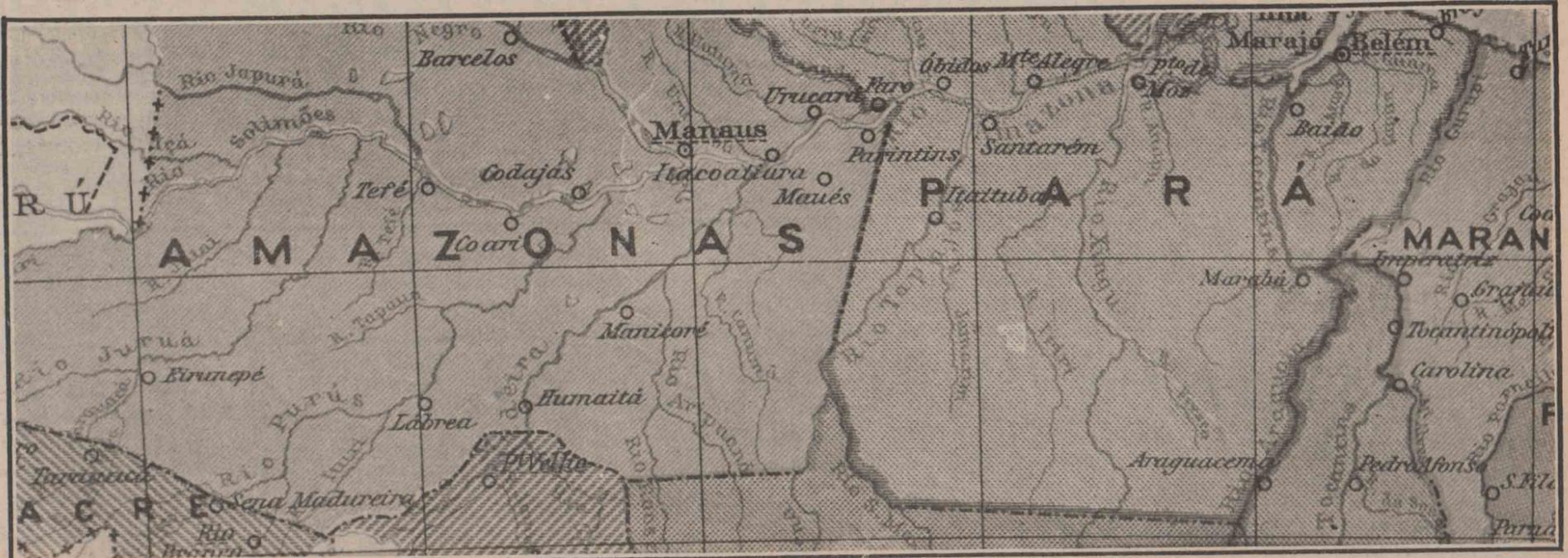
E se for feita uma projeção desses números para o Brasil, verifica-se que para uma superfície equivalente a 57 por cento do território nacional, corresponde uma população de apenas 7% do total de habitantes do país.

Segundo o último recenseamento do país, feito em 1970 pelo IBGE, é a seguinte a distribuição da população da região amazônica:

A DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO AMAZÔNICA (1970)

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	ÁREA KM ²	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	POPULAÇÃO RURAL %	HAB/KM ²
PARÁ	1.227.530	2.161.316 30%	1.021.820	1.139.496	52	1,76
AMAZONAS	1.558.987	955.394 13%	405.562	594.832	57	0,61
ACRE	152.589	216.200 3,03%	59.474	156.726	72	1,41
AMAPÁ	139.068	114.687 1,6%	62.653	52.034	45	0,82
RONDÔNIA	243.044	113.659 1,6%	59.895	53.764	47	0,46
RORAIMA	230.104	40.915 0,6%	17.475	23.440	57	0,17
GOIÁS ACIMA DO PARALELO 13	285.793	585.945 8%	150.673	435.272	74	2,05
MATO GROSSO ACIMA DO PARALELO 16	776.921	493.644 6%	195.342	298.302	60	0,63
MARANHÃO A OESTE DO MERIDIANO 44	257.451	2.451.359 34%	648.673	1.802.686	73	9,52
TOTAL	4.871.487	7.133.119	2.621.567	4.511.552	63	1,46

FONTE: IBGE



Tenente Portela

PRODUTORES CRIAM NOVOS CONSELHOS DE SEMENTE

O COTRIJORNAL do mes de junho publicou reportagem do primeiro conselho de produtores de semente criado na área de ação da COTRIJUI, e que reúne associados dos municípios de Ijuí, Augusto Pestana, Ajuricaba e Tupanciretã (Vila Jóia). No dia 15 do mes que passou, em reunião desenvolvida no auditório da Rádio Municipal de Tenente Portela, foi a vez de criar o conselho de produtores de semente representativo dos agricultores daquele município e de Miraguaí.

64 associados participaram da reunião, dentre os quais foram eleitos membros do Conselho de Produtores de Semente de Tenente Portela e Miraguaí, os seguintes: Efetivos — João Telló (Santa Fé), Natanael Rigo (Derrubadas), e Maximino Otobelli (São Sebastião); Suplentes — Arlindo Radanz (Irapuá), Angelo Sofiatti (Pinhalzinho) e Vitorino Lapazzini (Nossa Senhora da Saúde).

O Departamento Técnico da COTRIJUI esteve representado pelos agrônomos Enio Siqueira, Realdo

Cervi e Rivaldo Dhein. Além das linhas de ação estabelecidas, comuns ao conselho de produtores de semente anteriormente criado em Ijuí, ficou acertado que os conselheiros de Tenente Portela e Miraguaí reunir-se-ão periodicamente para discutir assuntos afins, além de participar de cursos específicos sobre a produção de sementes. Mais uma vez foi frizado que o produtor, quando chamado, deve assistir a classificação de sua semente.

Com a mesma finalidade, no dia 23 de julho reuniram-se os produtores de semente dos municípios de Santo Augusto, Coronel Bicaco, Chiapetta, São Martinho e Humaitá, ocasião em que foi criado o conselho de produtores de sementes com abrangência em toda aquela região. Fazem parte os seguintes associados da COTRIJUI: Genésio Tanzewein, de São Luiz; Edimar Wolmer, de As Brancas; Lauro Fritzen, Linha Modesto e Protásio Lottermann, da Linha Iracema, todos do município



Associados da COTRIJUI no auditório da Rádio Municipal de Tenente Portela, quando da criação do conselho de produtores de semente.

de Chiapetta. Pedro João Batista Vicente Fava, da localidade São Pio X, Rentora, conselheiro por Coronel Bicaco. Arthur Benno, de Humaitá, e mais os produtores de Santo Augusto: Egon H. König,

João Kowalski e Ervino Stival de Campo Santo; Perida Rosa, de São Jacó; Gentil Nicolli, São Pedro; Guido Weiller, da localidade de São Valério; Altino Weiller de Esquina Fucilini, São Luiz; Aduilio

Sartori, Palomar Montagner e João de Deus, de Rincão dos Paiva; Ivo Gonçalves de Lima e Dari Moresco, de São Valentim e Irani Gonzatto, representante dos produtores de sementes de Pinhalzinho e Bela Vista.

Santa Maria

REUNIÃO CONJUNTA PESQUISA SOJA

O Centro de Ciências Rurais da Universidade de Santa Maria promove de 23 a 27 do corrente, a IV Reunião Conjunta de Pesquisa da Soja.

O objetivo do encontro, aberto também para pesquisado-

res de Santa Catarina, é avaliar e coordenar o planejamento e a integração dos programas das instituições de pesquisa agrônômica, extensão e fomento, economia da produção, tecnologia alimentar e estatística experimental, com vistas a aperfeiçoar

um "plano global de desenvolvimento da soja" para os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Participarão da Reunião Conjunta, as seguintes instituições: Instituto de Pesquisas Agronômicas — IPAGRO — Facul-

dade de Agronomia Eliseu Maciel, da Universidade Federal de Pelotas; Faculdade de Agronomia da UFRGS, Centro de Ciências Rurais da Universidade de Santa Maria, Faculdade de Agronomia da Universidade de Passo Fundo, Centro de Expe-

rimentação e Pesquisa da FE-COTRIGO, Centro Nacional de Pesquisa de Soja — EMBRAPA — Centro Nacional de Pesquisa de Trigo e Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina, EMPASC, entre outros.

Nova Prata

3º CONGRESSO FLORESTAL ESTADUAL

O município de Nova Prata vai sediar o 3º Congresso Florestal Estadual do Rio Grande do Sul, no período de 18 a 26 de setembro vindouro.

O Congresso está programado para ser inaugurado pelo ministro da Agricultura, sr. Aylsson Paulinelli e o encerramento pelo governador do Es-

tado, sr. Sinval Guazzelli.

Durante o transcorrer do Congresso serão proferidas palestras e desenvolvido amplo trabalho por comissões designa-

das de técnicos e estudiosos de ecologia em geral. Os interessados em participar deverão inscrever-se através do eng. agr. Rubens Alberto Longhi, através

da Caixa Postal, 41 — CEP 95.320 — NOVA PRATA-RS, em nome do 3º Congresso Florestal Estadual.

Coronel Bicaco

SEMANA PARA FORTALECIMENTO SINDICAL

Durante quatro dias, de 5 a 8 de julho, realizou-se em Coronel Bicaco uma semana sindical com programação dirigida aos produtores rurais sindicalizados e suas famílias. O programa desenvolvido pelos representantes regionais da FETAG, da COTRIJUI e do próprio sindicato de Coronel Bicaco, abrangeu as comunidades de Vila Sallet, com 23 participantes; Sítio Kerpel, 44; Turvinho, 29 assistentes; Esquina Mendonça, 19; Esquina São

João, 67 e Esquina Evangélica, com uma presença de 56 pessoas, totalizando uma assistência de 239 pessoas.

Como coordenadores regionais da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, os senhores Canísio Welter (pres. do STR de São Martinho) e Canísio F. Weschenfelder, pres. STR Humaitá, mais o presidente do STR de Coronel Bicaco, sr. Braulio Martins da Rocha, desenvolveram a parte pu-

ramente sindical da programação, desde o surgimento do sindicalismo no Brasil até a conscientização do associado, como pertencente a um órgão de reivindicação, e instruções sobre Furrural, contratos, promissórias e outros documentos, educação familiar e êxodo rural. A representação da COTRIJUI, nas pessoas do agrônomo Paulo Jessé Schmidt e professor Alberto Tomelero, deu encaminhamento a assuntos como: Plano Cooperativo de Saú-

de Cotrijui/Unimed; PROAGRO, projeto de arborização nas escolas, cursos de cooperativismo e contabilidade agrícola, sistema cooperativista e outros. No núcleo de Turvinho, em meio a programação da semana os produtores solicitaram estudos visando a instalação na localidade de um supermercado da COTRIJUI, devido a distância existente entre aquela localidade e a cidade.

No encerramento da Semana Sindical de Coro-

nel Bicaco, o coordenador regional da FETAG enalteceu o bom entrosamento existente entre os sindicatos rurais da área da COTRIJUI e a cooperativa, agradecendo em nome da Federação o apoio recebido desta durante os trabalhos. Frizou que assim como acontece na região COTRIJUI, também noutras áreas o ideal será sindicatos e cooperativas, como organizações que aglutinam produtores rurais, trabalhem sempre unidas.



Uma tomada interna da assistência da Semana Sindical em Coronel Bicaco; em baixo, os participantes num dos intervalos da programação na escola da Esquina Evangélica.

Chiapetta

Conservação e Melhora dos Recursos Naturais

Para os agricultores do município de Chiapetta, conservação do solo é assunto levado a sério, principalmente a partir de junho de 1973, quando foi criada a Associação Conservacionista de Chiapetta. Daquele ano em diante a procura de técnicos para orientar sobre conservação do solo e recuperação dos recursos naturais renováveis, foi sempre crescente. E para mostrar isso a

seus associados é que a ACC — Associação Conservacionista de Chiapetta distribuiu o relatório das atividades desenvolvidas entre junho de 1975 e maio do corrente ano. Nele se lê que os 74 pedidos para locação de terraços foram todos atendidos. O terraçamento no período atingiu 188 quilômetros, correspondentes a uma área de 629 ha, isso sem levar em conta os trabalhos

prestados na revisão de terraços já existentes.

A equipe de trabalho da ACC é integrada pelos seguintes elementos: eng. agr. Tanio José Bandeira, coordenador; técnico agrícola Vilmar Hendges, executor técnico; técnico agrícola Jaldyr Cabral da Silva, colaborador técnico e Vilmar Alves da Silva, auxiliar de campo. Num trabalho integrado com a diretoria que te-

ve a frente o presidente Eugênio Wagner e a colaboração da COTRIJUI, prefeitura e sindicato dos trabalhadores rurais de Chiapetta, a associação conservacionista daquele município por mais uma vez deu mostras de sua eficiência a utilidade em prol da agricultura.

Para o exercício 1976/77, foi eleita a 27 de julho último nova diretoria da Associação

Conservacionista de Chiapetta, cuja nominata é a seguinte: Protasio Lotermann, presidente; Celso Maboni, vice-presidente; Jaldyr Cabral da Silva, secretário; Luiz Carlos Machado, tesoureiro; eng. agr. Tanio José Bandeira, executor técnico, e eng. agr. Nedy Rodrigues Borges, diretor técnico.

Tenente Portela

CURSO PARA ASSOCIADOS

Mais três cursos de contabilidade agrícola, onde também se discutem aspectos de legislação agrícola e cooperativismo, foram ministrados no mês que passou, respectivamente em Tenente Portela, com 29 participantes; Augusto Pestana, com 35 e Santo Augusto, com 18 assistentes.

Nos assuntos teóricos abrangentes da contabilidade dirigida a atividade agrícola, os professores têm dado ênfase aos fundamentos, inclusive mostrando o balanço da cooperativa para que os associados possam fazer uma avaliação. Na parte prática, recomendam o uso da caderneta de anotações, através da qual o produtor reunirá condições para calcular os custos da produção ao mesmo tempo em que faz

uma contabilidade simplificada de sua empresa. Essa parte está a cargo dos professores Irani Paulo Basso e Francisco Azambuja.

O professor Walter Frantz se ocupa do tema cooperativismo, num enfoque da história da economia regional, enquanto Rui Polidoro Pinto discute com os associados informações genéricas sobre legislação agrária.

Outros cursos idênticos estão programados, além de um sobre Administração de Empresas, a realizar-se em Santo Augusto dias 12, 13 e 14 do correntemês. Abrangerá Planejamento Agrícola, Administração de Empresas Rurais, Legislação Agrária e Contabilidade de Custos. Serão ministrantes os professores da Faculdade de Administração da FIDENE.



Aspecto da assistência ao curso de contabilidade agrícola ministrado aos associados da COTRIJUI em Tte Portela.

Coronel Bicaco

SINDICATO TEM ELEIÇÕES

No dia 22 do corrente mês, serão realizadas eleições para renovação da diretoria, conselho fiscal e delegados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coronel Bicaco, junto a Federa-

ção. Os associados, para exercer o voto, deverão comparecer ao salão paroquial da Igreja Matriz de Coronel Bicaco, no horário compreendido entre 8 e 18 horas daquele dia. Em caso

de insuficiência de "quorum", a votação será realizada a 6 de setembro, e se persistir, dia 11 daquele mês.

NOMINATA DOS CANDIDATOS

Em cédula única, foi registrada a chapa constante da seguinte nomi-

nata, que concorre a eleição do próximo dia 22: para a diretoria — efetivos — Nelson Kerpel, Adelfrid Bernardo Guilherme Dieckow, Eduardo da Rocha Netto. Suplentes — Adolfo Sallet, Francisco Corrêa do Amaral e Juvenal Almiro de Moura. Para o conselho fiscal — efetivos — Bráulio Martins da Rocha, João Francisco Gomes

Verissimo e Edgar de Moura Guterres. Suplentes — Durílio Miotto, Guilherme Jorge Breitenbach e Severino Rafael Dallabrida. Para delegados junto à Federação — efetivos — Nelson Kerpel e Pedro Bizarello. Suplentes — Juvenal Almiro de Moura e Bráulio Martins da Rocha.

O PAPEL DA MULHER COMO MÃE

Noemi Friederichs
(Especialista em Economia Doméstica).

Elevada em muitos aspectos, a maternidade dificilmente é valorizada em um de seus papéis mais importantes: sua função social. E, na medida em que a mulher assume atitudes mais ativas na sociedade, sua função como mãe, nos moldes tradicionais, sofre mudanças. Para uma mãe desempenhar seu papel, ela sofre influência dos costumes e tradições da sociedade em que vive. E, porque não dizer, influência de toda uma história, de que somos frutos. Acredita-se que toda a mulher é dotada de um instinto materno, que a faz ver nos filhos a realização de sua vida. Também é verdade que nem todas as

mães do mundo procedem da mesma maneira. Há mulheres que tem um dom especial, gostam de cuidar de crianças e o fazem com um desempenho admirável. E chamada de "desnaturada" quando uma mulher não procede de maneira esperada. Pois, na verdade, ser mãe não é apenas a realização de instinto, mas sim um comportamento que reflete experiências e aprendizagem.

O pai passar a cuidar das crianças logo após o nascimento, em nossa sociedade seria considerado anormal, ao passo que em algumas ilhas do Pacífico o recém nascido é entregue aos

cuidados do pai ou a algum outro parente. Na medida em que a mulher assume papéis mais ativos na sociedade, vai sendo posta em xeque a atuação da mulher como mãe tradicional. Por um outro lado, nossa tradição determina, que mesmo prejudicando seus próprios interesses a boa mãe deve dedicar sua vida aos filhos.

Para muitos, a realização profissional da mulher, é faltar aos deveres de mãe. Porém, contra este argumento, é importantíssimo que a mãe participe do mundo fora de casa, pois assim terá condições de melhor orientar os filhos, compreender os

seus problemas. E assim não se sentirá frustrada, de mãos vazias, quando os filhos crescerem e começarem a decidir seus próprios interesses. Ela será uma pessoa realizada e não viverá só através dos filhos; e isto é algo muito importante para a mãe, como pessoa. Uma mãe exercendo profissão fora do lar, pode também modificar suas atribuições tradicionais, logicamente que isto não só depende dela, mas sim da compreensão e colaboração da família, repartindo uma série de responsabilidades domésticas. Estes fatos são importantes, porque só a partir da compreensão dos familiares é que se pode desempenhar uma função de esposa, e ainda secretária, balconista, professora, enfim, seja qual for a profissão que a mulher exerça fora do lar.

Olhar os filhos com suprema realização, começa na infância quando o menino começa a imitar o pai nos seus brinquedos e a menina a imitar a mãe, também nos seus brinque-

dos e ainda interessando-se pelos trabalhos caseiros. A partir destes gestos da criança, significa bem-estar e segurança. Porque o desejo de ser amado é aspiração de todo o ser humano. Se não recebemos amor na infância, estamos correndo o risco de consciente ou inconscientemente, procurá-lo pelo resto de nossa vida. O importante é deixar que a criança viva a sua própria infância, não sejamos tão egoístas ao ponto de querer que uma criança haja como um pequeno adulto.

Porque muitas vezes nós adultos temos vontade de voltar a ser criança? Será que todos ainda não temos um tanto de criança dentro de nós? Será que todos realmente vivemos a nossa infância?

Eduquemos nossos filhos com amor, mas nunca com excesso, porque assim estaremos prejudicando o bom desenvolvimento psicológico dos filhos e ainda pecando no nosso papel de mãe.

CONSELHOS ÚTEIS

A sopa deverá ser cozida em fogo brando e a panela deverá conservar-se tampada, pois o ar, juntamente com o calor da fervura, destrói as vitaminas e algumas vezes encrua o alimento, o que o torna de difícil digestão. Deve-se iniciar o cozimento em água fria, para se obter o máximo do valor nutritivo e um caldo

de carne de melhor sabor.

Quando um caldo de galinha ficar muito gordo, coloque folhas de alface crua no mesmo para que elas absorvam a gordura.

Dona de casa, enriqueça a alimentação de sua família, incluindo nas refeições diárias 1 prato com soja. Por que soja é Proteína.

LEGUMES EM FÔRMA

INGREDIENTES: 250 gr. vagens meio repolho, 250 gr. de cenoura, 1 couve-flor pequeno, 2 xuxus, 4 ovos, 1 xíc. de leite, manteiga.

MODO DE FAZER: Limpe os legumes e cozinhe em água e sal. Escorra-os e passe na manteiga até dourá-los. Arrume os legumes em forma na seguinte ordem: vagem, repolho, couve-flor e as cenouras, devendo no

entanto ter um gosto mais forte. Bata então os ovos inteiros juntando 1 xíc. de leite, sal e despeje sobre os legumes polvilhando com queijo ralado. Leve ao forno quente para assar.

NOTA: O caldo onde foi cozido os legumes, aproveita-se para preparar sopas. Ou ainda pode-se preparar o arroz, isto para se aproveitar todo o valor nutritivo dos legumes.

Vitamina com Leite de Soja

INGREDIENTES: 4 xíc. de leite de soja, 6 bananas, 1 colher (das de sopa) de mel, 1 colher (das de chá) de suco de limão, 1 colher (das de chá) de açúcar baunilha.

MODO DE PREPARAR: Juntar o leite com a banana, adicionar os demais ingredientes;

Por tudo no liquidificador e juntar pedacinhos de gelo e servir.

NOTA: Se não houver liquidificador, amassar bem as bananas e juntar os demais ingredientes e bater bem até ficar no ponto de servir.

COMA PATÊ DE SOJA

1 copo de resíduo de soja, 2 gemas, sal, alho, temperos verdes e cebola. Faz-se uma maionese, pica-se bem os temperos. Adiciona-se aos resíduos os

temperos e a maionese (que se faz com as gemas e azeite) e leva-se ao fogo até ficar uma massa consistente.



EDITOR TÉCNICO DO JAPÃO VEIO VER COOPERATIVISMO

Esteve em visita a COTRIJUI, demorando-se em palestra com redatores do COTRIJORNAL, no último dia 15, o jornalista Yoshisuke Kishida, presidente da "Shin-Norinsha Co, Ltd, empresa editora dos jornais "Agricultural Machinery News" e "Farming Mechanization, Monthly", ambos de Tóquio.

O jornalista estava acompanhado pelos srs. Shunji Nishimura, Eiichi Ogura e Oswaldo Clovis Quinzani, respectivamente, presidente, diretor, e chefe do Departamento de Vendas da empresa paulista Jacto - Máquinas Agrícolas.

Segundo declaração do presidente da Jacto, sr. Shunji Nishimura, o jornalista japonês fez questão de conhecer a realidade agrícola e cooperativista do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, para focalizar em seus jornais no Japão.

MÚSICOS RELIGIOSOS DA ALEMANHA

A 23 de julho estiveram em visita a COTRIJUI e COTRIJORNAL um grupo de 12 religiosos da Alemanha Ocidental, que se encontram em gira pelo Brasil. Eles vieram acompanhados pelo pastor Horst Mockink, que residiu durante muitos anos em Ijuí. Os músicos visitantes eram os seguintes: Fritz Hansmann, dirigente do grupo musical; Ervin Haug, Werner Benz, Friedrich Kallenberger, Ulrich Schreiber, Wolfgang Walker, Roland Reisensohn, Helmut Müller, Alfred Krüger, Michael Ruoss e Beate Winzler. Na visita a COTRIJUI eles se fizeram acompanhar do sr. Eugênio Reinoldo Guever.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Acompanhada pelo advogado Ben Hur Cesar Mafra, esteve em visita às nossas instalações, a socióloga Stela Cristina Fernandes Eigenheer. A visitante, que demonstrou interesse pelas questões relacionadas com o

cooperativismo praticado pela COTRIJUI, pertence ao Grupo de Informação Agrícola (GIA) e Instituto Brasileiro de Economia (IBRE), da Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro.

EXCURSÃO DE LÍDERES DA COTAP

A Cooperativa Tritícola e Agro-Pastorial Giruá Ltda - COTAP - promoveu entre 26 e 31 de julho último, uma viagem de integração e estudos através do Estado, visitando diversas cooperativas. A viagem que pode ser caracterizada como estudos, terminou em Rio Grande, no Terminal Graneleiro da COTRIJUI.

Dirigida pelos funcionários Genaro Krebs e Luiz Leonardo Lopes de Lima, assessores da diretoria da COTAP, a viagem obedeceu ao seguinte roteiro:

Passagem pelo Centro Administrativo da COTRIJUI (dia 26). Visita, com palestra no Centro Experimental da FECOTRIGO, em Cruz Alta, seguida de almoço e partida para Encantado, onde foram visitadas as instalações da Cooperativa dos Suinocultores daquele município, no dia 27.

No dia seguinte, saída para Lajeado, com visita às instalações da COOPAVE e saída para Garibaldi, com visita às instalações da Cooperativa Vinícola Garibaldi. De Garibaldi os excursionistas viajaram para Porto Alegre, com parada no Zoológico, em Sapucaia do Sul.

Na capital gaúcha foram feitas visitas ao centro, com destaque para o Palácio Piratini, Farroupilha, Tribunal de Justiça e Teatro São Pedro. Em Pelotas foram visitadas diversas cooperativas de leite, arroz e a sede da EMBRAPA-Sul, onde ouviram palestras de técnicos desse centro nacional de pesquisas.

De Pelotas os excursionistas da COTAP viajaram para Rio Grande, término da viagem, onde visitaram o Terminal Graneleiro da COTRIJUI e a fábrica de adubos Trevo.



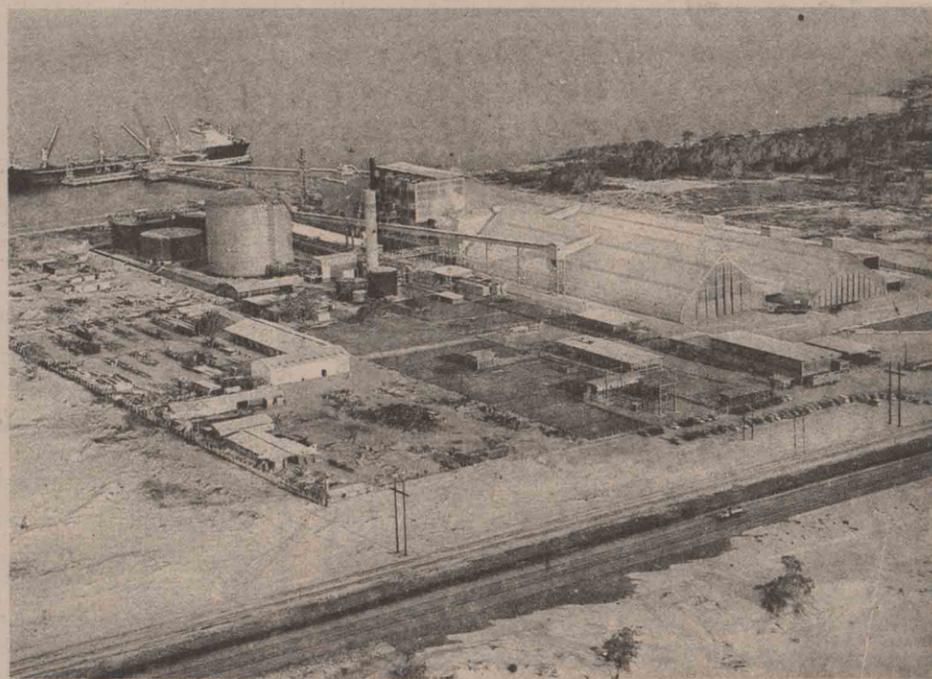
Os excursionistas, quando da passagem pela COTRIJUI.

1976

Na década da agricultura, o segundo ano de uma grande indústria no Superporto de Rio Grande.

- terminal marítimo, próprio, para navios de até 60 mil toneladas
- capacidade de descarga automática: sólida - 500 t/h e líquida - 700 t/h
- capacidade de produção: 620 mil t/ano - 170 mil de Superfósforos e 450 mil de NPK e DAP

ADUBOS  TREVO



marca

FEFEA - SEMENTE PARA PARQUE DE EXPOSIÇÕES

Pela terceira vez em anos consecutivos, alunos da Escola Municipal de 1º e 2º Graus "Assis Brasil" de Ijuí, ex-IMERAB, estarão promovendo dias 19, 20 e 21 do corrente, o Festival Estadual de Folclore Entre Escolas Agrícolas - III FEFEA. Esta iniciativa já a partir da sua segunda edição, tem registro de evento na Secretaria de Turismo e conta com cobertura financeira, ainda que parcial, do Governo do Estado. Outro aspecto da repercussão do FEFEA entre as demais escolas agrícolas gaúchas, está evidenciado no apoio que a promoção passou a receber do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura. O resultado disso tudo, e de um trabalho de equipe que vem se desenvolvendo desde o encerramento do II FEFEA, será visto ainda este mês no recinto do CTG Clube Farrroupilha de Ijuí, local escolhido para o terceiro festival.

OBJETIVOS DO FEFEA

Numa primeira instância, a idéia foi a de incrementar o intercâmbio entre as escolas agrícolas gaúchas, ao mesmo tempo em que se incentivaria o estudo, a conservação e a prática do folclore no meio estudantil. A partir dos bons resultados alcançados nas duas primeiras edições, já agora no terceiro festival constará da programação palestras de caráter técnico, como "Gado

Leiteiro e Forrageiras", "Bacia Leiteira" e outras. Dentre os temas de cunho eminentemente folclórico, a destacar pronunciação da professora Lilian Argentina, conhecida estudiosa e pesquisadora do folclore gaúcho, principalmente. Como se vê, a par da integração estudantil entre escolas de uma mesma especialidade, se busca através do FEFEA o aprofundamento de idéias através de palestras de pessoas gabaritadas, tanto na área técnica quanto no campo do folclore. Dentre os convidados para discorrer sobre assuntos técnicos, está um representante da Secretaria da Agricultura do Estado e um engenheiro-agrônomo da COTRIJUI.

A CHAMA DOS ANTEPASSADOS

O gosto pelas coisas nossas na Escola Assis Brasil de Ijuí, já é patente há alguns anos. O elenco folclórico do ex-IMERAB é de muito bom conceito, tendo despertado valores, como Gilberto Lamaison, vice-campeão internacional de chula, além de excelente declamador. Com esta frase - "Ajuda a manter acesa a chama que teu antepassado acendeu", alunos e ex-alunos reúnem esforços para fazer de Ijuí, durante três dias, o centro do folclore e do puro tradicionalismo. A assistência as palestras e apresentações dos elencos folclóricos é aberta ao público em geral, o que faz prever que mais uma vez

as dependências do CTG Farrroupilha serão literalmente tomadas.

EMBRIÃO PARA O PARQUE DE EXPOSIÇÕES

A estreita ligação existente entre a qualificação profissional dos alunos dos cursos técnicos da Escola Assis Brasil e a pujança agropecuária da região, está a sugerir novos passos rumo ao Parque de Exposições, que começa a ser chamado de Fazenda Show. Seria implantado em área do município onde hoje está a estrutura para a Feira de Terneiros programada para setembro próximo. De funcionamento contínuo, o Parque de Exposições durante um mês, se transformaria em uma fazenda show, para demonstrações de maquinário agrícola, exposições, feiras e

remates de gado leiteiro. O chamamento para uma maior conscientização do comércio e indústria locais para a necessidade de Ijuí vir a ter seu parque de exposições, começa então pelo FEFEA, festival que integraria a gama de atrações da fazenda show. Já agora está manifesto o apoio do município e da COTRIJUI, que a partir da Feira de Terneiros pensam num incremento da bacia leiteira. Quem sabe já a partir de 1977, usada a estrutura inicial da Feira, o local pudesse contar com serviço de restaurante, salão para conferências, áreas adequadas para demonstrações e experimentação. Assim, a fazenda show teria seu significado, sem no entanto esvaziar o FEFEA, que segundo a comissão organizadora continuará a difundir, sempre, o folclore.

PRESENCAS NO III FEFEA

A Comissão Organizadora do III FEFEA, presidida pelo técnico agrícola Celso Ronaldo Figueira, está confiante no êxito da promoção. Mais de vinte escolas agrícolas gaúchas já confirmaram participação. Dos elencos convidados (afora os das escolas) asseguraram presença o Lenço Colorado, através do DAC da SEC; o elenco artístico do Projeto Rondon, integrado por universitários de Porto Alegre, e o IEBU - Intercâmbio Estudantil Brasil Uruguai, do país vizinho. A instalação do Terceiro Festival de Folclore Entre Escolas Agrícolas, dia 19 do corrente, possivelmente contará com a presença do secretário de educação, Ayrton Vargas.

INCENTIVO PARA REFLORESTAMENTO

No dia 12 de julho foi lançada pela Associação Conservacionista de Tenente Portela - ACOTEPO, a Campanha do Pinhão, iniciativa que consiste em incentivar o reflorestamento na região. Colaboram com a ACOTEPO na campanha a prefeitura municipal de Tenente Portela, o sindicato dos trabalhadores rurais do município, a Secretaria da Agricultura (Agronomia Regional) e a COTRIJUI.

A propósito da Campanha do Pinhão, informou o

agrônomo Enio Siqueira, responsável técnico da ACOTEPO, que foi escolhido o pinho brasileiro por se tratar de uma espécie nativa em extinção, adaptar-se muito bem as condições de clima e de solo, além de ser bem cotado comercialmente.

As sementes, em qualquer quantidade, são distribuídas gratuitamente aos interessados em participar de mais este movimento de recuperação do meio ambiente.

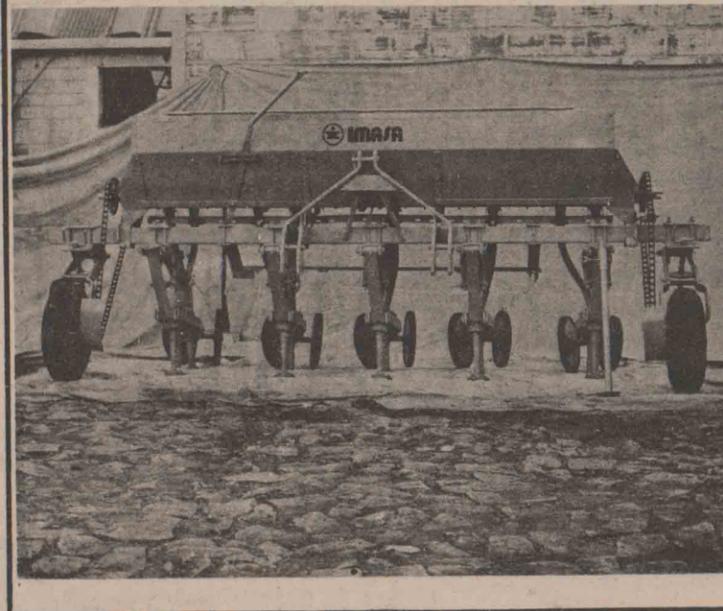
PLANTIO DIRETO IMASA



- Nossos parabéns aos agricultores da região por estarem conscientes da necessidade do plantio direto da soja, pelos vários benefícios que ele traz. E acompanhando esta conscientização, a IMASA, vem de lançar no mercado e já com grande aceitação, a MÁQUINA IMASA DE PLANTIO DIRETO. Separação perfeita de adubo e semente, profundidade regulável e uniforme, acompanhando a ondulação do terreno com excelente cobertura e compactação, servindo também, para plantio de cultivo e transformável em capinadeira. MÁQUINA IMASA DE PLANTIO DIRETO - VERSÁTIL COMO ELA SÓ.

- Em novembro de 1972, por ocasião do 1º ENCONTRO INTERESTADUAL DE PRÁTICAS MECANIZADAS para conservação do solo, promoção: IMASA E COTRIJUI, nasce a idéia do plantio direto no Rio Grande do Sul, como medida fundamental para conservação do nosso solo. VALEU A PENA ESPERAR. Está no mercado a MÁQUINA IMASA DE PLANTIO DIRETO. E ELA custa muito menos do que você imagina. Evite o empobrecimento de sua terra utilizando a MÁQUINA IMASA DE PLANTIO DIRETO.

- A IMASA NÃO PRODUZIU UMA MÁQUINA GRANDE, e sim, a grande máquina esperada pelos agricultores de todo o Brasil. Está provado: Quem planta direto, economiza tempo e dinheiro, melhora a rentabilidade e promove a conservação do solo. Conheça os resultados do plantio direto com a Máquina Imasa, que também faz plantio convencional e um excelente trabalho de capina. MÁQUINA IMASA DE PLANTIO DIRETO: Qualidade, Rapidez e Durabilidade, JUSTIFICANDO SEU INVESTIMENTO.



DEPUTADOS PARÁENSES APLAUDEM A COTRIJUI

A Assembleia Legislativa do estado do Pará, em sessão realizada a 3 de junho último, aprovou por unanimidade moção de aplausos a COTRIJUI, "... pelo projeto agrícola que aquela cooperativa gaúcha

implantar em Altamira, no nosso Estado".

A proposição, de autoria do deputado Oswaldo Melo, foi apresentada ao plenário do legislativo paraense, com a seguinte redação: "Requeiro, que nos ter-

mos do Regimento Interno e mediante aprovação do plenário, seja oficiado à Cooperativa Regional Tritícola Serrana de Ijuí, no Rio Grande do Sul, conhecida pela sigla COTRIJUI, manifestando os aplausos desta

Assembleia Legislativa pelo projeto agrícola que aquela entidade implantará em Altamira, no nosso Estado, e que produzirá cereais: café, cacau, cana-de-açúcar, dendê, além da colonização e outros benefícios que trará

à região o referido empreendimento, gerando novos empregos e o progresso".

A proposição foi endereçada ao diretor-presidente da COTRIJUI pelo deputado Zeno Veloso, 1º secretário.

Agronomandos mineiros estagiaram na cotrijui

No período de 12 a 29 de julho último, os jovens Fernando de Barros Cobra, Rosana Tereza Mendes e Clever Grecco Magalhães, terceiranistas do curso de agronomia da Escola Superior de Agricultura de Lavras, Estado de Minas Gerais, cumpriram estágio na COTRIJUI. Ao final de sua permanência, a reportagem reuniu os estudantes e o vice-diretor técnico da cooperativa, eng. agr. Alberto Parenti Filho, para colher algumas impressões sobre o trabalho feito.

Segundo o dr. Alberto, o estágio é programado a partir da chegada dos estudantes a COTRIJUI, proporcionando assim aos estagiários realizar estudos e acompanhamento de experimentos em áreas de sua preferência. No caso dos agronomandos mineiros, durante um dia acompanharam a elaboração de projetos de financiamento de calcário. Participaram de reuniões nos núcleos, fizeram observações junto ao trabalho do laboratório de sementes, assistiram classificação de sementes de soja e participaram nos experimentos com trigo,

forrageiras de inverno e cevada e ensaios de conservação do solo, no Centro de Treinamento da Cooperativa (Posto Agropecuário). Igualmente com a orientação do Departamento Técnico, visitaram a Estação Experimental da FECOTRIGO em Cruz Alta, e a EMBRAPA em Passo Fundo. Perguntados sobre os motivos que os levaram a solicitar estágio numa região diferente da sua, onde há predominância da cultura do café, criação de gado de corte e leiteiro, os agromandos de Minas Gerais se sentiram a vontade para dizer de sua curiosidade em torno das culturas aqui desenvolvidas, trigo principalmente. Foi por isso que visitaram os centros experimentais e participaram de algumas práticas no Posto Agropecuário, envolvendo o cereal-rei.

Em seu Estado, frizaram, a partir dos apelos do próprio Ministro da Agricultura, que foi professor da escola em que estudam, a ênfase agrícola está consistindo na recuperação dos cerrados, terras que começam a ser fortalecidas por meio da conservação do solo.

Os estagiários disseram também que em Minas, como no Rio Grande do Sul, é sentida a necessidade do emprego das técnicas conservacionistas. Só que há em seu Estado um longo caminho a ser percorrido ainda,

porque devido ao tipo de cultura (café), é mais difícil e moroso conscientizar e convencer os produtores dos perigos da não conservação do solo.

Dispostos a voltar ainda a tomar contato com a região,

principalmente para se certificar do andamento de novos projetos nas áreas de leite e hortigranjeiros, os estudantes manifestaram sua admiração pelo evoluído espírito cooperativista que norteia os produtores gaúchos.

BNCC APLICARÁ TRES BILHÕES DE CRUZEIROS NO COOPERATIVISMO

O Banco Nacional de Crédito Cooperativo - BNCC - deverá aplicar este ano, Cr\$ 3,2 bilhões no cooperativismo, afirmou o presidente Marcos Raimundo Pessoa Duarte, na Associação Comercial de Belo Horizonte. Segundo ele o rápido desenvolvimento do BNCC deve-se "à disposição do presidente Geisel de dar suporte ao cooperativismo nacional, através da política dirigida pelo ministro Alysso Paulinelli".

O I Programa Nacional de Cooperativismo - PLANOCOOP - recentemente lançado pelo ministro da Agricultura, que mediante atuação conjunta do INCRA, EMBRATER e BNCC prevê, entre outras metas, a capacitação de 800 técnicos, treinamento de 3.000 dirigentes de cooperativismo, promoção de 500 cursos populares e expansão em 200% da produção e comercialização pelas cooperativas, foi apontado pelo presidente do BNCC como iniciativa no estímulo ao cooperativismo dentro da política do Governo para o setor.



adubos
pampa s.a.
o verde da terra
CANOAS

REPRESENTANTES: Comércio e Representações Agrícolas Caçula Ltda.
R. 15 de Novembro, 448 - IJUI - RS.

O IMPASSE DE UMA PROPRIEDADE AGRÍCOLA EM EXTINÇÃO

Walter Frantz

Os agricultores enquadrados dentro duma determinada faixa e tamanho de propriedade se apercebem cada dia mais e com maior consciência, que suas atividades de produção deverão se vincular sempre menos a uma dependência de investimentos onerosos e uma tecnologia sofisticada em si e por si, sem que haja justificativas e retornos adequados de produtividade e eficácia para o produtor.

É preciso buscar mercados mais estáveis e próximos, linhas de produção e culturas dirigidas para os grandes contingentes consumidores internos, diversificados em seus hábitos e necessidades de consumo. É preciso buscar uma agricultura diversificada, livre da dependência do círculo vicioso do consumismo desenfreado e galopante, de produtos que pouco ou nada renovam e acrescentam à capacidade e objetivos destas propriedades. Aliada à diversificação devem ser traçados planos de criação tecnológica, não confundidos com a pura e simples multiplicação de produtos e peças utilizáveis no serviço do campo e da lavoura. Deverá haver uma relação positiva entre os fatores: tamanho de propriedade, tecnologia, mão-de-obra disponível, capacidade de investimento e objetivos reais da unidade. De nada valem os esforços dispendidos na formação de uma lavoura com índice de alta produtividade, caso os meios e recursos utilizados (trator, implementos, insumos, etc) permaneçam com índices de ociosidade de até 40, 50 ou 60%.

Vejamos o que poderá ocorrer com uma propriedade, com uma lavoura preparada com um trator ou implemento de cuja capacidade só necessita e utiliza 40%, mas que terá de produzir para pagar a aquisição dos 100% da capacidade da máquina. Por mais alta que seja a sua produtividade e rendimento, para o agricultor isto deixará pouco ou nada de capitalização, de resultados racionais. Os recursos escassos foram aplicados todos, faltando em outras frentes. Deverão ser suprimidas outras necessidades diante de uma evasão de resultados, suprimindo gastos irracionais frente aos objetivos específicos.

Afora outros, parece ter sido este um dos maiores problemas que marcou a inviabilidade da pequena propriedade como produtora de culturas, carentes de pesados e vultosos investimentos. Não obstante uma propriedade tenha passado a produzir 100% a mais, não se tornou viável e capaz de oferecer uma saída econômica, enquanto considerada a propriedade em si mesma. Permanece o proprietário — embora modernizado — com os problemas fundamentais que o afligiam na economia de subsistência. Para a economia global, o aumento da produtividade da pequena propriedade enquanto dinamizar uma crescente industrialização e oferecer maiores quantidades de produtos ao consumo e em consequência por menores preços, tudo isto é muito viável. Porém, considerada a propriedade em si mesma, em nada tem alterado de substancial a economia familiar, que apenas passou do boi de canga e do arado "tatu" ao trator e ao implemento moderno. Houve uma substituição de instrumentos de produção, porém ao nível das necessidades da sociedade agrícola minifundiária global não se passou de uma simples modernização. Permaneceu ou aumentou o nível de dependência. Há o mesmo fator constante, a mesma razão entre o minifúndio da economia de subsistência e o minifúndio modernizado, consumidor de produtos industrializados e integrado numa produção intensiva para um mercado distante. O desgaste do aparente poder aquisitivo conquistado por estas propriedades, por períodos de euforia e excepcionais condições climáticas dá-se, gradativamente, frente ao processo inflacionário e altista desproporcional dos preços de produtos indispensáveis.

Diante disto faz-se mister estudar com carinho a diversificação da cultura, não mais dentro da economia de subsistência, mas aliada ao espectro bem amplo dos problemas do homem da pequena propriedade e do trabalhador rural. Do contrário teremos o êxodo rural cada vez mais acelerado: nossas cidades crescendo por um puro e simples agregado de contingente humano marginalizado, embora cresçam

os índices de produtividade, de poder de compra, de modernização e recordes de safras. A absorção do poder aquisitivo, com crescente caráter concentracionário aumenta o consumo e possibilita a sofisticação dos produtos, porém marginaliza cada vez mais a maioria dos indivíduos envolvidos na produção, concentrando os meios de produção e decisão em mãos de minorias, com redobrada capacidade de compra.

As compras mais tentadoras parecem se dar justamente na aquisição das propriedades "estranguladas", embora grande

parte do poder econômico também seja gasto em melhorias e modernização, dando a imagem positiva do moderno homem rural e gerando-se, assim, quase uma "reforma agrária natural e espontânea". Isto se passa como resultado evidente do processo e modelo econômico adotados.

O impacto negativo resultante deste processo, no setor urbano, ameniza-se à medida que se multiplicam as fontes de produção de bens de consumo exigidos pela concentração e aumento da renda do grupo detentor da produção primária, va-

lorizada e dinamizada pela nova aliança dos dois setores da estrutura fundamental de produção de bens primários e secundários. Geram-se novas oportunidades de trabalho e que possibilitam absorver a mão-de-obra agressiva do meio rural, em grande parte em regime permanente. Criam-se outras frentes de trabalho que, periodicamente, necessitam de contingentes de mão-de-obra. Assim, passa de mão em mão a esperança e o sonho de ser um urbano, cercado pelo conforto da cidade, que para muitos tornou-se uma desilusão sem retorno.

TESTEMUNHO DE PRODUTIVIDADE

HIPERGRAN

Lavoura de SOJA
do Sr. BENTO COSTA
130 ha - Catuípe (RS)
Variedade: Hardee

Adubação: 150 kg/ha de HIPERGRAN 3-23-15*
Produção: 2.520 kg/ha (42 sacos/ha)

* HIPERGRAN 3-23-15 corresponde ao produto
HIPERGRAN nº 33015 Reg. Min. da Agric.: RS 0127
e PR 0562

Garantias: N - 3%; P₂O₅ sol. ác. cítrico 2% - 1:100 - 23%;
K₂O sol. - 15%; P₂O₅ sol. água - 15%



companhia riograndense de adubos
Porto Alegre/Rio Grande/Passo Fundo/Curitiba/Paranaguá



mercur



O APOCALIPSE ACONTECEU EM DUAS ILHAS DO PACÍFICO

Por trás do monte Kom-pira, nasceu o sol aquele dia. O fato, em si, não mereceria nenhum registro especial, uma vez que no mínimo em outra metade do globo terrestre, em milhares de outras cidades, o astro rei surgiu para fazer o seu giro aparente. E o sol apareceu e desapareceu em função do giro da Terra. No Oriente e no Ocidente, no Equador e nos Polos, a vida continuou sendo a mesma: choveu, ventou, o calor cresceu o solo nos Apalaches; o Amazonas continuou despejando seu imenso caudal líquido no Atlântico. Os nórdicos — finda a Guerra — retomaram sua vida sob um verão tórrido enquanto os gaúchos da Patagônia repontavam o gado sob vento cortante de gélido inverno.

Era o dia 6 de agosto de 1945. O mundo festejava a Paz. Dançava-se nas ruas de Nova Iorque, Paris, Londres, Rio de Janeiro, Viena, Bruxelas, Moscou, Porto Alegre e Ijuí.

O Eixo capitulara. Berlim e Roma estavam submetidos. Apenas uns fanáticos japoneses, mais por falta de comunicação do que possibilidades para a luta, insistiam em prolongar a guerra. Tóquio, um país arquipélago, já não possuía Armada. A aviação estava no fim e as forças de terra constituíam-se de fanáticos entocados nas grutas, onde os lançachama do Exército norte-americano, os buscavam continuamente.

O povo tinha consciência que a guerra estava terminada; que o martírio chegava ao fim. Mal podia supor que antes do anjo da Paz abrir as asas sobre eles, ainda iria acontecer Hiroshima e Nagasaki.

Pois aconteceram. 6 de agosto foi a vez de Hiroshima e a 9, Nagasaki. A tragédia desta última cidade é comentada nesta reportagem.

O texto a seguir, que tem como pano de fundo os cataclismos das duas cidades japonesas

arrasadas pelas bombas atômicas ao fim da II Guerra Mundial, é baseado no livro "Os Sinos de Nagasaki", de Paulo Nagaí — tradução do original "Les Cloches de Nagasaki", por Cecília Duprat, edição Flamboyant, de 1959.

Como acabará esse diacho de guerra? Perguntou o estudante de medicina da Universidade de Nagasaki, ao capitão Fujimoto, chefe da segurança do "Campus". Este limitou-se a esquadrihar o céu com seu olhar oblíquo e penetrante, enquanto as sirenas recomeçavam a assoprar seu trinar agudo e penetrante. Um professor perguntou, como se falasse consigo mesmo: onde estão nossos aviões? E nossos navios? Complementou um magro estudante, no dialeto arrastado de Osaka.

— Para que querer combater? Não temos a menor chance.. Ninguém respondeu. Todos, ou quase todos, pensavam como ele.

Na verdade, o país achava-se entre a vida e a morte.

— Hein, seu capitão — continuou o rapaz de Osaka — como é que o senhor acha que essa guerra vai acabar? O capitão Fugimoto continuava imóvel, braços cruzados, olhos fixos no céu.

— Meu capitão, — insistiu o rapaz de Osaka; que vai ser de nós?

— O capitão, mais uma vez, não respondeu. Caiu sobre eles um silêncio pesado.

— As murtas, as "espirra-deiras", e as canas-da-india mantinham uma imobilidade de "sangue coalhado"...

— O silêncio só era quebrado pelo grito agudo das sirenas que não chegavam a emudecer completamente.

— Eles vem e vão! Já estão indo, meus amigos! Todos para fora; a sala está incendiando...

— E pouco mais tarde:

— Estão de volta! Ei-los de novo! As bombas estão caindo,

depressa para o abrigo.

— Sim, as bombas caíam, os aviões iam e vinham em esquadrihas sucessivas. Assim foi por muito tempo, até que aconteceram o 6 e o 9 de agosto.

— Tsuchimoto está lidando com as plantas no cume da colina de Kawabira. Deste local ele descortina, a tres quilômetros para o sudoeste, a região de Urakami, em Nagasaki. O sol de verão envolve a cidade e as colinas, com tranqüila indiferença.

De repente, Tsuchimoto percebe o ruído fraco, mas inconfundível, de um avião. Ergue-se, foice na mão, e olha para cima. O céu está claro. Tsuchimoto distingue com perfeição, apesar da altitude, um B-29. O avião larga um volume. É uma "coisa," preta e comprida. Tsuchimoto não tem dúvida. Seus olhos habituados identificam uma bomba.

Lança-se no chão. Passam-se cinco segundos, dez, vinte, um minuto. Permanece na mesma posição, contendo a respiração.... Brutalmente, através do firmamento, brilha uma luz. "Luz terrível" — pensa ele, mas sem barulho, sem estrondo; "é estranho!"

Nervosamente, ergue a cabeça. É mesmo uma bomba e atingiu Urakami, em cheio. Começa a subir uma coluna de fumaça branca que se alarga cada vez mais.

O que o aterroriza, porém, o que lhe congela o sangue nas veias, é o imenso sopro que se desprende por baixo da nuvem branca. Com uma velocidade espantosa, passa sobre colinas e campos que se despedaçam pela força do fenômeno. Antes que o espectador tivesse tempo de pensar, o sopro já ceifou a floresta em frente, vai arrasar o local onde Tsuchimoto se deitara.

Dir-se-ia gigantesco mas invisível compressor, destruindo tudo à sua frente. "Pronto! Vou ser esmagado — pensa Tsuchi-

to — e juntando as mãos cola o rosto contra o chão, murmurando: "Meu Deus! Meu Deus!"

Um estrondo tremendo fere seus ouvidos. Sente-se soerguido no ar e atirado contra um barranco a cinco metros de distância.

Quando, por fim, cria coragem para abrir os olhos e olhar em torno de si, vê as árvores arrancadas, nem mais uma folha, nem mesmo a relva verde e fresca de segundos antes. Tudo foi calcinado, levado para o desconhecido. Permanece no ar um odor de resina queimada. E Tsuchimoto pensa exatamente na figura do apocalipse...

Furue voltava para casa, vindo de Michino-o para Urakami. Ladeando uma fábrica de munições já parcialmente destruída, ouviu o barulho de um avião na altura. Ergueu os olhos e viu no céu, à altura do monte Inosa, na direção do bairro Matsuyama, uma gigantesca bola de fogo.

Era uma bola incandescente, brilhante como estrôncio numa lanterna de grande potência. A bola vinha descendo. Não podia calcular o que fosse. Para certificar-se, tapou uma das vistas e fixou melhor com a outra. Veio então a explosão, fulgurante como uma explosão de magnésio. Furue sentiu-se arrematado no ar.

Só muitas horas depois voltou a si: fora atirado num arrozal, juntamente com a sua bicicleta. O olho que fitara a "coisa", estava totalmente cego.

Kagakure fica a 7 quilômetros de Urakami. Tagawa, instrutor da escola primária local, olha pela janela em direção a cidade de Nagasaki. Inesperadamente o céu ilumina num instante, ofuscando-o com uma luz que empalidece por momentos o próprio sol de verão...

— que idéia de usarem faróis em pleno dia! Pensou o instrutor, debruçando-se à janela para ver melhor. Mas que espetáculo se lhe depara então.

— Corram aqui! Grita ele aos colegas que se achavam na mesma sala. Venham ver! Que é aquilo?

Precipitam-se todos para as janelas. Uma coluna branca ergue-se de Urakami e não cessa de avolumar-se. Que é aquilo? Exclamam os expectadores, vendo a tocha transformar-se num cogumelo gigantesco de mais de um quilômetro de diâmetro.

Sopra então tremendo vento. Abala-se a sala, despedaçam-se as vidraças e a escola cai desintegrada como se fora feita de papelão.

A pequena cidade de Oyama estende-se sobre a vertente do monte Hachiro, ao sul do porto de Nagasaki, distante uns 8 quilômetros de Urakami. Dali, para além da baía, ve-se no horizonte, a bacia de Urakami.

Kato trabalhava no campo, com seu búfalo. Acabara de encontrar morangos vermelhos,

que se destacavam na relva muito verde e macia. Eram morangos agrestes. Pôs-se a comê-los ávidamente. Neste momento viu um clarão. O búfalo também pressentiu algo, e sob o choque, virou a cabeça assustado. Uma nuvem igual a uma grande bola de algodão desfiado formou-se no céu, acima de Urakami. Começou a avolumar-se, avolumar-se cada vez mais. Dir-se-ia uma lanterna gigantesca envolta em lã transparente. O exterior era branco, mas dentro brilhava uma chama viva que, através da bola branca lançava relâmpagos de todas as cores do arco-iris. Relâmpagos vermelhos, roxos, amarelos... A seguir, a nuvem tomou a forma de um brioche e a parte superior começou a subir, a subir, assemelhando-se a enorme cogumelo. No mesmo instante um imenso redemoinho negro fez anoitecer o dia de Urakami. A impressão é que tudo estava sendo aspirado pelo cogumelo que continuava a subir.

De repente a nuvem principiou a descer e desviou-se para leste. O torvelinho girou mais alto do que as colinas; depois, uma parte tornou a descer, enquanto a outra se desprendia do mesmo lado que a nuvem.

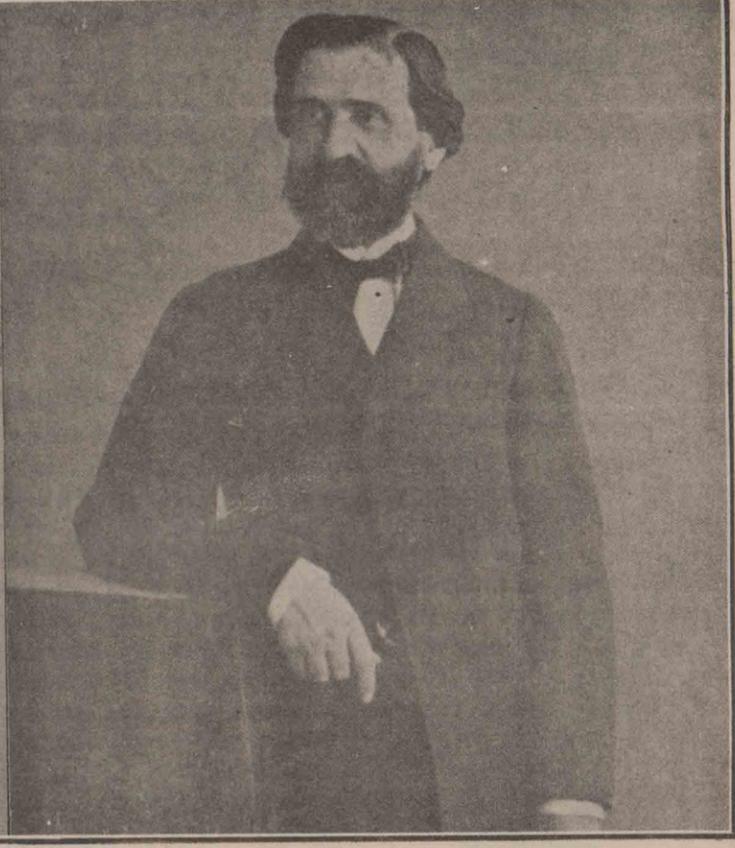
O dia estava lindo: colinas e mar banhados de sol; mas a região de Urakami, em Nagasaki, sob a nuvem, aparecia negra e desoladora.

Veio o sopro gigantesco. As roupas de Kato foram agitadas; as folhas arrancadas das árvores, mas o sopro já perdera muito de sua força. O búfalo não se perturbou mais e Kato pensou: "Pronto! Mais uma bomba, e não muito longe daqui"...

Takami conduzia seu búfalo até Koba, caminhando ao longo da estrada de Odorize, a dois quilômetros de Urakami. De repente, sente como que um bafo quente. Aparentemente, não é calor forte, entretanto, ele e seu animal ficam terrivelmente queimados. E logo a seguir, bolas de fogo caem sobre eles, assobiando. Uma delas atinge seu pé e explode, deixando um jato de fumaça branca e um cheiro forte de parafina derretida. Aqui e ali, uma chuva de fogo atea incêndios por toda a parte.

A distância que separava o centro da explosão dos prédios da Universidade, variava, conforme o caso, de 300 a 700 metros. Assim sendo, esses edifícios foram atingidos em cheio pelo furacão. Num abrir e fechar de olhos, as salas se desintegraram. Nenhum professor ou aluno sobreviveu para descrever a cena. Foi a ocorrência do apocalipse.

Passados 31 anos das tragédias de Nagasaki e Hiroshima, chega a ser desesperador o saber que o cataclismo atômico pode repetir-se em quaisquer das regiões do globo terrestre. Hoje, porém, com a diferença que o apocalipse de que fala a Bíblia seria letal e fatal, à toda a Humanidade (Raul Quevedo).



G. VERDI, MÚSICA A SERVIÇO DA LIBERDADE

A música impregna o ar que se respira na Itália de 1800. A Itália, o próprio símbolo do clássico, vive talvez o seu momento culminante da arte operística.

Nesse ambiente de música nasceu Giuseppe Verdi, a 10 de outubro de 1813, perto de Busseto, aldeia pertencente ao ducado de Parma.

Mas além da música e dos dramas operísticos que alegravam o povo e os amadurecia culturalmente, a Itália oitocentista vivia um drama de natureza real. Era o domínio austríaco, que se eternizou na península até o advento revolucionário comandado por Garibaldi, o mesmo centauro que se bateu

pela causa Farroupilha, no Rio Grande do Sul.

O nome do compositor servia até como camuflagem para desviar a atenção da polícia austríaca, em mensagens transmitidas pelos patriotas. Nas paredes das cidades italianas os patriotas escreviam VIVA VERDI, abreviatura de "Viva Vittorio Emanuele, Rei da Itália". Ao mesmo tempo o compositor fazia passar armas de contrabando através da fronteira austríaca, pagando-as de seu bolso. Assim obteve Verdi seu bem merecido título de "Maestro da Revolução".

Não é de admirar, pois, que a obra verdiana tenha sido literalmente revolucionária.

Verdi estréia com Oberto, seguida de Nabucodonosor. Este é um drama sobre o rei da Babilônia que escravizou os judeus. Verdi, praticamente estrejava abordando temas revolucionários. Em Nabucodonosor, o jovem compositor via uma alusão velada à tirania da Áustria, sobre a sua pátria.

A inspiração do seu estro era fértil. Deixou o Rigoletto, "Il Trovatore", Ernani, La Traviata, Giovanna D'Arco, Lombardi (depois rebatizada para Jerusalem), "Les Vêpres Siciliennes", Simon Bocanegra, Um Baile de Máscara ("Un Ballo in Maschera"). A força do Destino, Dom Carlos, Aida, Falstaff, entre dezenas de outras.

A maior parte da obra do genial maestro e compositor foi censurada pela polícia de ocupação austríaca. Caso típico dessa situação, que fez com que Verdi talvez não derramasse todo

o seu talento de virtuose sobre a pauta das diversas obras que criou, foi o Rigoletto. Essa ópera, escrita e batizada com o nome de "Le Roi S'amuse" (o rei se diverte), sobre tema de Victor Hugo, teve seríssimos problemas com a censura.

Abordando tema de costumes no período dissoluto dos Luizes da França, porém com forte alusão ao absolutismo austríaco na Itália, Verdi é intimado a modificar o tema (sob libreto de Piave). Assim, Triboulet passa a ser Rigoletto; Gilda, em vez de Branca e ao em vez de Francisco I, o Duque de Mantua. Saint-Vallier passa a ser Monterrone e Saltabail por Sparafucille.

O drama é comovente. Narra a história de um pai que faz assassinar a filha, pensando estar castigando ao sedutor que a desonrou. Tal é o atroz desenlace desta peça, rica, sobretudo, em situações de poderoso inte-

resse dramático, tão ao gosto da época.

Mas se o drama é forte, ele procura caracterizar uma época altamente dramática para a Itália ocupada. O poder discricionário da polícia do invasor aliado ao comodismo indiferente das camadas nobres da pátria, muitas vezes com flagrante conivência dos dominados, estimulou muitas vezes os apetites austríacos até ao deboche de conspurcar até mesmo os lares honestos.

É esse o Verdi que ouvimos através da sua música imortal. Um revolucionário, um combatente, um verdadeiro titã. Quando os patriotas de Garibaldi e do rei Emanuele enveredaram em direção a vitória final, cantavam as obras de Verdi, o compositor da liberdade.

Cheio de glória, Verdi morreu na pátria livre do invasor, numa manhã de 12 de janeiro de 1901.

LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

Vida em Marte

Não há, aparentemente, homenzinhos verdes em Marte. Nem canais, nem nada que indique a existência de vida inteligente no Planeta Vermelho. Só esta especulação foi confirmada: Marte é mesmo vermelho. Vermelho, poeirento e sem vida.

Os cientistas já sabiam que a possibilidade de encontrar organismos vivos parecidos com os da Terra em Marte era extremamente remota, mas você, eu e os autores de ficção científica, que preferimos confiar na imaginação mais do que na probabilidade,

tinhamos uma secreta esperança. Sabíamos que era pedir demais, mas se em apenas uma das fotos mandadas pela sonda Viking, no canto do quadro, aparecesse um olho curioso... Mas não apareceu nada. Não vai aparecer nada. Pelo menos neste pequeno canto do Universo, somos os únicos seres vivos. Foi um duro golpe para a imaginação humana.

Ninguém tem dúvidas de que existe vida em outros planetas. Se não neste sistema solar, em outro. São trilhões de sistemas. A idéia de que só um pequeno e pouco importante planeta de um dos sistemas menores seja o único a ter o privilégio da inteligência desafia toda a lógica. Claro que há vida no resto do Universo. A

vantagem de Marte é que, em termos cósmicos, ele era logo ali. Ao alcance da tecnologia já existente. Para conhecer os confins do Universo ainda temos que esperar algum tempo. Para ir a Marte, bastaria fazer uma reserva agora. Pelo menos para o seu neto passar um Marte de Mel por lá. E a comunicação entre marcianos e terrestres — ou, vá lá, americanos — poderia começar já no próximo "Fantástico". Mas não há vida em Marte. Estamos sózinhos.

Ou será que estamos? Um amigo meu, depois de examinar as fotos enviadas pela Viking e ouvir a descrição do chão árido encontrado pela sonda, exclamou:

—Po, foram descer logo no Nordeste!

Sim, podem ter descido na parte subdesenvolvida de Marte. Há um cartum antológico do Jaguar que mostra viajantes espaciais desembarcando na Terra e começando a ler uma mensagem de saudação do seu planeta aos habitantes do nosso, diante do primeiro terráqueo que encontram. Só que o disco voador desceu num chiqueiro e o perplexo ser que ouve a saudação, sem entender nada, é um porco. Quem sabe não estamos, nós também, chegando a conclusões apressadas demais?

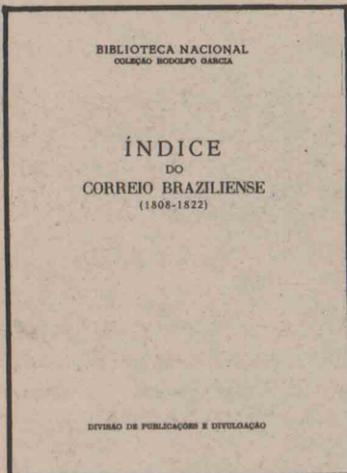
E há outro cartum antológico, desta vez do nosso Sampaio. Mostra a desolada paisagem de pedras da superfície marciana que a Viking transmitiu para a Terra. E uma "pedra" está dizendo para a outra:

—Não te mexe que eles estão fotografando.

Porque as "pedras", ou coisa muito parecida com pedras, podem ser os habitantes de Marte. Os seres inteligentes de outros planetas não precisam, necessariamente, ser como nós. Não precisam nem se locomoverem. Podem ser estáticos, como pedras. Ou semi-estáticos, como caramujos. Assim a Viking não apenas não estaria entendendo nada do que vê como poderia estar assentada em cima de vários respeitáveis cidadãos de Marte.

—Ai... Esse troço não sai de cima.

—Calma, calma. Não te mexe que eles estão fotografando. Quando forem embora a gente se espreguiça.



ÍNDICE DO CORREIO BRAZILIENSE

A seção Livros da presente edição abre com a notícia de lançamento de obra, que, para muitos, caracterizar-se-á por maçante, indigesta, monótona. Concordamos. O Índice é uma espécie de obra didática, há de ser buscado com parcimônia e examinado quase que por obrigação...

Duas classes, no entanto, no mínimo duas, exultam de satisfação pela feliz iniciativa da Biblioteca Nacional em lançar a obra. Essas classes são a do historiador e a do jornalista. A primeira delas porque passou a contar, através de um volume de 420 páginas, com todo um repatório de pesquisa histórica identificado através do primeiro jornal brasileiro (e brasileiro não apenas por haver sido editado na nossa língua, mas sobretudo por manter uma linha de conduta e uma filosofia brasileira), o Correio Braziliense - Londres, 1808-1822.

A segunda classe, a do jornalista, porque vê, finalmente, ressurgir nos horizontes da nacionalidade a figura histórica ímpar de Hipólito José da Costa, o patrono da sua classe profissional.

O historiador José Honório Rodrigues, paciente pesquisador que o compilou e organizou, explicando porque julga a obra de extrema importância para a nacionalidade, diz que não é só o historiador que lucra com essa realização, mas, na realidade, todo o campo das humanidades, "pois o Correio Braziliense é uma fonte inesgotável para estudos históricos, políticos, literários, sociais, econômicos e linguísticos: De pleno acordo professor. Não era o Correio Braziliense uma espécie da Armazém Literário... ?

Aliás, conforme assegura Jannice Monte-Mór, diretora da Biblioteca Nacional e artífice do empreendimento. "Hipólito José da Costa e Correio Braziliense são, hoje, do pleno domínio público. Não há, pois, razão para insistir no alcance e significado deste Índice, cujo valor está testemunhado não só pela autorizada opinião de seu ilustre prefaciador (José Honório Rodrigues), como pelo fato de este instrumento de pesquisa se inscrever entre as metas prioritárias da Biblioteca Nacional".

José Honório Rodrigues, explicando porque organizou o Índice, disse que "Quando diretor da Divisão de Obras Raras (1946-1958) planejei publicar uma série de índices, a começar pelos Anais da Biblioteca Nacional, que promovi e dos Documentos Históricos. Era minha intenção levar a cabo a organização de índices de periódicos, especialmente os que tiveram vida longa, em vários volumes, expressivos e de correntes de opinião nacional.

Dentre estes, o primeiro lugar pertenceria ao Correio Braziliense, que foi, como bem o disse o Barão Homem de Melo, o que educou politicamente a geração que preparou e realizou a Independência do Brasil".

Aí está, significando um esforço da Biblioteca Nacional e do seu paciente pesquisador - José Honório Rodrigues - um Índice do Correio Braziliense, obra que sem dúvida preenche um claro que existia em relação a maior facilidade de pesquisa no período que precedeu a Independência do Brasil.

O redator agradece o historiador Francisco Riopardense de Macedo, presidente de honra do Clube de Imprensa Hipólito da Costa, de Ijuí, que usando da influência de amizade que o liga à Jannice Monte-Mór, diretora da Biblioteca Nacional, ofertou-nos um volume.

ADEUS SENHOR CHIPS

Quem já assistia cinema na década dos anos 40, deve lembrar a história de um professor ternura, chamado Mister (senhor) Chips, que conseguia encantar seus alunos e ser admirado e imitado pelos próprios colegas de magistério.

É uma espécie de balada em surdina, cheia de compassiva ternura, que consegue tocar as regiões mais puras da sensibilidade, com sua doce narrativa. Relata a história de um velho e bondoso mestre-escola, completamente devotado a plasmar através das gerações, o coração e a inteligência de seus alunos.

São apenas 94 páginas, numa história leve, compassiva e de boa alimentação para o espírito. Uma edição Record, com distribuição da Sulina para o Rio Grande do Sul.

AVENTURAS DE HUGO E JOSEFINA

Ao lançar o livro "Josefina", de Maria Gripe, a Nórdica recebeu centenas de cartas de todo o Brasil com apreciações sobre a menina sueca e suas tropelias. A maioria das cartas era de crianças colegiais (do elementar), mas cujas mães comentavam favoravelmente o livro.

Maria Gripe esteve no Brasil em 1974 para receber o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infanto-juvenil.

Agora surge "Hugo e Josefina", na sequência do sucesso de "Josefina", ambos recomendados para adoção pelas escolas brasileiras. É uma edição da Nórdica, com distribuição da Sulina.

O PROFESSOR COMO PESSOA

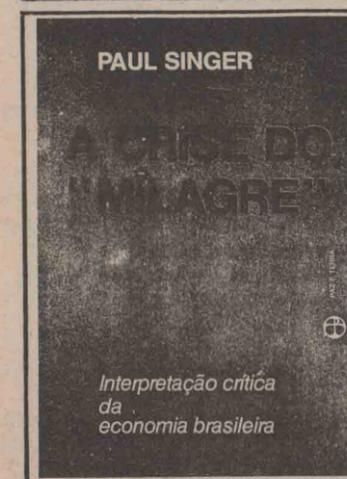
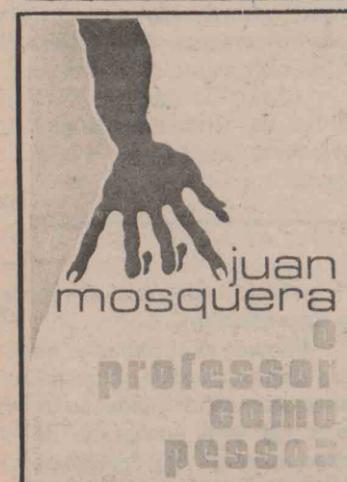
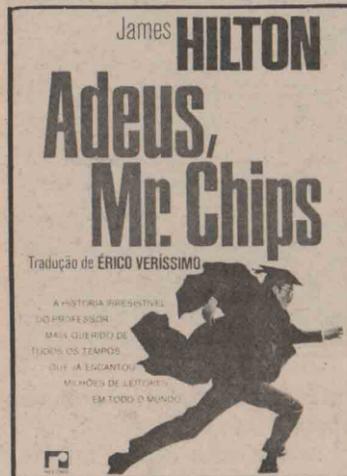
Juan José Mouriño Mosquera, no dizer de Mário Arias Perez, "é o grande editado Sulina". Em abril deste ano, a Sulina veio de lançar mais uma obra do psicólogo e educador.

O livro pesquisa o que pensa da escola o estudante e focaliza o professor como pessoa, como gente, que atua numa comunidade e é partícipe da formação sócio-cultural dessa comunidade. Doutor em Pedagogia e Livre Docência em Psicologia da Educação, o autor se inscreve na linha revolucionária dos grandes pedagogos e estudiosos do assunto. O já citado M.A. Perez aproxima-o de Ivan Illich e de Everett Reimer. Ao final um comentário do jornalista M.A. Perez sobre o livro e seu autor.

A CRISE DO "MILAGRE"

Paul Singer escreveu e a Paz e Terra editou, À Crise do "Milagre", uma interpretação crítica da economia brasileira.

O livro, dedicado aos jornalistas dos jornais "Opinião" e "Movimento", ensaia uma espécie de radiografia da economia nacional no período do chamado "modelo econômico brasileiro". Sem súvida polêmico, o livro deve ser lido e analisado por todos quantos tenham alguma soma de preocupação com nossa realidade social e os destinos do país. Também é um distribuição Sulina.



O Professor como pessoa

M. A. PEREZ

O homem, ao nascer, traz como seu único cabedal, natural e bastante primário, os instintos da sua espécie. O mais, que o torna um ser superior e civilizado, lhe vem como acréscimo dado pela educação. Por ela, ele atinge sua maior grandeza. O que, pois, pode ser mais importante para ele do que a Educação?

Com o livro intitulado "O Professor Como Pessoa" (Livraria Sulina Editora, 1976) - não considerando os demais que já publicou, todos eles voltados em seu conjunto para a temática tão relevante da Educação, em seus diversificados aspectos - o professor, Doutor em Pedagogia e Livre Docente em Psicologia da Educação Juan José Mouriño Mosquera, se inscreve na linha revolucionária dos grandes pedagogos do assunto, como Ivan Illich ou Everett Reimer, contribuindo pela pesquisa e interpretação de dados ou até mesmo pelo questionamento crítico, à busca de novos rumos educacionais num mundo em transformação. Mundo em que nós, brasileiros, não nos situamos como numa ilha, mas de que fazemos parte.

Em nosso caso específico de uma nação nova, do novo mundo, inseridos no contexto maior daquelas indagações críticas e de questionamento dos métodos tradicionais de educação, traz o livro do professor Mosquera uma contribuição corajosa e valiosa, especialmente significativa pelo aspecto que aborda.

TERCEIRO ANO DO COTRIJORNAL LEMBRADO PELAS AUTORIDADES

Na COTRIJUI a praxe é: não comemorar, não festejar; apenas trabalhar. Por essa razão, a passagem do terceiro aniversário do COTRIJORNAL nem mesmo chegou a ser citada na edição de julho (o jornal aniversaria a 20 daquele mês). Surpreendeu-nos, por isso mesmo, quando passamos a receber telegramas e cartas de cumprimentos expedidos pelas altas autoridades do Estado, numa demonstração de carinho e apreço que nunca julgamos merecer.

Honrados com a lembrança destas autoridades, onde destacam-se o governador Sinval Guazzelli e o presidente da Assembléia Legislativa, João Carlos Gastal, publicamos neste espaço algumas dessas correspondências.

GOVERNADOR DO ESTADO

Senhor diretor do COTRIJORNAL: pelo transcurso do terceiro aniversário de fundação, apraz-me cumprimentar a direção e redatores desse jornal pelo significativo evento. Sinval Guazzelli, governador do Estado.

PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA

Cumprimentamos direção e funcionários pela passagem do terceiro aniversário do COTRIJORNAL. Atenciosas saudações. Deputado João Carlos Gastal, presidente da Assembléia Legislativa.

CHEFE DA CASA CIVIL

Senhor diretor: É com prazer que me dirijo a Vossa Senhoria para transmitir-lhe cumprimentos pelo transcurso do 3º aniversário de fundação do COTRIJORNAL.

Desejando muito êxito à importante missão informativa desse jornal, em busca do maior desenvolvimento econômico dessa próspera região, estendo os meus cumprimentos aos demais dirigentes e redatores e colho o ensejo para expressar-lhe o meu apreço.

Cordialmente. Carlos Alberto Allgayer, Chefe da Casa Civil do Governo do Estado.

LÍDER DO GOVERNO NA ASSEMBLÉIA

Ilmo. Sr. Raul Quevedo, M.D. diretor do COTRIJORNAL Pelo transcurso do 3º aniversário de fundação do COTRIJORNAL, manifesto meus sinceros cumprimentos e cordiais votos de profícuas realizações em prol da arte de informar.

Na oportunidade, colho o ensejo para reiterar-lhe meus protestos de consideração e apreço. Atenciosamente, deputado Celestino Goulart, líder do Governo na Assembléia Legislativa.

CIA. ESTADUAL DE ENERGIA

Senhor diretor: No transcurso de mais um aniversário desse conceituado veículo de comunicação, a diretoria da

Companhia Estadual de Energia Elétrica - CEEE - e seus funcionários, parabenizam-se com essa efeméride e ao mesmo tempo desejam a seus mentores e auxiliares um futuro profícuo e cheio de realizações. Saudações. Bel. Salvador Luiz Abech, chefe do Serviço de Relações Públicas, da CEEE.

DELEGADO DO TRABALHO

Senhor diretor: Na passagem do aniversário desse prestigioso órgão de comunicação, transmito-lhe meus cumprimentos pelo trabalho que vem realizando em benefício da comunidade de Ijuí. Celito de Grandi, Delegado Regional do Trabalho.

N. da R. - A direção e redatores do COTRIJORNAL agradecem, sensibilizados, a lembrança que tiveram todos, especialmente os excelentíssimos senhores Governador do Estado e o Presidente da Assembléia Legislativa, representando os dois principais Poderes do Estado, lembrando a passagem do terceiro ano do COTRIJORNAL.

MANUAL DE ECOLOGIA DOS INSETOS

Sr. diretor Raul Quevedo: Em anexo estamos remetendo um exemplar da Revista Livroceres, que passa a substituir o antigo Jornal Livroceres. Separadamente segue um exemplar do livro "Manual de Ecologia dos Insetos", para a biblioteca do "Cotrijornal."

Desejamos informar nesta oportunidade que fazemos a distribuição dos livros da Editora CERES diretamente para todo o Brasil, por reembolso e para livrarias, nas condições de praxe. Isso não quer dizer, absolutamente, que as livrarias sejam nossas representantes. Todos os pedidos de livros da Editora Agrônômica CERES são atendidos por LIVROCERES Ltda. Caixa Postal, 215 - 13.400 - Piracicaba - SP. Cordialmente, professor Ivens Prado Seisdedos. Livroceres Ltda., Diretor.

N. da R. - Em nossa próxima edição, na Seção de Livros,

estaremos considerando o livro "Manual de Ecologia dos Insetos", uma edição CERES, de São Paulo.

UNIVERSIDADE DE SANTA MARIA

Sr. Presidente da COTRIJUI, dr. Ruben Ilgenfritz da Silva: Tenho a grata satisfação de me dirigir a V. Sa. com a finalidade de solicitar a essa cooperativa a remessa ao Curso de Tecnólogos em Cooperativismo, desta Universidade, de 30 (trinta) exemplares do COTRIJORNAL, editado pela COTRIJUI, sob a vossa direção.

Informo, outrossim, que os referidos exemplares terão circulação entre os diversos acadêmicos deste curso, o que proporcionará uma ampla visão das atividades desenvolvidas por uma Cooperativa, bem como outros aspectos de interesse dos acadêmicos e desta Coordenação.

Grato pela atenção dispensada, desde já confesso-me grato e aproveito a oportunidade para apresentar a V. Sa. protestos de alto apreço e consideração. Atenciosamente, Ennio Alvarez, professor assistente e coordenador do Curso de Tecnólogo em Cooperativismo.

INSTITUTO NACIONAL DE NUTRIÇÃO

Sr. Raul Quevedo, redator-responsável: Valho-me da presente para comentar a excelente edição nº 32 do COTRIJORNAL, cujo conteúdo informativo é de alta valia para o melhor conhecimento das atividades da COTRIJUI.

Por oportuno, informo que o artigo publicado na página 14, com o título "Programa Nacional de Alimentação e Nutrição", é o texto da conferência "Papel da Soja nos Programas Nacionais de Alimentação e Nutrição" que proferi no Congresso Soja Brasileira, realizado recentemente em Porto Alegre.

Por equívoco do COTRIJORNAL, no parágrafo inicial do referido artigo, este é apresentado como a exposição de motivos dos Ministros do Planejamento, Agricultura, Fazenda e Saúde, sobre a mistura de farinha de soja com farinha de trigo. O texto correto da exposição de motivos foi apresentado no artigo Farinha de Trigo terá mistura com a de soja, publicado na página 4 da mesma edição. Atenciosamente, Osmar Goeden Reis, Coordenador de Orientação Técnica do INAN - Brasília.

DO MARANHÃO PARA GOIÁS

Senhor diretor do COTRIJORNAL: Com a presente comunico-lhe que, por motivo de mudança, a partir de agosto próximo, o meu endereço passará a ser Aguaracema, estado de Goiás, à rua Couto Magalhães, s/nº CEP 77.700.

No novo endereço, gosta-

rei de continuar a receber o COTRIJORNAL, esse valioso instrumento de cultura.

Certo de merecer suas atenções, agradeço antecipadamente. Eng. Agr. José Wilman da Silva. Rua Humberto de Campos, 107 - 65.000 - São Luiz - Maranhão.

O TERRÍVEL MAL DO FUMO

Ilmo. Sr. Raul Quevedo, redator-responsável do COTRIJORNAL. Sou leitor assíduo do COTRIJORNAL, lendo todo o seu conteúdo. As matérias são todas muito interessantes, ou melhor, importantes.

Na edição nº 32 destaco os artigos de Ecologia, que serviu até de pesquisa para estudantes, as notícias e os editoriais.

Gostei muito do artigo do Fumo - o suicídio lento, que espero que saia mais alguns artigos desse teor, para a conscientização dos males que o tabaco traz.

Aproveito para enviar um discurso do deputado Pedro Lucena (Males do Tabagismo, discurso proferido na sessão de 12-8-75, na Câmara Federal), que fala minuciosamente do assunto.

Desejo sucesso no seu trabalho. Atenciosamente, Luiz Cereser, rua Flores da Cunha, 379 - 98.700 Ijuí, RS.

N. da R. - Ficamos muito agradecidos com a manifestação do sr. Luiz Cereser. O conteúdo do discurso do deputado Pedro Lucena, por oportuno, será aproveitado em uma de nossas próximas edições.

BANCO NACIONAL COOPERATIVO

Senhor diretor do COTRIJORNAL: Tomamos conhecimento do trabalho desenvolvido por V. Ss. através do COTRIJORNAL, periódico altamente informativo, a serviço da família cooperativista nacional.

Gostaríamos de participar desse elenco de informações, recebendo regularmente exemplares para esta Coordenadoria e nossas Agências espalhadas em 18 regiões do país, conforme relação anexa.

Tendo em vista estarmos organizando um cadastro de jornais especializados em cooperativismo, solicitamos a fineza de remeter à Coordenação de Cooperativismo, do BNCC - Palácio do Desenvolvimento 2º andar - Setor Bancário Norte - Brasília, DF., os números atrasados, a fim de que possamos manter atualizada nossa coletânea.

Na certeza de sermos atendidos em nossa solicitação, colocamo-nos ao inteiro dispor de vossas senhorias para serví-los no momento oportuno. Atenciosamente, Eugênio P. Giovenardi, Coordenador de Cooperativismo.

N. da R. - Agradecemos as palavras do sr. Giovenardi, e comunicamos-lhe que incluímos em nosso fichário de re-

messa, além da Administração Central, em Brasília, mais as Agências do BNCC de Belém, Belo Horizonte, Blumenau, Central DF, Curitiba, Fortaleza, Rio de Janeiro, Ijuí, João Pessoa, Maringá, Natal, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Luiz, São Paulo, Terezina e Vitória.

EDISON RENATO DENARDIM

Senhor diretor do COTRIJORNAL: Dirijo-me a V.S. para solicitar o recebimento desse prestigioso jornal, que me será de grande valor profissional para consultas e pesquisas, aumentando assim os meus conhecimentos sobre agricultura brasileira, visto a excelência dos assuntos abordados em seus artigos.

Sendo o que tinha para o momento, desde já agradeço. Atenciosamente. Eng. Agr. Edison Renato Denardim - CREA 26.245 - Rua Ernesto Beck, 13 - 97.100 - Santa Maria-RS.

CURSO DE LOCUÇÃO TULIO AMARAL

Recebemos, com pedido de divulgação: "O Curso de Locução administrado pelo prof. Túlio Amaral, desde 1966, está aceitando matrículas de candidatos do interior para um curso intensivo para aprimoramento técnico de locução comercial.

O Curso compreende 15 aulas. Técnica vocal - dicção - empostação de voz, comentários, "Disk-Joquei", locução comercial, narração de programas e noticiários de rádio e tv. São poucas as vagas para o interior. Os candidatos deverão marcar data de sua ida a Porto Alegre. Cartas para: Tulio Amaral, rua Coronel Fernando Machado, 865, apto. 12.

PALESTRAS NO ROTARY CLUB EREXIM

Em cartas ao eng. agr. Alberto Parenti Filho, do Departamento Técnico, o sr. Luiz Ermínio Berto, de Erexim agradece o COTRIJORNAL: Prezado Alberto. Informo ao amigo que tenho recebido o COTRIJORNAL com regularidade. Sua leitura, pela diversidade dos assuntos, tenho tido o máximo proveito, principalmente para palestras em reuniões do Rotary Club Erexim-Paiol Grande, do qual faço parte.

Peço transmitir meus cumprimentos à direção do jornal pela belíssima apresentação que vem mantendo e meus agradecimentos ao amigo pela feliz idéia da remessa a minha pessoa, pois, como disse, tenho tido o máximo de aproveitamento para o meu trabalho, como integrante de um Clube de Serviço.

Peço retificar o número de minha Caixa Postal, para 292. Aqui um abraço do amigo, Luiz Ermínio Berto.

Com aveia, mais pasto no inverno

Eng. Agr. Renato Borges de Medeiros

A aveia foi um dos cereais mais utilizados para formação de pastagens durante a estação fria no Estado. Mas uma série de fatores levaram os produtores a quase abandonar o seu cultivo. A redução ocorrida em sua área de cultivo deve-se à falta de cultivares resistentes à ferrugem da folha e a baixa qualidade das sementes. Além disso as cultivares utilizadas tinham baixo potencial produtivo.

A situação começou a se modificar somente a partir de 1971, quando o Setor de Plantas Forrageiras da Faculdade de Agronomia de Porto Alegre, RS, iniciou uma série de experimentos com a finalidade de estudar o comportamento produtivo de cultivares de aveias comuns do Estado e estrangeiras. Scholl (1) em Guaíba, 1971, comparando nove variedades de aveia

fornageira dos Estados Unidos com quatro variedades cultivadas no Rio Grande do Sul, obteve rendimentos médios de matéria seca de 5.173 e 4.590 kg/ha para as aveias norteamericanas e comuns do Estado, respectivamente. O azevém que também participou da comparação teve rendimentos semelhantes às melhores aveias, contudo as produções foram baixas comparadas com a aveia durante o período de 9 de julho a 10 de setembro. A aveia, segundo Scholl, deve ser preferida para o fornecimento de forragem de inverno durante o período crítico (julho, agosto e início de setembro).

Outro experimento, também conduzido por Scholl (2) na Estação Experimental Agronômica de Guaíba, RS, em 1972, apresentou os resultados ilustrados na tabela a seguir.

Produção de forragem (matéria seca) e grãos, de três cultivares de aveia disponíveis para o plantio no RS. 1)

CULTIVAR	PROCEDÊNCIA	PRODUÇÃO Kg/ha	
		FORRAGEM	GRÃOS
Coronado	RGS	3.126	2.464
Suregrain	Argentina	2.099	1.914
Comum	RGS	1.697	941

1) Um total de 90 kg/ha de nitrogênio foram aplicados no plantio 19/5/72 e em 16/7, sob forma de uréia.

Neste trabalho a cultivar Coronado apresentou superior comportamento produtivo em relação as demais, tanto em produção de forragem como em produção de grãos. Contudo, a Suregrain, apesar de inferior à Coronado, foi sensivelmente superior a cultivar Comum do Estado. O autor também observou que a cultivar Coronado demonstrou ter boa resistência ao complexo de moléstias, que determinaram uma redução no vigor da cultivar Suregrain e uma infestação severa na Comum. Scholl ainda acrescenta que diver-

sos trabalhos confirmaram o bom desempenho produtivo da cultivar Coronado.

Pelos resultados discutidos e em função da disponibilidade de sementes, a recomendação técnica inclui as cultivares Coronado, Suregrain e Preta. Com relação a aveia Preta existiam algumas dúvidas, mas em trabalhos ainda não publicados, segundo informação pessoal do professor Ismar Leal Barreto, ela tem apresentado surpreendente resistência às ferrugens, e os rendimentos têm sido satisfatórios. Além disso, tem sido a mais precoce, o que a torna extremamente importante para o Rio Grande do Sul.

A semeadura da aveia pode ser iniciada no mês

de abril. Semeaduras realizadas em março são muito sujeitas ao ataque de pulgões. A densidade de semente comumente utilizada varia de 80 a 100 kh/ha. Entretanto, densidades maiores possibilitam o primeiro pastejo mais cedo. A distribuição das sementes pode ser realizada com as semeadeiras comuns, utilizando o mesmo espaçamento do trigo. A adubação a ser utilizada no plantio deve ser em torno de 300 kg/ha da fórmula 10-20-10. Após cada pastejo ou corte, recomenda-se utilizar uma adubação de cobertura na razão de 40 kg/ha de uréia. Assim, se forem realizados 4 pastejos teremos uma adubação de cobertura igual a 120 kg/ha de uréia.

O momento do primeiro corte ou pastejo depende das condições climáticas e da fertilidade do solo. Em boas condições pode ocorrer aos 60 dias após a semeadura, quando as plantas ainda estiverem em estágio vegetativo (antes do alongamento dos internós). Nes-

te momento as plantas apresentam uma altura próxima a 25 centímetros. Se o corte for realizado em estágio de emborrachamento, muitas plantas irão morrer e a pastagem terá um rebrote pouco vigoroso.

Se ao produtor interessa também a colheita de grãos, ele deverá ter muito cuidado na realização dos pastejos ou cortes. Pereira (3) submetendo diversos cultivares de aveia a quatro frequências de corte (sem corte, um corte, dois cortes e três cortes), verificou que os cortes influenciam negativamente sobre o rendimento de grãos. De acordo com a recomendação do Setor de Plantas Forrageiras da Faculdade de Agronomia de Porto Alegre, as cultivares usuais (Coronado, Suregrain e Ipecoen) podem apresentar boas produções de grão mesmo quando submetidos a dois cortes. Entretanto, chamam a atenção de que os cortes ou pastejos devem ser realizados antes do emborrachamento, sendo que o último

deve ser encerrado no fim de setembro. Também se comendamos utilizar um maior espaçamento entre linhas (de 25 a 30 cm).

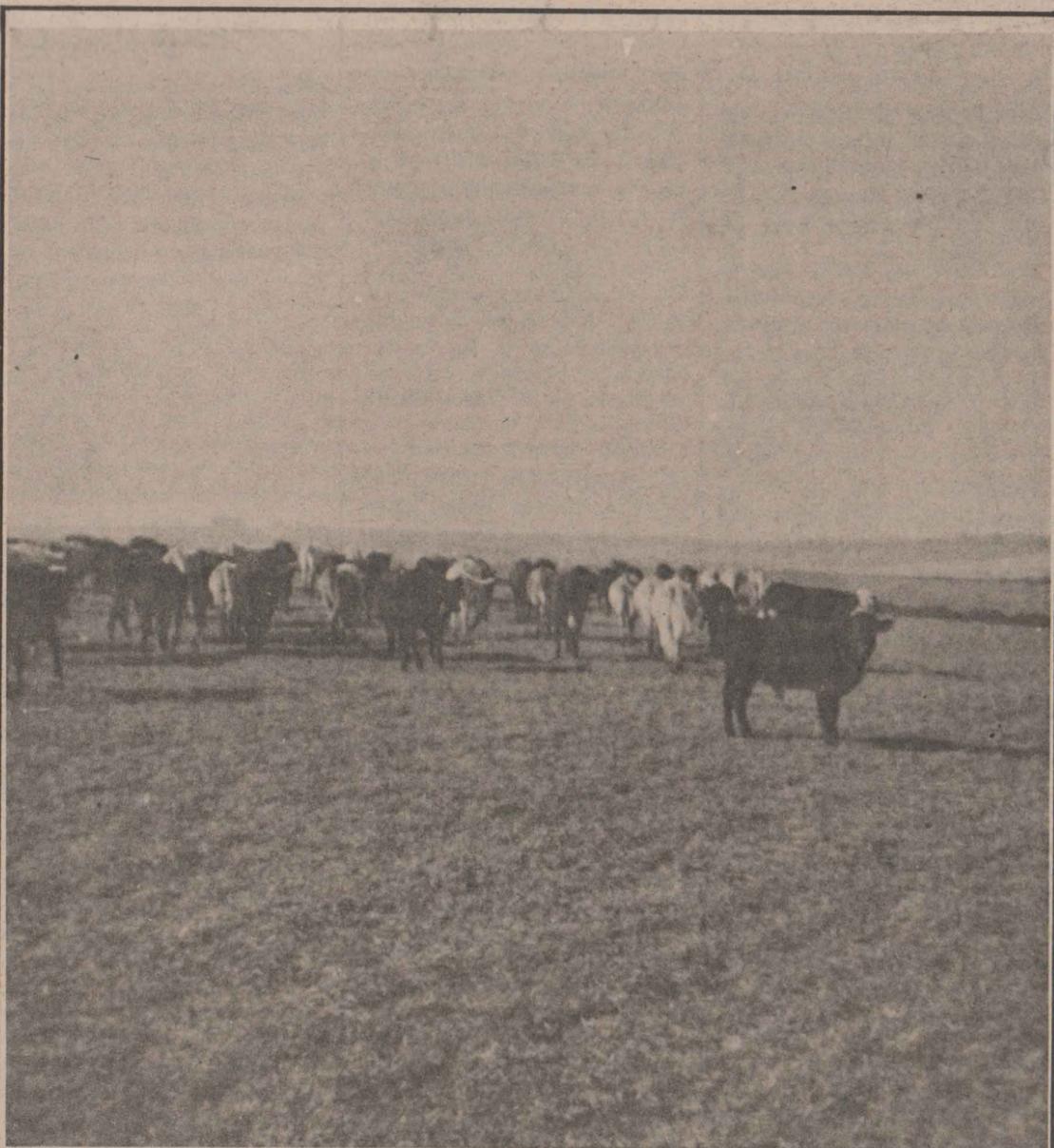
A partir dos trabalhos em andamento teremos, para o próximo ano, muitas novidades sobre novas variedades de aveias bem como sobre as melhores práticas de manejo e serem utilizadas.

Bibliografia:

1 — SCHOLL, J.M. Relatório de Pesquisas do Setor de Plantas Forrageiras, 1962-75. Faculdade de Agronomia, UFRGS. Porto Alegre, 1972.

2 — SCHOLL, J.M. Anais da Xª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Zootecnia. 1º Congresso Brasileiro de Forrageiras. Porto Alegre, 1973.

3 — PEREIRA, J.P. O efeito dos cortes na produção de matéria seca e grãos de cereais de inverno. Trabalho de tese de Mestrado realizado na Faculdade de Agronomia, no setor de plantas forrageiras. Porto Alegre, 1975



Pastagens de aveia Ipecoen na propriedade do senhor Roger Erich Grimm, município de Catuípe, Julho, 1975

INTEGRAÇÃO COM DIVERSIFICAÇÃO

Eng. Agr. Nedy Rodrigues Borges

O desenvolvimento da região até 1960 esteve calcado nas culturas de milho e da mandioca e sua transformação em suíno. Em 1955 a ocupação da área era a seguinte:

PRODUTOS	ÁREA EM%
Mandioca	14,8%
Milho	42,4%
Trigo	22,6%
Soja	9,5%
Outros	10,7%
	100,0

Fonte: DEE

Entretanto, já a partir de 1950, a lavoura de trigo iniciou um crescimento progressivo, interrompido em alguns anos por frustrações ocorridas em decorrências de moléstias fúngicas. As primaveras quentes e úmidas facilitaram a disseminação e o ataque dessas moléstias com prejuízos acentuados na produção.

Por volta de 1957 os problemas estruturais da lavoura de trigo já eram tão grandes que os produtores, para enfrentá-los, tiveram que se organizar em forma de cooperativas. Antes disso o produtor era obrigado a pagar um ágio para que o moinho recebesse o seu produto. Além disso, o moinho forçava o produtor a assinar notas de entrega de trigo de quantidade muito superior ao real, a fim de lhe proporcionar maiores quotas de trigo estrangeiro subsidiado. As estatísticas mostram que o Brasil produzia, aparentemente, mais trigo do que sua capacidade armazenadora. Foi o tempo do famoso trigo papel.

A compra estatal do trigo determinada pelo Governo através dos decretos nº 43.316 e 40.500 de 8.11.56 e 7.12.56, no-

meando o Banco do Brasil o órgão responsável pela comercialização foi uma conquista dos produtores.

Essa medida moralizou a comercialização do trigo e possibilitou a criação das cooperativas tritícolas para a prestação de serviços ao governo e produtores.

A lavoura de trigo substituiu na região de campo uma pecuária decadente, cujo gado tinha como alimentação básica apenas a barba-de-bode.

Na região colonial as dificuldades de comercialização do suíno determinava a substituição gradual do milho e da mandioca pelo trigo.

A soja encontrou à sombra do trigo todas as facilidades para um rápido crescimento. E a dobradinha trigo-soja, contando com a facilidade de comercialização, podendo promover a tecnificação da lavoura e complementando-se uma e outra cultura no aproveitamento dos mesmos solos e mesmos equipamentos, oferecia condições de retomada do processo de desenvolvimento da agricultura da região.

A sucessão trigo-soja, predominou sobre todas as demais culturas. O agricultor tinha à sua disposição pela primeira vez duas

culturas de importância econômica que poderiam ser cultivadas no mesmo ano agrícola. O trigo de compra estatal garantida e considerada até mesmo de segurança nacional e a soja com franco mercado interno e externo.

Já na década de 1970 o número de instalações graneliras das cooperativas foram multiplicados a ponto de vir a constituir a maior rede armazenadora do Estado, dando condições de segurança e tranquilidade ao produtor cooperativado. O aumento da capacidade armazenadora vem permitindo às cooperativas o recebimento e comercialização também do milho, sorgo e feijão-preto.

A última frustração do trigo ocorrida em 1972 veio facilitar a diversificação e ao mesmo tempo possibilitar o estabelecimento de um plano de integração agricultura-pecuária.

A propriedade colonial de 20 anos passados era a que impulsionava o desenvolvimento agrícola desta região, ao passo que os campos de barba-de-bode de nada valiam. Hoje, quase ao contrário, a mecanização do trabalho, a tecnificação das lavouras e a substituição das culturas colocaram a empresa rural esta-

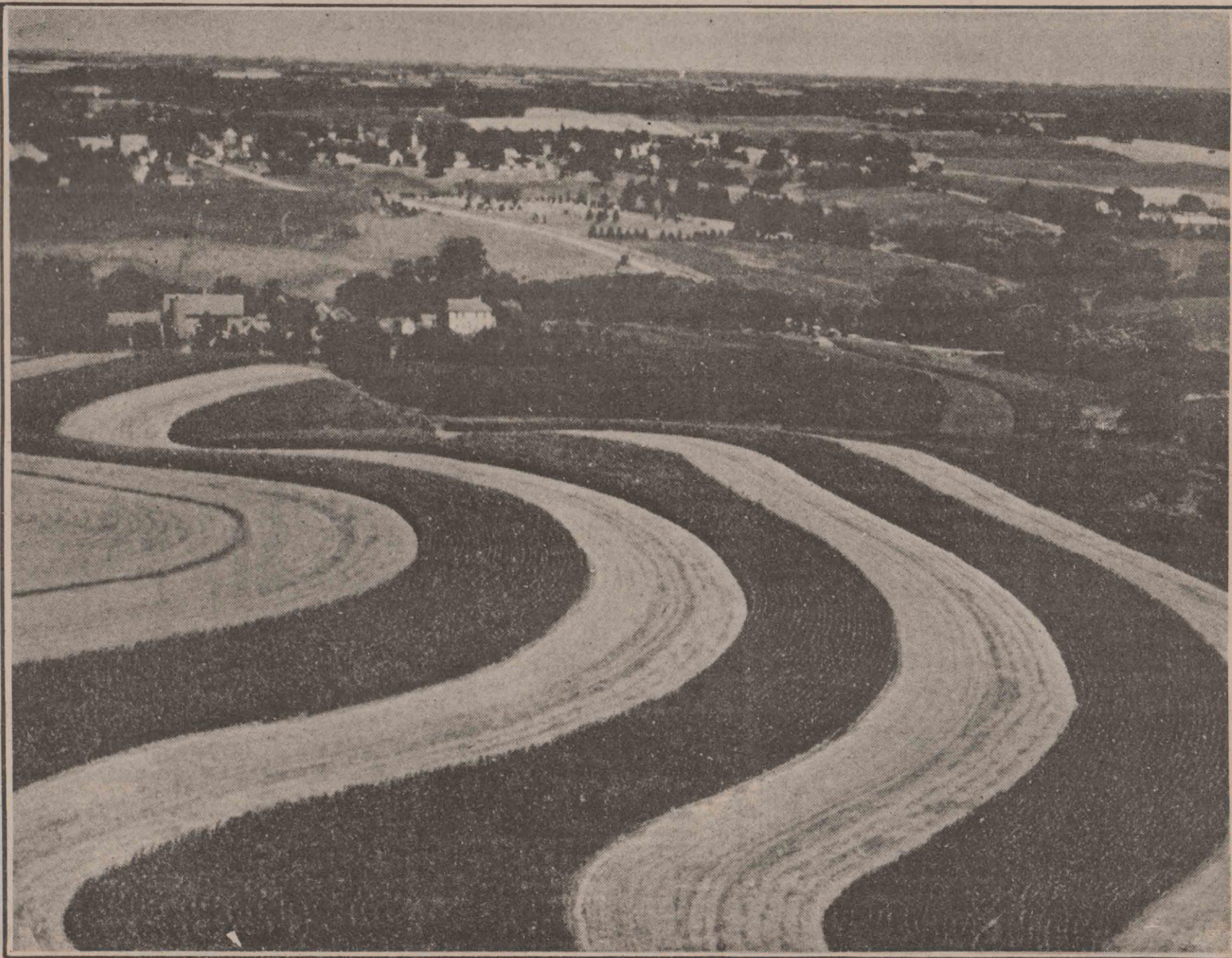
belecidas nos campos de barba-de-bode que sobravam como centro polarizador desse desenvolvimento.

A diversificação de atividades através da especialização de produtores de acordo com estrutura existente, será o caminho do futuro.

O crescimento das cooperativas, a troca de informações e de experiências está determinando uma nova orientação na forma de solução dos problemas comuns.

Um exemplo dessa nova orientação é o leite. Problema geral que os produtores já vêm enfrentando há vários anos e que está sendo equacionado através da fundação da Cooperativa Central Gaúcha de Leite Ltda - CCGL - constituída por 13 cooperativas, sendo 10 tritícolas e 3 de laticínios.

Esse novo tipo de organização por certo será aquele que mais convém aos interesses comuns dos produtores e das próprias cooperativas. E dentro desta filosofia, novas cooperativas centrais deverão surgir no futuro. Está aí o problema da carne, especialmente do suíno e o problema dos produtos hortigranjeiros, entre outros.



Lavoura tecnicamente preparada para cultura mista. É a diversificação. Foto Revista A Granja.

DIVERSIFIQUE SUA LAVOURA PLANTANDO MILHO

Pela sua rusticidade, adaptação e formas de utilização, o milho é um cereal que está presente em todos os Estados do Brasil, com uma área cultivada de aproximadamente 14 milhões de hectares, assumindo posição de destaque não só pela extensão da área, volume e valor da produção, mas pelo caráter social que o mesmo encerra.

No sul do Brasil com a explosão do binômio trigo-soja, o milho que até bem pouco tempo era o primeiro produto agrícola do Estado e por vias indiretas, responsável por uma grande parcela da economia gaúcha, pois ele sempre foi o principal esteio da pujante suinocultura e da excelente avicultura, o seu cultivo vem diminuindo paulatinamente.

O lamentável é que a euforia trigo-soja é tão avassaladora que dominou na prática todos os setores, inclusive autoridades responsáveis pelo planejamento e política agrária do Rio Grande do Sul. Toda promoção oficial fala em trigo e soja, quase nada ou nada em milho. Em termos de Brasil, o milho sozinho responde por cerca de 50 por cento ou mais, de todos os grãos produzidos no país.

Mas o importante é que este volume de produção não entra na composição econômica em termos de vendas de milho e sim dos produtos que o mesmo produz. Por isso o milho nunca mereceu a atenção das autoridades a não ser no estado de São Paulo, devido ao excepcional desenvolvimento da avicultura. O Rio Grande do Sul, já tradicional importador de aves e ovos de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, entra na aguda crise de escassez e, ou encarecimento de grãos forrageiros (milho e sorgo). A área cultivada com milho no Rio Grande do Sul é formada quase que exclusivamente por lavouras com menos de 15 hectares, disseminadas em todas as regiões do Estado. Justificam-se estas pequenas áreas (menos de 15 ha) por não existir ainda no mercado uma máquina adequada para a colheita.

O rendimento médio desta cultura no Estado não ultrapassa os 1.500 kg/ha, considerado muito baixo se compararmos com dados da pesquisa, e mesmo de outros Estados ou Países, onde se alcança facilmente rendimentos superiores a 5.000 kg/ha. Para se alcançar estes 5.000 kg/ha é necessário:

corrigir a acidez e a fertilidade do solo conforme a análise; usar uma adubação de manutenção de acordo com a recomendação da análise do solo; utilizar sementes híbridas de primeira geração — para isto devem ser adquiridas anualmente. Sementes de segunda geração tem seu potencial de rendimento reduzido em 20 por cento ou mais. A COTRIJUI dispõe das seguintes variedades: Precoces: Pioneer 308 B; Semiprecoces: Pioneer X 307, X 311 e X 313; Tardias: Agroceres 28.

Época de Plantio — Precoces de 1º de setembro a 15 de outubro. Semiprecoces e tardias de 15 de setembro a 15 de novembro.

Densidade — A quantidade a semear deverá proporcionar um stand de 40

a 50 mil plantas por hectare, o que corresponde a 4 a 5 plantas por metro quadrado.

Espaçamento — Quando for plantado em linhas, um metro entre filas com 5 a 6 sementes por metro linear, dependendo da germinação. Quando for em covas um metro entre filas e 0,40 m entre covas com 2 sementes por cova.

Profundidade — A semeadura deverá ser feita a uma profundidade de 5 a 7 cm, dependendo da temperatura e grau do solo, semeadando-se mais raso quando o solo tiver bom teor de umidade e for rico.

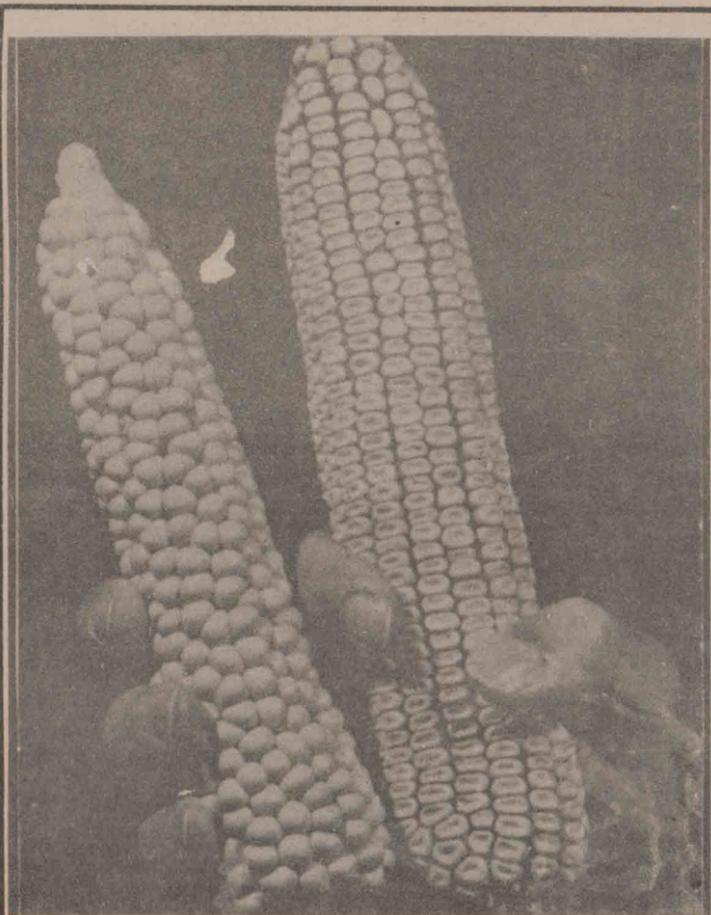
Controle de Invasores: Recomenda-se a utilização de herbicida de pré-emergência combinados com práticas de controle mecânico. Qualquer informação,

ou orientação neste sentido, o Departamento Técnico da COTRIJUI está à disposição dos associados para qualquer esclarecimento.

Controle das Pragas — As principais pragas são a lagarta militar e da espiga. Recomenda-se aplicar inseticidas de baixa toxicidade.

Colheita — Deve-se efetuar quando os colmos estiverem bem secos e os grãos com maturação uniforme.

Visando solucionar o problema da comercialização e incrementar o plantio do milho na região, a COTRIJUI está recebendo toda produção de seus associados, inclusive instituindo financiamento pelo sistema repasse em toda sua área de ação, dando com isto mais uma opção ao agricultor para melhorar sua renda.



O milho "Coroico", já focalizado em nossa edição nº 32, foi desenvolvido na Universidade Purdue, Indiana, U.S.A.

Este gesto assegurou o futuro de muitas famílias brasileiras.

Este homem desencadeou, através de um simples gesto, todo um novo processo sócio-econômico, criando entre nossa comunidade um hábito que passou a assegurar o futuro de muitas gerações. O hábito de poupar. De pensar no dia de amanhã.

E se hoje existem empresas de poupança e empréstimo, assim como a Caderneta Apesul de Poupança, que garantem a tranquilidade de muitas famílias

brasileiras é devido ao gesto deste homem rude. Um imigrante alemão.



Este anúncio é um agradecimento à comunidade germânica de Ijuí, por nos ter ensinado o hábito de poupar.

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL UMA OPÇÃO VANTAJOSA

Med. Vet. Otalíz de Vargas Montardo

Por ignorar a técnica de inseminação artificial ou por ter absorvido conceitos errados sobre o assunto, um grande número de criadores ainda não está usufruindo deste serviço que a COTRIJUI coloca à disposição de seus associados. Estamos nos referindo mais particularmente aos pequenos criadores, ou seja, aqueles que representam a maioria do nosso quadro social e que buscam na exploração de pequenos plantéis de bovinos uma complementação da sua atividade agrícola. Parece-nos que é exatamente este tipo de produtor que pode usufruir de uma forma mais acentuada dos benefícios da inseminação artificial. O nosso objetivo neste artigo é discorrer sobre vários aspectos da inseminação artificial, a fim de esclarecer as dúvidas que ainda persistem entre alguns criadores.

A inseminação artificial não é uma técnica nova. Já no ano de 1780 foram registradas as primeiras experiências científicas sobre o assunto, quando o cientista italiano Lazzaro Spallanzani recolheu semen de um cão e inseminou uma cadela, que veio a parir três cãezinhos. Em 1880 foi realizada, com êxito, a primeira inseminação artificial na égua, e em 1912 um veterinário russo introduziu a inseminação em bovinos. Mas o grande passo em relação à tecnologia mais avançada foi dado em 1938, quando foram iniciadas as experiências de congelamento de semen, o que possibilitou a conservação por tempo indeterminado do semen coletado. Foi também nesse ano que se iniciaram os primeiros trabalhos de inseminação no Brasil. A partir de então, essa nova técnica evoluiu bastante no nosso país e hoje temos mais de uma dezena de empresas especializadas no setor de industrialização de semen das mais variadas raças bovinas. Só no ano passado a produção brasileira de semen atingiu a cifra de 1.542.673 doses.

A expressão inseminação artificial tem sido mal interpretada por alguns criadores que imaginam que o semen utilizado no processo de inseminação é artificial, ou seja, feito em laboratório. Está absolutamente errada esta interpretação. Na realidade o semen é produzido naturalmente pelos machos das respectivas espécies, e através de processos artificiais, o homem coleta o semen e o submete a uma série de testes e processos laboratoriais. Posteriormente o semen é embalado e conservado em butijões com nitrogênio lí-

quido a uma temperatura de 196 graus centígrados negativos, onde pode permanecer por tempo indeterminado, conservando todas as suas características biológicas. Nestas condições, o semen pode ser transportado para lugares bastante distantes e ser utilizado em diferentes rebanhos.

Economia é uma das grandes vantagens que a inseminação traz aos criadores. Imaginemos um plantel de quinze a vinte vacas. Logicamente seria antieconômico adquirir um touro de alto padrão zootécnico para trabalhar nesse plantel. O investimento seria muito alto e os riscos igualmente grandes. Considere-se ainda que esse touro teria que ser substituído dentro de três anos para se evitar o problema da consanguinidade e todas as suas conseqüências indesejáveis. Frente a situações como estas, os criadores mais conformistas se satisfazem com a utilização de touros baratos, de má qualidade. O resultado é o que estamos presenciando diariamente: rebanhos de baixo padrão zootécnico e de produção também baixa. A inseminação artificial é a solução mais inteligente para esse problema, na medida em que possibilita que o pequeno criador utilize semen dos melhores touros existentes no país e no mundo, a livre escolha do interessado e a custos mínimos.

Também do ponto de vista sanitário as vantagens da inseminação artificial são incontestáveis. A rigorosa seleção dos machos doadores de semen e a série de exames laboratoriais a que é submetido o material coletado, assegura ampla proteção contra defeitos hereditários e doenças infecciosas como a Brucelose, a Tricomonose e outras.

Não existe outra forma mais racional e prática de se promover o melhoramento zootécnico de um rebanho a curto ou médio prazo e a custos baixos do que a inseminação artificial aliada a um bom programa alimentar. A propósito, no momento em que as cooperativas se unem e criam a Cooperativa Central Gaúcha de Leite - CCGL, seria oportuno que os nossos criadores revisassem os seus conceitos de padrão zootécnico e pureza racial. Muitos animais considerados "puros" ou de alto padrão por seus proprietários, a rigor seriam classificados no máximo como regulares, se submetidos ao julgamento de técnico menos exigente. Salientamos este aspecto não com espírito crítico, mas

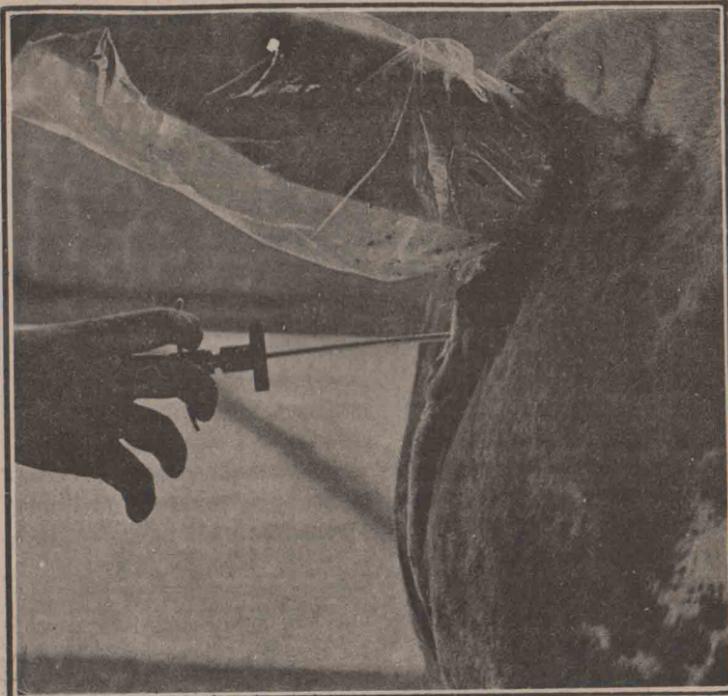
sim para evidenciar que há realmente a necessidade de promovermos o melhoramento do nosso rebanho leiteiro para podermos sustentar o complexo industrial que se pretende desenvolver. Neste sentido a inseminação artificial representa um instrumento melhorador insubstituível e deve ser utilizado em todas as suas potencialidades.

Os associados da COTRIJUI têm amplas facilidades para se utilizar do Serviço de Inseminação Artificial. Para tanto basta que se dirijam a um dos oito postos de inseminação que a cooperativa mantém nas seguintes localidades: em Ijuí, na sede e Linha 6 Norte; Ajuricaba, Augusto Pestana, Vila Jóia, Chiapetta, Coronel Bicaco e Tenente Portela. Os preços cobrados por inseminação variam de Cr\$ 40,00 para semen de touro nacional até o máximo de Cr\$ 90,00 para semen importado. Comprova-se portanto que o investimento é mínimo em relação aos benefícios que a inseminação artificial representa para o rebanho e, saliente-se ainda que no caso da primeira inseminação falhar, será feita

uma segunda e até uma terceira por preços inferiores. Mais um detalhe: o criador não tem despesa com o transporte do inseminador.

Quando a tecnologia sai dos centros de pesquisa e chega ao campo, tornando-se acessível ao mais modesto produtor rural,

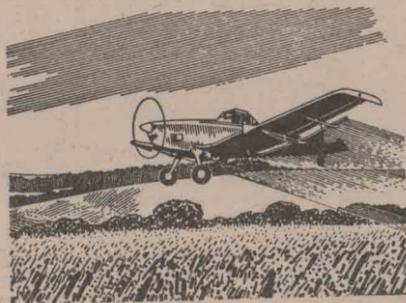
não há razões que justifiquem a continuidade do uso de processos de produção antiquados e antieconômicos. A inseminação artificial é uma técnica que vem sendo apurada há mais de um século. A COTRIJUI coloca ao alcance dos seus associados. Por que não utilizá-la?



Comunicado da Shell Química:

O USO DE ALACRAN UBV NO CONTROLE DOS PULGÕES DO TRIGO

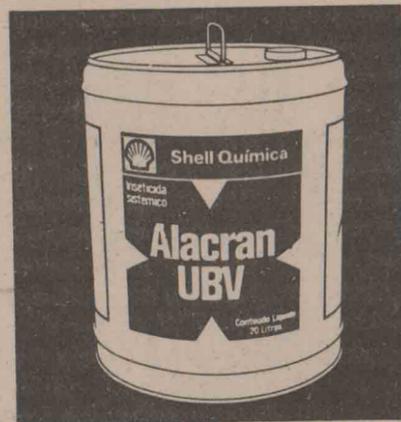
A Shell Química comunica a cooperativas, revendedores, agrônomos, técnicos agrícolas e agricultores em geral que seu produto Alacran UBV provou também alta eficácia no combate aos pulgões do trigo.



Como sua aplicação por avião é altamente eficiente, Alacran UBV permite eliminar os pulgões, mesmo durante o espigamento, sem causar dano às plantas pelo uso de tratores ou outros equipamentos agrícolas.



Nosso representante poderá dar informações mais detalhadas sobre como obter melhor produção por área plantada de trigo e soja com o uso de Alacran UBV.



PEÇA FOLHETO AO SEU FORNECEDOR

Belo Horizonte - R. Cláudio Manoel, 1124 - c/101 - t/26-5012
 Campo Grande - R. 14 de Julho, 441 - 3.º - s/3D - t/4-8629
 Londrina - Av. Paraná, 453 - 12.º - s/1205 - t/22-0578
 Porto Alegre - R. Uruguai, 155 - 8.º - t/24-1135
 Recife - Estrada de Belém, 3425 - t/21-0222
 Ribeirão Preto - R. S. Sebastião, 539 - 1.º - t/34-4344
 Rio de Janeiro - Praça Pio X, 15 - 5.º - t/221-3027
 São Paulo - Av. Eusébio Matoso, 891 - tel.: 212-0111
 Vitória - Av. Robert Kennedy, 280 - 1.º - São Torquato - Vila Velha - t/6-0774
 Uberlândia - R. Monte Alegre, 120 - c/3 - t/4-6321



Shell Química

técnica e pesquisa
a serviço de
um mundo melhor

EFEITOS DA ADUBAÇÃO FOLIAR NO TRIGO

Existe atualmente grande oferta de adubos foliares na maior parte da região produtora de trigo do sul do País e seu uso está se intensificando nas lavouras.

Segundo a literatura, a principal eficiência da adubação foliar reside no suprimento de micronutrientes, exigidos em pequenas quantidades pelas plantas. Como fonte de nitrogênio, fósforo e potássio poderia exercer efeitos complementares. Estes elementos por serem necessários em quantidades relativamente elevadas, não poderiam ser supridos exclusivamente através da adubação foliar, devido a limitação de concentração do produto comercial e ao número de aplicações.

Em vista disso, o Cen-

tro Nacional de Pesquisa de Trigo e a Fecotriga instalaram experimento visando medir a eficiência de formulações comerciais com diferentes balanceamentos de nutrientes. Seus efeitos foram comparados através de pulverizações realizadas em diversas fases de desenvolvimento da cultura do trigo.

Os tratamentos consistiram de adubos foliares aplicados em três combinações de fases de desenvolvimento do trigo e em três níveis de fertilidade do solo, simulando distintas situações de lavoura.

Foram estudadas três épocas de aplicação. A primeira no perfilhamento e emborrachamento. A segunda época no perfilhamento, no emborrachamento, início

da floração e no fim da floração. A terceira época estudada de aplicações foi no perfilhamento, emborrachamento, fim de floração e fase de maturação dos grãos.

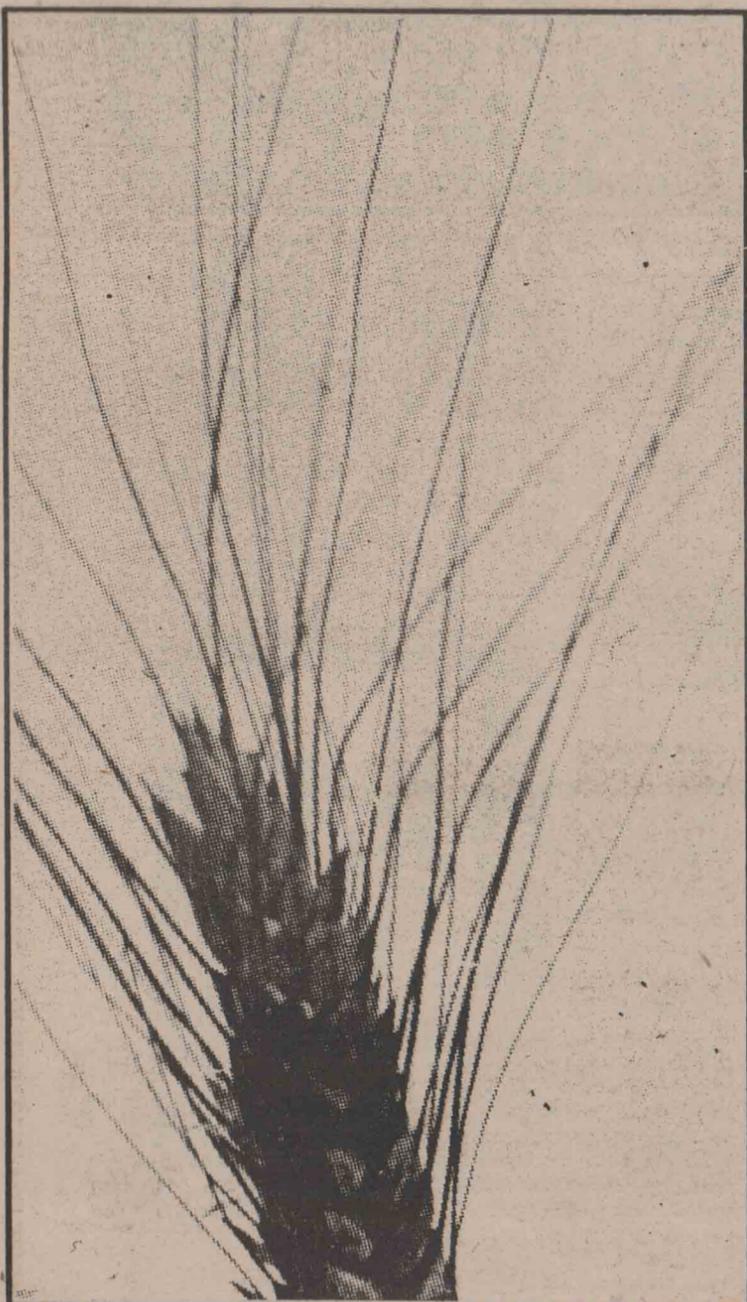
Nos resultados obtidos

em Passo Fundo observou-se que não houve efeito da adubação foliar sobre o rendimento e nem no peso hectolítrico do trigo; também não se observaram diferenças no rendimento nos tra-

tamentos de duas, quatro ou cinco aplicações durante o ciclo da cultura.

A seguir podem ser observados esses resultados obtidos em Passo Fundo em 1975.

Adubo	Adubos Foliares					Média	%
	15-30-15	10-20-10	9-9-7	32-0-0	Test.		
9-36-12 kg/ha							
0	1125	1180	1120	1150	1175	1130	100
200	1801	1743	1698	1583	1680	1701	150
200+40N	1745	1681	1781	1708	1775	1738	154
Média	1557	1534	1533	1480	1510	1523	



POR TRATOR OU POR AVIÃO, LAÇO É A SOLUÇÃO.



LAÇO na soja, aplicado por trator, economiza tempo, mão-de-obra e dinheiro. Não precisando ser incorporado, permite a aplicação

juntamente com o plantio da soja, em uma só operação, acoplado ao pulverizador à plantadeira. LAÇO pode também ser aplicado com pulverizadores comuns acoplados ao trator, após o plantio, antes da emergência das ervas.

Aplicado por avião, LAÇO na soja economiza tempo, equipamento, mão-de-obra e dinheiro.



LAÇO controla ervas de folha larga e de folha estreita, oferecendo absoluta segurança para o seu investimento.

LAÇO é o resultado de pesquisas e testes conduzidos com os recursos da mais avançada tecnologia. É o herbicida ideal para a soja brasileira.



LAÇO NA SOJA, DIVISAS PARA O BRASIL.

Laço
UM HERBICIDA **Monsanto**

Comercialização e Serviços Técnicos no Brasil, pela Divisão Agrícola de

Indústrias Monsanto S.A.
01301 Rua da Consolação, 881-1º andar
C. Postal 8341 - Tel. 257-7966
Telex 011-21883 - São Paulo - SP

LAÇO é marca registrada da Monsanto Co.

Esteio Convida para terceira Exposição

Realizar-se-á de 22 a 30 do corrente no Parque de Exposições de Esteio, a Terceira Exposição Inter-

nacional de Animais, além de outras mostras paralelas como a 39ª Exposição Estadual, a 32ª Exposição

de Ovinos Controlados, a 34ª Exposição de Gado Holandês, a 27ª Exposição de Gado Jersey, a 39ª Exposição de Gado de Corte, a 39ª Exposição de Equinos Crioulos, a 23ª Exposição de Suínos, a 105ª Exposição Avícola e a 7ª Exposição de Coelhos.

Segundo o Serviço de Informação Agrícola da Secretaria da Agricultura, estão inscritos para a III Expointer 4 mil animais, dos quais 327 do estrangeiro.

Nesta exposição internacional participarão com animais, estandes ou máquinas agrícolas, a Alemanha Federal, Argentina, Chile, Dinamarca, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Canadá, Estados Unidos, Bél-

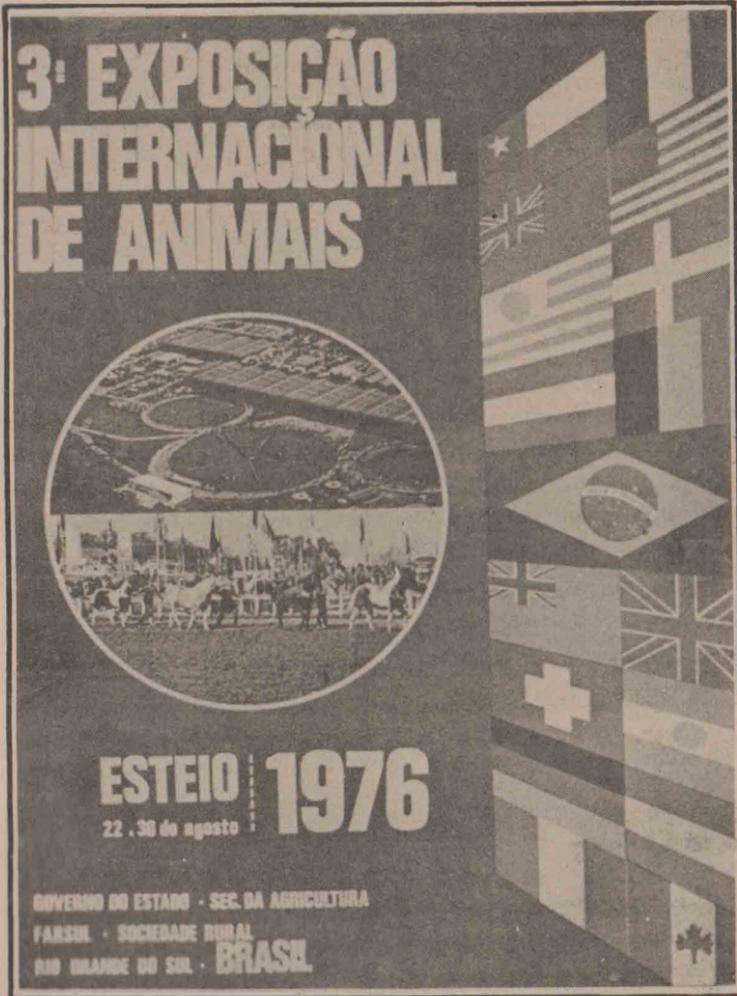
gica, Paraguai e Uruguai, além do Brasil, com representantes dos estados do Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

O Parque de Exposições de Esteio, a 25 quilômetros de Porto Alegre, abrirá para o público a partir de 22 de agosto, das 9 às 19 horas. Ingressos custarão 5 cruzeiros, sendo franca a entrada para acadêmicos de agronomia e veterinária, alunos de escolas técnicas agrícolas e jornalistas.

O número de animais inscritos (4.787) ultrapassou em muito a capacidade do parque de Esteio, ainda que este possua 35 mil metros quadrados de pavilhões cobertos metálicos.

Dos 4 mil animais, que serão exibidos na mostra, 780 são ovinos; 1.239 bovinos de corte; 202 bovinos mistos; 911 bovinos de leite; 35 zebuínos; 8 bubalinos; 353 equinos; 649 suínos; 310 aves; 300 coelhos.

Em particular, há expectativa em torno dos pavilhões da França e da Itália. Este último por ser país que pela primeira vez participará da EXPOINTER, e a França porque exibirá equinos das raças Percheron, Breton e Cob, ainda não divulgadas no Brasil. A maior representação será do Uruguai, com 100 animais, seguido de outro país vizinho, a Argentina, que inscreveu 77 animais para a Terceira EXPOINTER.



ATUALIZAÇÃO EM SOLOS

Organizado pela FECOTRIGO, realizou-se dias 20 e 21 de julho último, no Instituto Agrônomo da UFRGS, em Guaíba, um curso de atualização em solos. A denominação do curso em si diz dos propósitos do mesmo: atualizar os técnicos para que esses transfiram os resultados aos que trabalham na extensão.

A temática do curso abrangia solos do Rio Grande do Sul, acidez e calagem adubação (amostragem, análise do dolo e manejo com

adubos) e conservação do solo. Foram ministrantes os engenheiros agrônomos Paulo Schneider, do INCRA; Marino Tedesco, José Stammel, João Mielniczuk e Neroli Pedro Cogo, da Faculdade de Agronomia da UFRGS.

Dentre os 50 participantes, estavam os agrônomos Alberto Parenti Filho, Luiz Volnei Viau, Paulo G. Schmidt e Rivaldo Dhein, todos do Departamento Técnico da COTRIJUI.

Não há fungo de trigo que resista a uma dupla dessas.



Trabalhando juntos, eles acabam com a ferrugem da folha e do colmo, com a septoriose da folha e da gluma, com o oídio (ou cinza), com a helmintosporiose e ainda com a giberela.

Proporcionando, com isso, aumentos de produção da sua lavoura, que poderão ir de 30 a mais de 100%, sem contar ainda a melhor qualidade dos grãos colhidos.

Quem diz isso não é só a Du Pont. Mas os próprios órgãos oficiais de pesquisas dos estados do Rio Grande do Sul e Paraná, que têm usado Manzate D e Benlate em suas pesquisas, obtendo resultados iguais ou melhores do que esses. Isso com apenas uma ou duas aplicações dos dois fungicidas combinados, dentro do programa de 2 a 3 pulverizações anuais.

MANZATE® D
&
BENLATE®



MANZATE D E BENLATE SÃO MARCAS REGISTRADAS DA DUPONT

Mãos Agrícolas

Segundo João do Sul



Mãos honradas, calejadas,
Bemfeitoras, criadoras,
Geradoras, produtoras.
Mãos que protegem, que aquecem,
Mãos que semeiam a bonança
De searas e vergéis.

Mãos de centauro, argonauta,
Mescla de celta e de índio . . .
Mãos de pai (que orientam),
Mãos de mãe (que acalentam),
Mãos que traçam trajetórias.
Mãos que são mesa, talheres,
Força, amor, vigor e ação;
Mãos que se transformam em pão.

Mãos que são pluma . . . são aço.
Que são punhais, são ternura,
Mãos que são seiva, são mel . . .
Mãos de mártir, mãos de herói,
Mãos que germinam do êrmo,
A vida da nossa vida.

Colono e Motorista foram lembrados no 25 de Julho

Várias solenidades homenagearam o Colono e o Motorista no último dia 25, data consagrada aquelas duas categorias profissionais.

Em Ijuí, houve passeata de motoristas camioneiros que percorreram os pontos centrais da cidade, em préstito organizado e executado pela Cooperativa de Transportes Rodoviários de Carga Serrana Ltda. — COTRACARGA.

O ponto alto das festividades alusivas ao Dia do Colono e do Motorista foi na localidade do Alto da União, em festa promovida pelo Clube local, que festejou naquele dia, o seu Jubileu de Prata. Antes de chegar a esta localidade, a caravana de camioneiros da COTRACARGA, orientada por seu presidente, Alberto Feistel, lançou a pedra fundamental de sua nova sede. A obra será erguida no entrocamento das estradas Ijuí-Cruz Alta-Augusto Pestana, numa extensão de 15 mil metros quadrados, doados pelo Município.

A cerimônia de lançamento da pedra fundamental foi assistida pelas autoridades, grande número de motoristas e público em geral. O decreto-lei do termo de doação da área foi lido pelo secretário do Município, sr. Elio Piccoli. Os documentos constantes da pedra fundamental foram colocados no interior da urna pelo sr. Frederico Kerster,

o associado mais idoso da COTRACARGA.

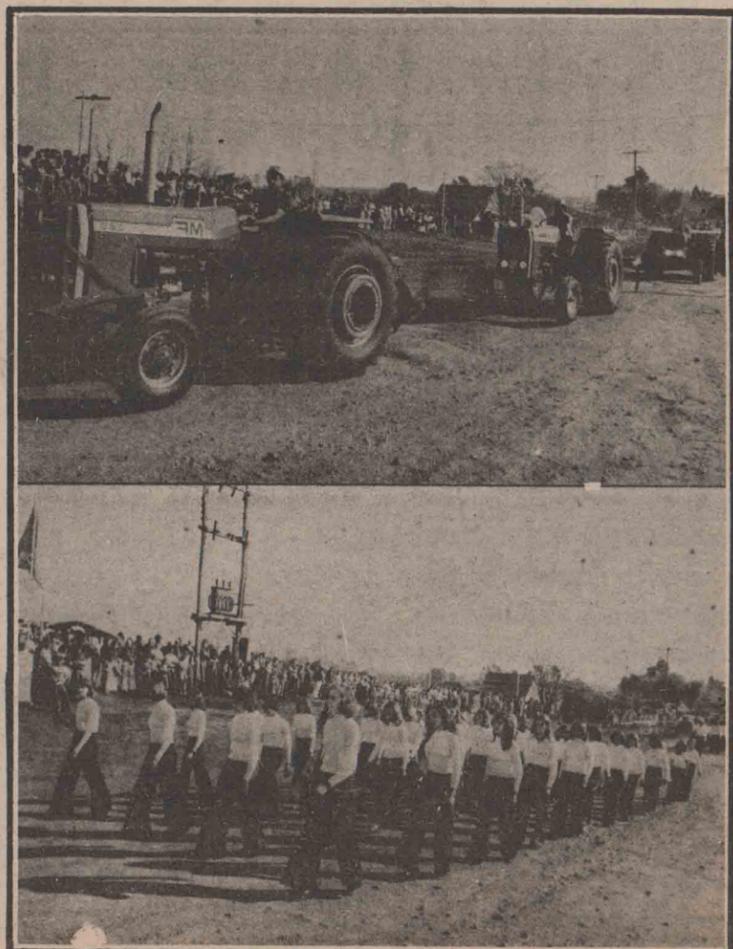
Usaram da palavra, na oportunidade o prefeito Emídio Odósio Perondi e o sr. Alberto Feistel, presidente da cooperativa.

Em Alto da União, perante grande público que desde as primeiras horas da manhã começou a lotar o local, prosseguiram as festividades alusivas ao dia.

Com a chegada das autoridades e convidados, foram hasteadas as bandeiras do Brasil, do Estado e do Município, seguido de desfile de colegiais e de agricultores e motoristas, sendo que os agricultores desfilaram dirigindo seus tratores.

Ao meio dia foi servido churrasco às autoridades e público presente. A mesa principal foi constituída, a chamado do sr. Nilo Grenzel, pelas seguintes personalidades: prefeito municipal Emídio Odósio Perondi, presidente do Clube Alto da União, Armando Merten, deputado Rubi Diehl, médico Armindo Pydd, Ruben Ilgenfritz da Silva, Nilo Bonfanti, tenente La Hire Esteves Machado e rainha da festa, Paula Lúcia Krieger e suas princesas.

Conforme decreto do Executivo Municipal, de nº 575, os festejos comemorativos ao Dia do Colono e Motorista serão realizados anualmente na localidade de Alto da União.





SUPLEMENTO INFANTIL - AGOSTO/76

ESCOLINHA DE ARTE-FIDENE

ELABORAÇÃO: MARITA KELM-VIROFRANTZ-MOACIR LIMA

BARALADENASITRAPEIMARRADAT
 IDORAFGIPBALEHPABOIDEJLHA
 AOEMEIHAEETMRIABVUNMGRSOA
 PAAAFNGPAFEACEOCOMEATORRAD
 OFCDAMRTUILBEXTLHBMINIONA
 RDFALOAUFTJFMGESAPERTEUDAP
 TBKJKZFTHEGALINHEIROPADEMU
 ESCOLEGIOFOALOPAEECIRAMEMET
 ROEMADORUAPPPOCAAALIIPSSRU
 DSSENNHHAAORTTOOCMUEATOSRU
 OARALADENASITRAPEECIMARRDCO
 POCETASRUTXUH IJAMLOSIRTOC
 ROBERTOCARLOSIBIAPORTERARO
 OBR LARDES MATSICFHGILAPRAQ
 CQUEJOBADURMIXOTCHEMONTEBI
 CULCESTOQRUARNTOCUARTEBEL
 UPANRAEIKEDO AURIAODEBOCMR
 LAULDNSHOMAMALIMENTOALOBBS
 CRMAETIQUENVISJOAPROFETAS
 EASAPARECEIVO CUIQUEBUANHM
 SEODORAVA OERELIVMRAIOADHIN
 CSEFAEJMSMDSMAVOAOSTUORIEJO
 RTSNCOMES EOAONATUMECYORILB
 SAODEFOSTURFA R CAXRUEONAMA
 ARUOVALJOADOSOBCMITIPHOPR
 ALOCTRIRNLMAIJAI AOBODRVED
 DSATRAZEITCHEINOPEBUCADBN
 PEMANATOZVIDSRRQTRSCXADBN
 MLALANOICANRETNIBACOTDALCO
 NL DQUEFALTURI O EOMNABORCAV
 GHA MAISEVCEPRCOBADRSAYOR
 IEOENDES OETRSEANBEADV MQUI
 PUQABEQPEDRANAMOBECEANNOZ
 BBUOVO LATAOBHEKOCIJLNF OI
 FMARUOVA LOBANIMABEJILANIP
 BTEMAISELOIHALNMUTE M SORLAG
 ISAQUEIONQSANTIGEMATU RS MU
 LNOETMAS HANCTIANO ANO EO AM
 LKAIOATTA INAGEPCFZEUM OIDI
 KAHNAUPO LMONUABELADAMAR
 ESCOLESRESPIREFUNDO NA MA D'O



DE CRIANÇA PARA CRIANÇA

Nós estamos muito contentes. Sabem por que? Porque estamos recebendo colaboração de muitas crianças.

Clóvis Jair Horing — 12 anos — Santo Augusto — O desenho que você fez, está na última página.

Antônio E. Dressler — Augusto Pestana — Nós não esquecemos a colaboração que você enviou. Estamos publicando-a na última página. OK?

Waldemar Paulo Savicki — Santo Augusto — A história que você escreveu, sobre os três pintinhos, sairá numa outra oportunidade. Quanto a trova que você fez, está na última página. Continue colaborando, tá?

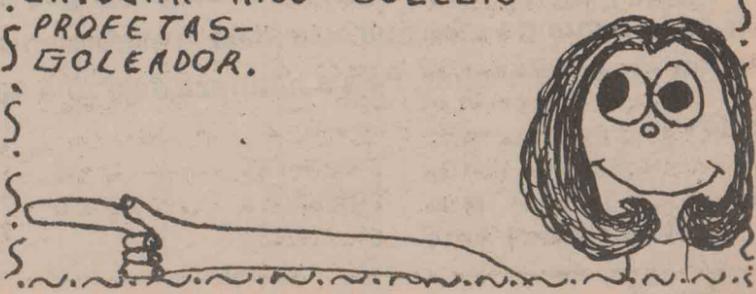
Amiguinhos, agora que já passaram as férias, todo mundo está em forma outra vez.

E você, que também está com vontade de colaborar, mande a sua cartinha para o COTRISOL — Escolinha de arte da Fidene — IJUÍ RS.

Até o próximo número. TCHAU.

VAMOS PROCURAR?

- ARMADA-ATLETA-GALINHEIRO-
- ALIMENTO-INTERNACIONAL-
- COTRIJUI-TALCO-NAMORADA-RIO-
- GRANDE-RAMADA-ROBERTO CARLOS-
- GALOS-RESPIRE FUNDO-CORAGEM-
- LAVOURA-RIOS-COLEGIO-
- PROFETAS-
- GOLEADOR.



O MISTÉRIO DO COELHO PENSA

Pois olhe, Paulo, você não pode imaginar o que aconteceu com aquele coelho. Se você pensa que ele falava, está enganado. Nunca disse uma só palavra na vida. Se pensa que era diferente dos outros Coelhos, está enganado. Para dizer a verdade, não passava de um coelho. O máximo que se pode dizer é que se tratava de um coelho muito branco.

Por isso tudo é que ninguém, nunca imaginou que ele pudesse ter algumas idéias. Veja bem: eu nem disse "muitas idéias", só disse "algumas". Pois olhe, nem de algumas achavam ele capaz.

A coisa especial que acontecia com aquele coelho era também especial com todos os coelhos do mundo. É que ele pensava essas algumas idéias com o nariz dele. O jeito de pensar as idéias dele era mexendo bem depressa o nariz. Tanto franzia e desfranzia o nariz que o nariz vivia cor-de-rosa. Quem olhasse podia achar que pensava sem parar. Não é verdade. Só o nariz dele é que era rápido, a cabeça não. E para conseguir cheirar uma só idéia, precisava franzir quinze mil vezes o nariz.

Pois bem. Um dia o nariz de Joãozinho — era assim que se chamava esse coelho — um dia o nariz de Joãozinho conseguiu farejar uma coisa tão maravilhosa que ele ficou bobo. De pura alegria, seu coração bateu tão depressa como se ele tivesse engolido muitas borboletas. Joãozinho disse para ele mesmo:

— Puxa, eu não passo de um coelho branco, mas acaba de cheirar uma idéia tão boa que até parece idéia de menino.

E ficou encantado. A idéia que tinha cheirado era tão boa quanto o cheiro de uma cenoura fresca.

Joãozinho começou então a trabalhar nessa idéia. E para isso precisou mexer tanto o nariz que dessa vez o nariz ficou quase vermelho. Coelho tem muita dificuldade de pensar, porque ninguém acredita que ele pense. E ninguém espera que ele pense. Tanto que a natureza do coelho até já se habituou a não pensar. E hoje em dia eles todos estão conformados e felizes. A natureza deles é muito satisfeita: contanto que sejam amados, eles não se incomodam de ser burrinhos.

Desconfio que você não sabe bem o que quer dizer natureza de coelho.

Natureza de Coelho é o modo como o coelho é feito. Por exemplo: a natureza dele dá mais filhinhos do que a natureza das pessoas.

É por isso que ele é meio bobo para pensar, mas não é nada bobo quando se trata de ter filhinhos. Enquanto um pai e uma mãe têm de cada vez devagar um só filho-gente, o coelho vai tendo muitos, assim, como quem não quer nada. E bem depressa, igual como franze e desfranze o nariz.

Natureza de coelho é também o modo como ele adivinha as coisas que fazem bem a ele, sem ninguém ter ensinado.

Natureza de coelho é também o modo que ele tem de se ajeitar na vida.

Como eu ia contando, Joãozinho começou a trabalhar na idéia. A idéia era a seguinte: fugir da casinhola todas as vezes que não houvesse comida na casinhola.

Você talvez esteja decepcionado, Paulinho. Você talvez esperasse outro tipo de idéia, você que tem tantas. Mas acontece que esta história é uma história real. E todo o mundo sabe que essa idéia é exatamente a espécie de idéia que um coelho é capaz de cheirar. Pois a natureza dele só é esperta para as coisas de que ele precisa.

Como eu ia contando, Joãozinho não tinha comida na casinhola.

Mas o problema era o seguinte: coelho não podia sair da casinhola.

A casinhola: — é preciso não esquecer de fechar a casinhola. O único modo de se abrir a casinhola era com uma chave de ferro pesado, só gente é que sabia fazer.

Durante dois dias Joãozinho franziu o nariz para ver se cheirava a solução.

E a idéia finalmente veio. Dessa vez não era de uma criança, que tem idéias ótimas, mas de um coelho.

A idéia foi a seguinte: ele descobriu que podia abrir a casinhola com o nariz, melhor fez.

De repente os donos do coelho viram o coelho fugir atrás dele, chamaram as outras crianças e finalmente conseguiram prendê-lo dentro da casinhola. Então com um cabo de vassoura conseguiram perseguí-lo e prendê-lo.

Você na certa está esperando que ele saísse da casinhola.

Mas aí que está o mistério: não se sabe como ele conseguiu.

E as crianças também não sabiam como ele conseguiu abrir a casinhola com o nariz. Pelas grades? Nunca. As grades eram apertadas.

Enquanto isso, as crianças, que não sabiam que o coelho branco só fugia quando não havia comida, não mais se esqueceram de encher o prato dele.

Mas aí vem o pior. (continua no próximo número)

Extraído de LISPECTOR, Clarice Lispector, O Povo. MAR 72.

ANTE

Clarice Lispector

lembrou-se de fugir cada vez que faltasse

como é que ia poder sair de lá de dentro?

— tinha grades muito estreitas, e João-

o. É claro que não podia passar pelas grades.

para levantando o tampo. E o tampo, Paulo,

na levantar.

ziu e desfranziu o nariz milhares de vezes

ez, Paulo, foi uma idéia tão boa, que nem

pode adivinhar.

iu como sair da casinhola. E, se bem pen-

ram o coelho na calçada, gritaram, correram

s da rua — todas juntas cercaram Joãozinho

ovo. Foi uma dificuldade tirar o coelho

o aonde? Em baixo de um carro parado.

guiu-se afugentá-lo de lá e puderam enfim

em agora diga qual foi o jeito que ele arran-

i.

. Por que, como eu lhe disse, o tampo era

Lembre-se de que Joãozinho era gordo e as

ão tem natureza boba, foram notando que o

via comida na casinha. De modo que nunca

dele.

próximo número).

e. C. Mistério do Coelho Pensante. Correio



AJUDE A FORMIGA A CHEGAR EM SUA CASA QUE FICA EM CIMA DE UMA FOLHA.

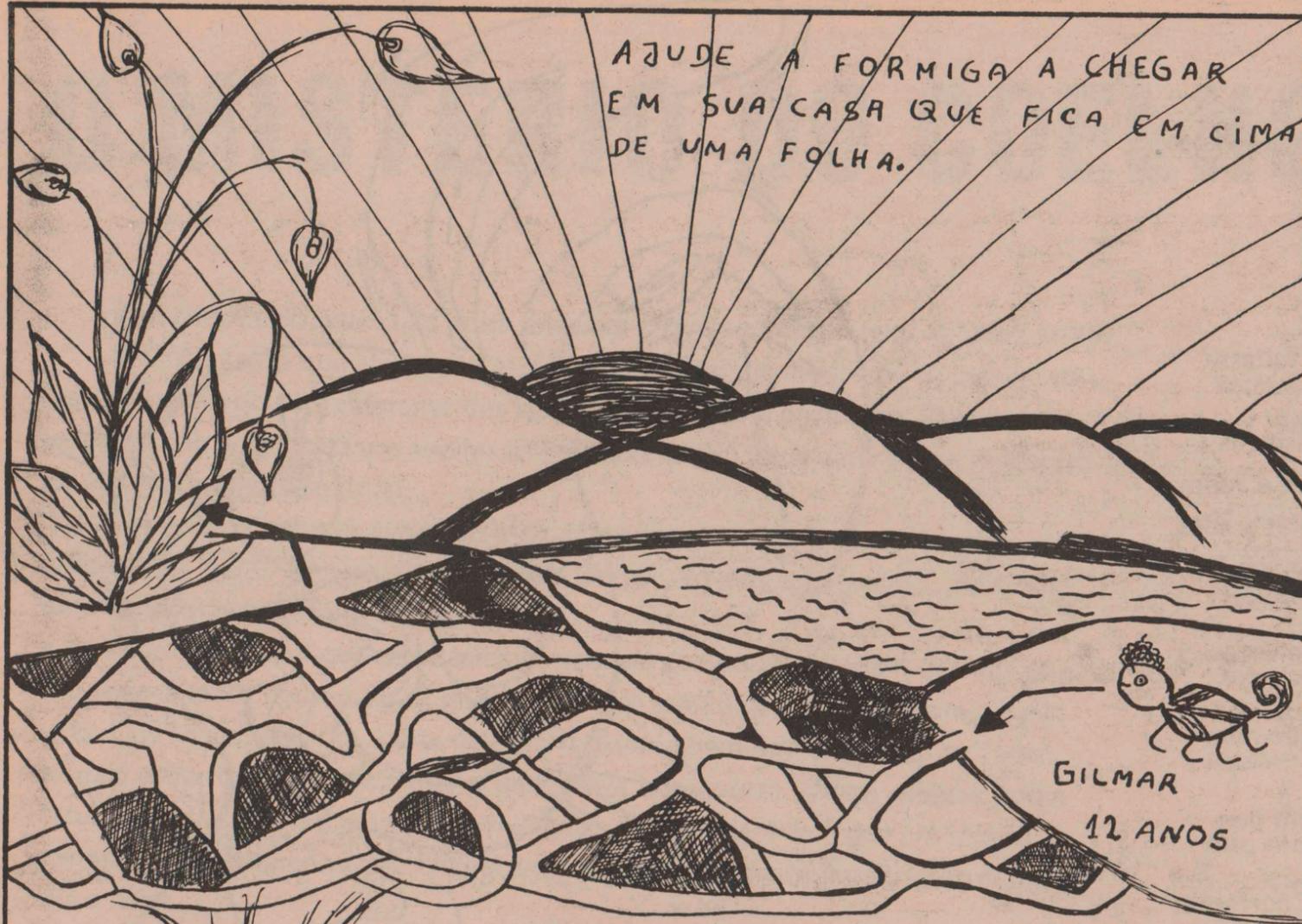
TROVAS



MEU NOME É WALDEMAR
 AQUI MORO EM SÃO VALÉRIO
 GOSTO MUITO DE ESTUDAR E DESCOBRIR MISTÉRIOS!
 AQUI TENHO MUITOS AMIGOS, LONGE DAQUI TAMBÉM MUITOS CONTAM COMIGO
 INIMIGOS COMIGO SÓ DE VAIE VEM.
 GOSTO DE LER, É CLARO
 TRABALHAR TAMBÉM AQUI TEM O JOÃO DE BARRO E MUITO MAIS, É CERTO QUE TEM.

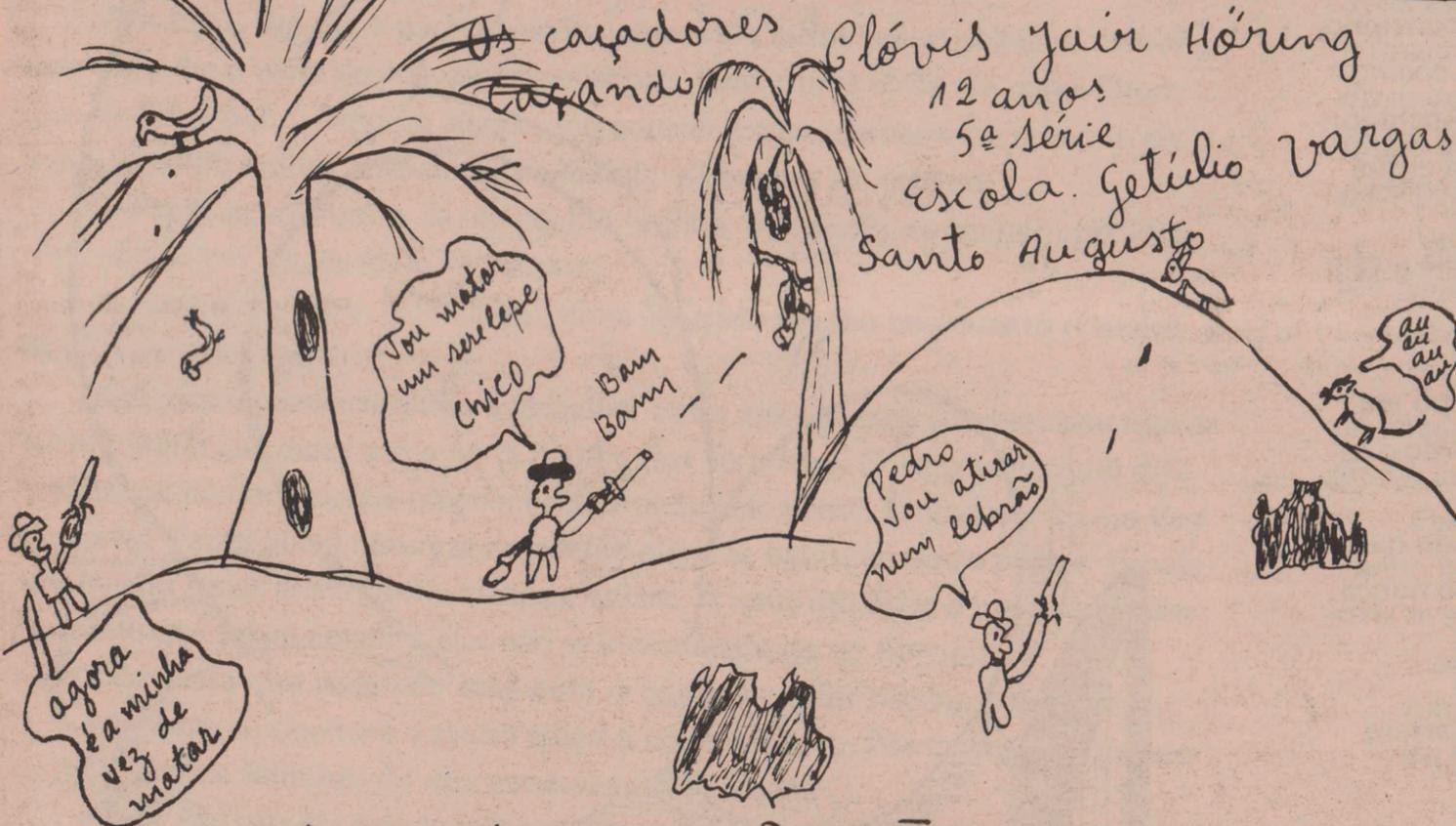
POR ONDE PASSO DEIXO SAUDADES DAQUELAS DE NÃO ESQUECER PARA MIM VEM NOVIDADES ATRAVÉS DA ARTE DE ESCREVER.
 GOSTO DE TUDO QUE É BRINCADEIRA QUE NÓS PODEMOS PRATICAR POIS É NA POPULAÇÃO BRASILEIRA QUE NASCEU A GLÓRIA DE GANHAR.

Waldemar Paulo



GILMAR
12 ANOS

Os caçadores fazendo Glóvis yair Höring
 12 anos
 5ª serie
 escola. Getúlio Vargas
 Santo Augusto



A FORMIGA E O PULGÃO

